

ALÉM DO HORIZONTE



GRACE ROSHER

Tradução: Amadeu António

ALÉM DO HORIZONTE

GRACE ROSHER

**Sendo novas Evidências do Outro Lado da Vida Comunicadas por
Gordon Burdick em Escrita Automática**

*Prefácio por Sir Victor Goddard, K.C.B., C.B.E., M.A. Publicado
para a Churches' Fellowship for Psychical Study por JAMES CLARKE &
CO. LTD. 1961*

A todos os que estão enlutados este livro é dedicado, pois:

*“A vida é eterna e o amor é imortal e a morte é apenas um horizonte,
e um horizonte nada mais é do que o limite da nossa visão.”*

PREFÁCIO

por Sir Victor Goddard, K.C.B., C.B.E., M.A.

Prenunciar é desconfortável — especialmente quando é imposto a um executante relutante como um dever. Eu conheço Grace Rosher. Conheço-a como uma pintora de retratos cujo principal interesse e prazer é pintar miniaturas, algumas das quais foram exibidas na *Royal Academy*. Isso significa trabalho sério. Conheço a sua inclinação para não ser apanhada numa atividade tão alheia ao que considerava apropriado para si mesma. Ela tinha, e ainda tem, uma resistência "constitucional" à exploração — ou mesmo à exploração — da vida além da morte.

Grace Rosher não é cientista: não tem curiosidade desse tipo. A sua fé religiosa tornava a experiência psíquica desnecessária — na verdade, repugnante, porque era "contra as regras". As circunstâncias levaram-na a tornar-se uma espírita reflexiva e cautelosa. Uma mulher de humildade e, no entanto, de honestidade direta, de capacidade prática e independência de pensamento, uma cética convicta com um apurado sentido do ridículo; a autora e compiladora deste trabalho tem uma reverência para com os vivos nos reinos além da morte que proíbe a presunção e, por isso, quase a proibiu de presumir receber.

No entanto, tendo-o feito, a audácia regressou para justificar o seu teste implacável do seu próprio trabalho e a sua verificação em todas as fontes de orientação, incluindo, naturalmente, o seu próprio comunicador. Pois, como ela me explicou, de tudo o que possamos escapar, não podemos escapar à responsabilidade pelo que oferecemos aos outros para receber.

Ciente dessa responsabilidade, recomendo este livro a todos os que se atrevam a ver, talvez apenas com a visão emprestada dos pioneiros na vida e no viver, a realização emergente, dentro dos horizontes deste mundo material, de uma vida mais abundante do que as palavras podem descrever.

Até agora, na melhor das hipóteses, todos exceto místicos de rara percepção defendiam que a vida na sua verdadeira plenitude e beleza só se encontra, em última instância e após um sofrimento interminável, no infinitamente distante. Gordon Burdick, através da mão entregue de Grace Rosher, mostrou mais uma vez que o propósito da vida é viver, agora e aqui, e que o horizonte além do qual a vida abundante floresce não é mais remoto do que a ponta dos nossos dedos: está envolto nas nuvens do desconhecimento pela mente que não compreende.

Mas, por favor, não suponham que Gordon Burdick seja outra coisa que não ele próprio, vendo e sabendo um pouco mais, e ainda misturando as suas próprias preconceções com novas intuições. Na infinidade do saber, ele pode estar apenas um pouco mais informado do que nós, embora para nós, seres sencientes inferiores, exista um mundo de diferença entre nós e ele.

Brasted, 27 de Outubro de 1961.

INTRODUÇÃO

Ao introduzir as seguintes comunicações do que é referido pelo meu Comunicador como “O outro lado da vida”, desejo deixar claro que nenhum de nós tinha qualquer conhecimento ou interesse no Espiritualismo. Na verdade, eu era decididamente preconceituosa contra qualquer coisa desse género e não desejava investigar o assunto. Mas isto não significa que eu não acreditasse numa vida futura.

Enquanto ainda era jovem, tive uma experiência onírica muito vívida de uma parente muito amada que tinha falecido, na qual consegui manter

uma breve conversa com ela que terminava com estas palavras: “*Se ao menos as pessoas soubessem, se ao menos as pessoas compreendessem, ninguém jamais teria medo da morte.*” Esta experiência, que relatei ao meu amigo Gordon Burdick, não só acalmou o meu sentimento de dor naquela época, mas deixou uma impressão tão profunda na minha mente que fiquei completamente convencida de que a vida continuava após a morte.

Quando recebi a notícia do falecimento súbito do meu amigo, pouco antes de ele embarcar para Inglaterra, a minha única esperança era ter uma experiência de sonho semelhante com ele, na qual ele falaria comigo. Conhecemo-nos na juventude e a amizade feliz e afetuosa que nasceu entre nós continuou ininterrupta ao longo dos anos. O seu falecimento súbito, pois ele vinha ao meu encontro, foi um golpe severo. A minha primeira reação, após recuperar do choque imediato, foi: “Pelo menos ainda podemos 'pensar' um ao outro”. Ele acreditava que a comunicação telepática era possível entre pessoas que se queriam bem, e tinha-me dito isso numa carta; e de tempos a tempos foi-me provado abundantemente que os nossos pensamentos se alcançavam através das quatro mil milhas que, na maioria das vezes, nos separavam.

Tentei ser grata pelos longos anos de amizade perfeita que tanto adoçaram a vida e pelo facto de a sua partida ter sido tão suave (disseram-me que ele tinha partido durante o sono). Senti que, onde quer que ele estivesse, não estava além do alcance do meu amor, ou dos meus pensamentos e orações.

Não senti desejo algum de tentar entrar em contacto com ele através de um médium de qualquer tipo; algo dessa natureza ter-me-ia sido repugnante. Da escrita automática eu não tinha conhecimento, além do facto de ter ouvido dizer que tal coisa existia, mas o que era exatamente eu não fazia ideia. Foi por causa desta minha atitude, portanto, que a iniciativa teve de vir do outro lado.

As minhas sensações foram uma mistura de perplexidade, alegria e incredulidade. Poderia ser verdade que era realmente ele? Tentei tranquilizar-me de que eu era uma pessoa prática, não facilmente impressionável ou ingénua. No entanto, apesar disso, passei por períodos agonizantes de dúvida, temendo ser vítima de alguma alucinação estranha ou de autoengano inconsciente. Eu queria desesperadamente acreditar, mas atrever-me-ia?

Agora, passados quase quatro anos desde essas primeiras mensagens escritas de forma vacilante, tive tantas provas da autenticidade das comunicações e da companhia próxima do próprio Comunicador, que a dúvida já não é possível. Nas comunicações propriamente ditas, absteve-me de editar; por exemplo, a palavra “*through*” é invariavelmente escrita como “*thru*”, algo que eu, como mulher inglesa, nunca faria. Gordon Burdick era canadiano de nascimento, e isso pode explicar este pequeno americanismo.

É minha sincera esperança e oração que a mensagem contida nas páginas seguintes traga aos que as leem alguma medida do conforto e da segurança que me foram dados, com uma nova percepção do maravilhoso amor e da justiça bondosa d'Aquele a quem chamamos “Nosso Pai”.

APRESENTAÇÃO

pelo Rev. John D. Pearce-Higgins, M.A. *Vice-Presidente da The Churches' Fellowship for Psychical Study*

Este é o segundo livro da série de publicações da C.F.P.S. e, tal como o primeiro, é, em todos os sentidos da palavra, o livro da autora. O título, o subtítulo e a dedicatória são a própria avaliação da autora sobre o conteúdo dos escritos que recebeu. Não se pode dizer que ela tenha chegado a esta avaliação sem uma consideração considerável ou tentativa de compreensão científica da experiência notável que lhe surgiu, aparentemente sem ser solicitada.

Ela fez os esforços mais sinceros para evitar o autoengano. O relatório do Sr. Hilliger, o grafólogo, atesta a sinceridade da busca pela verdade científica. Ele concluiu que uma identidade tão grande de maneirismos e traços inconscientes na escrita não poderia dever-se a falsificação ou a qualquer atividade consciente da parte da escritora.

A aceitação dos escritos como o contacto genuíno de Gordon Burdick com a sua velha amiga coloca, no entanto, quase tantos problemas ao crítico como a não aceitação; a menos que ele esteja preparado para aceitar a visão de que Gordon Burdick ainda se encontra num “plano próximo da terra” e, portanto, não conhece todas as respostas. As limitações da visão teológica demonstradas no tipo de perguntas que a Srta. Rosher fez, e nas

respostas dadas, devem ser óbvias para qualquer estudante de religião. Em particular, não nos é dada nenhuma explicação real sobre a sugestão de que os espíritos humanos existiram antes de encarnar nesta terra.

Mas este é, obviamente, o tipo de problema com que os estudantes de assuntos psíquicos se deparam. As comunicações servem para sublinhar a importância de não atribuir “omnisciência” àqueles que passaram recentemente para o outro lado.

Com estas ressalvas, a C.F.P.S. tem muito prazer em patrocinar a publicação deste registo honesto e direto de “algo que aconteceu a alguém” no século XX — uma experiência psicológica invulgar que exige explicação e avaliação nos termos mais amplos de que as nossas técnicas modernas são capazes. Aqui está uma carcaça magnífica — e que as águias da ciência se reúnam para ver o que conseguem fazer dela!

Pode vir a provar ser um alimento indigesto para aqueles que procuram despedaçá-lo com explicações fáceis de uma origem “subjetiva”. Por outro lado, o estudo desta experiência, cuja mecânica está invulgarmente bem documentada, ajudará a lançar luz sobre muitos outros escritos de natureza “automática” que abundam no campo psíquico.

Aqueles que aceitam estas comunicações como informações genuínas não precisam de ficar indevidamente desanimados com a falta de conhecimento teológico do comunicador, pois apenas verão nisto uma confirmação do que sempre foram princípios da fé cristã: primeiro, que na casa do Pai, no além, há muitas moradas — ou seja, muitos graus e planos de consciência; e, segundo, que o ministério dos anjos ou mensageiros de Deus é, de facto, uma realidade. É, decerto, um pensamento confortador acreditar que o “Serviço Civil Celestial”, se assim posso chamar-lhe, está a trabalhar horas extraordinárias em nosso benefício, em benefício de todos os homens de boa vontade, para acalmar a loucura das nações e evitar a catástrofe que todos tememos, e para cuja prevenção Gordon Burdick parece chamar-nos tão solenemente a esforçar-nos ao máximo.

* * *

Pode acrescentar-se, como pós-escrito, que as comunicações ainda continuam e que o método de comunicação e o modo de segurar a caneta se estão a tornar cada vez menos dependentes de qualquer movimento da própria mão da Miss Rosher, e que o comunicador expressou a esperança

de que, em breve, será capaz de escrever de forma totalmente independente da mão da Miss Rosher. Mas as informações sobre tudo isto devem aguardar por um volume posterior.

JOHN D. PEARCE-HIGGINS *Vicarato de Putney, 25 de Setembro de 1961.*



Gorson Burdick

Parte Um

O Início

São três e meia de uma tarde de Setembro de 1957. Eu estava sentada à minha mesa ocupada a escrever cartas. Tinha acabado de terminar uma, endereçado o envelope e debatia mentalmente se haveria tempo para começar outra antes de chegar uma visita que esperava para o chá. A minha mão, ainda segurando a caneta, descansava sobre o bloco de papel enquanto eu tentava decidir esta questão, quando ouvi as palavras: “Deixa a tua mão aí e vê o que acontece”, tão nitidamente como se tivessem sido faladas. Concluo agora que devo tê-las ouvido de forma clariaudiente. A minha reação mental instantânea foi: “Ora, não é provável que aconteça nada”, mas para meu total espanto, a caneta começou a mover-se sem qualquer esforço da minha parte.

Enquanto observava fascinada, concluí que algum tipo de força elétrica em mim deveria estar a causar o movimento da caneta; mas, da linha errática que rastejava pela página, começaram a formar-se palavras, e a mensagem “Com amor de Gordon” apareceu lentamente. A frase foi repetida, depois o meu nome e um termo carinhoso, seguidos pelas palavras “escreve frequentemente”. As palavras estavam todas ligadas entre si, e a

escrita, que era muito pequena, era trémula e incerta. Muito intrigada, perguntei mentalmente: “Quem está a fazer isto, és tu ou sou eu?”. Imediatamente a caneta moveu-se e escreveu: “Sou eu, sou eu, Gordon, Gordon”. O nome repetiu-se como se estivesse ansioso por me convencer. Seguiu-se então uma mensagem muito pessoal e preciosa.

Sem saber bem o que pensar desta experiência totalmente inesperada e não procurada, não mencionei a ninguém, na altura, o que tinha acontecido, embora tenha refletido muito sobre o assunto. Quatro dias depois, perguntei-me se haveria possivelmente algo de verdade naquilo e se ele estaria realmente a tentar entrar em contacto comigo desta forma; afinal, ele tinha escrito “Escreve frequentemente”. Por isso, por precaução, talvez devesse dar-lhe a oportunidade.

Assim, naquela noite, peguei no meu bloco de papel e descansei a minha caneta sobre ele, ao mesmo tempo que orava para que, se isto fosse correto e se ele, Gordon, estivesse realmente a tentar alcançar-me, Deus nos guiasse. Em poucos segundos, a caneta começou a mover-se e, com mão trémula, escreveu: “O meu desejo é escrever-te, Gordon. Tenho muito para te contar. Vivemos em casas com jardins, tu adorarias o meu lugar”.

Ainda mistificada, mas curiosa, perguntei mentalmente como era. “Muito bonito”, veio a resposta. “É parecido com Seahaven?” (a casa dele em Vancouver), indaguei. “Sim, muito, Grace, tu e eu estaremos juntos um dia, às vezes estou contigo.” “Consegues ver-me?”, perguntei. “Sim, o teu pé ainda é bonito.” Esta observação deu-me um pequeno estremecimento de surpresa e deleite, pois aqui parecia haver uma prova. Ele sempre afirmara ter orgulho no facto de eu ter um pé muito pequeno e calçar o número 34 ou 35, e muitas vezes, se não nos tivéssemos visto durante algum tempo, ele olhava imediatamente para os meus pés dizendo por brincadeira: “Estou só a ver se cresceram mais”.

Comecei agora a escrever as minhas perguntas e a receber respostas numa caligrafia que se tornava cada vez mais firme e parecida com a sua escrita normal.

Pergunta: “O que fazes?”

G. B.: “Tenho trabalho a fazer.”

Pergunta: “Que tipo de trabalho?”

Resposta: “O meu trabalho é ajudar pessoas que acabaram de chegar aqui.”

Pergunta: “Como?”

Resposta: “Bem, tento fazê-las compreender onde estão.” Pergunta: “Isso é difícil?”

Resposta: “Sim, muitas vezes; tenho de lhes explicar que elas partiram.”

Pergunta: “Como é o teu mundo?”

Resposta: “Muito parecido com o velho mundo, apenas muito mais agradável; vês, não há mais doenças.”

Pergunta: “E que tipo de roupas usas?”

Resposta: “Uso o mesmo tipo de roupas que usava na terra, fatos cinzentos que sei que aprovavas.” Esta resposta divertiu-me, pois era verdade.

Pergunta: “E quanto à religião?” Eu estava a achar este jogo de perguntas e respostas muito emocionante. A resposta a esta pergunta foi:

Resposta: “Não há uma Igreja organizada, mas há uma percepção muito maior de Deus como uma Presença que tudo permeia.”

Pergunta: “Gostarias, ou quiseste, voltar?”

Resposta: “Ao princípio quis voltar, mas agora não; é uma vida mais satisfatória.”

Neste ponto, disse-lhe que, quando soube do seu falecimento súbito, senti que não queria continuar a viver num mundo sem ele. Que desejei que eu também pudesse ir dormir e não acordar mais. A resposta a isto foi:

Resposta: “Isso não foi muito correto da tua parte.” Surpreendida e ligeiramente ferida por esta pequena repreensão, perguntei: “Porquê?”

Resposta: “Acho que foi porque pensaste que me tinhas perdido, mas não perdeste; estás sempre nos meus pensamentos.”

Disse-lhe então que, durante toda aquela semana após ter recebido a sua carta a dizer que não estava bem e temia não conseguir embarcar na

data marcada, tinha rezado por ele sem cessar. Para minha surpresa, ele escreveu: “Eu sabia que rezavas.” “Como soubeste?”

Resposta: “Conseguia senti-lo, sabia que estavas comigo em espírito durante todo esse tempo; senti-te perto de mim, acima de tudo quando passei para o outro lado.” “Onde estás agora?”, perguntei.

Resposta: “Estou muito perto de ti.” Com um estremecimento de felicidade, escrevi: “Acho que isto é maravilhoso.” “Eu também acho”, veio a resposta, “que possamos estar tão perto um do outro. Deus é Amor e somos muito queridos para Ele. Essa é uma das coisas que sabemos por aqui.”

Pergunta: “Tens mais alguma coisa para me dizer, ou estou a reter-te?”

Resposta: “Não, não me estás a reter. Estou mais do que feliz por estar a fazer isto contigo.” “Poderá isto ser realmente verdade?”, escrevi, “Ou estarei a sonhar?”

Resposta: “Não estás a sonhar, nem eu. É verdade, espero que possamos fazer isto frequentemente. Grace, sou eu. Tive tanto desejo de comunicar contigo. Estás a ficar cansada, não achas melhor eu dizer 'Boa noite' e deixar-te ir dormir. Deus te abençoe, Grace queridíssima.”

Dois dias depois, peguei novamente na caneta e no bloco, orando antes de descansar a caneta no papel. Quase de imediato, a caneta começou a mover-se e, para minha consternação, começou com um aviso. Eu era tão ignorante em assuntos psíquicos que não fazia ideia de que poderia haver qualquer perigo neste tipo de coisas, por isso fiquei um pouco assustada quando começou com o seguinte:

“Deves aceitar de boa vontade o que te vou dizer. Não deve haver comunicação com este lado da vida, exceto com aqueles que conheces e amas. A Mãe e as duas irmãs que partiram. Gordon.”

Intrigada, escrevi: “Explica-me, por favor.” “Sim”, veio a resposta. “É porque há algumas pessoas por aqui que tentariam usar-te de uma forma errada, é por isso que te estou a avisar.”

Isto foi uma notícia estranha para mim e, sentindo-me um pouco desconfortável, perguntei se ele queria que eu continuasse e fizesse

perguntas. A resposta foi “Sim”. Escrevi imediatamente: “Conta-me então o que te aconteceu?”. A resposta veio de imediato.

“Adormeci e depois encontrei-me num jardim lindo. Caminhei um pouco e então vi a minha Mãe a vir na minha direção. Ela disse: 'Filho, vim levar-te para casa'. Fiquei tão surpreso ao vê-la que não soube o que dizer. Pensei que devia estar a sonhar. Então ela disse-me: 'Vem comigo, tenho uma grande surpresa para ti'. Fui então com ela para uma casa linda e lá encontrei o N.T., o Charlie, a Blanche e a Lottie. Estavam todos a rir e deram-me uma recepção grandiosa.” (Os nomes mencionados eram irmãos e irmãs que tinham falecido antes dele).

Ele continuou: “Fiquei tão intrigado que não conseguia compreender o que tinha acontecido e ainda pensava que devia estar a sonhar, mas tudo parecia real demais para um sonho. Perguntei: 'Onde estou? E como é que estais todos aqui?'. Então explicaram-me o que tinha acontecido e que eu tinha partido enquanto dormia e que estava agora no outro lado da vida. Eu ainda não conseguia acreditar que era isso que tinha acontecido, mas eles esforçaram-se muito para me convencer. Quando comecei a perceber que isto era realmente verdade, fiquei cheio de admiração por esta coisa a que chamamos morte ser tão fácil.”

Referindo-se novamente aos seus irmãos e irmãs que estavam à espera para o receber, ele disse: “Disseram-me que queriam que a Mãe fosse a primeira a encontrar-me”. Continuou: “Ficarias maravilhada com a forma como todos pareciam tão bem, felizes e mais novos também, e todos pareciam muito satisfeitos por me introduzir na nova vida. Receio que a minha reação os tenha desapontado um pouco. Fiquei perturbado porque, como sabes, tinha marcado a minha passagem para Inglaterra e ia ter contigo.

Eu dizia: 'Pobre Grace, o que vou fazer?'. Sentia-me triste por pensar que não podia ir ter contigo e que outros teriam de te dizer que eu tinha partido. Eles foram muito compreensivos e solidários e disseram-me para não sofrer demasiado e que talvez fosse possível entrar em contacto contigo, que havia formas de tornar a comunicação possível. A Mãe também foi cheia de ajuda e encorajamento e disse-me para não sofrer, mas para me ocupar e encontrar uma maneira de te alcançar. Ela gostava tanto de ti.

Depois fui levado para outro lugar e disseram-me: 'Esta é a tua nova casa'. Para meu deleite, era tal e qual Seahaven. Depois de me ter sido mostrada a minha nova casa, fui levado para outro lugar. Era um edifício muito grande e havia lá imensas pessoas. O meu nome foi chamado e eu respondi. Fui então levado para um lugar onde me mandaram descansar; era como uma espécie de hospital onde nos deitávamos em sofás e nos aconselhavam a tentar dormir. Passado um bocado, disseram-me que podia ir para casa e fui levado de volta para a minha casa e a minha família juntou-se a mim.

Disse aos outros que queria voltar, que queria estar contigo. Então disseram-me que eu podia tentar entrar em contacto contigo mentalmente e tentei pensar no que te poderia dizer e tentei dizer-te que eu estava bem agora. Eu não te conseguia ver na altura, mas passado um bocado descobri que conseguia ver-te muito claramente. Fiquei feliz por poder estar perto de ti assim, foi um conforto para mim.”

A propósito desta afirmação de que ele tentara transmitir-me mentalmente que “estava bem agora”, aconteceu que eu estava a caminhar no jardim com outras duas pessoas quando subitamente tive um sentimento avassalador de que ele estava bem outra vez. O sentimento foi tão forte e convincente que me virei para os meus companheiros exclamando: “Acredito que o Gordon está muito melhor”. Não soube senão dez dias depois que, na altura em que recebi esta impressão, ele já tinha partido algumas horas antes.

Para continuar com o relato da sua experiência imediata após a morte, ele disse: “Pouco depois, disseram-me que todos tinham um trabalho especial para fazer, ninguém ficava ocioso o tempo todo. Eu disse: 'Isso vai servir-me perfeitamente'. Fizeram-me então perguntas e pareceu-me que se sabia bastante sobre o meu carácter e forma de pensar. Perguntaram-me se eu gostaria de ajudar pessoas que, como eu, tinham partido subitamente e estavam chocadas com o facto de não poderem regressar à sua vida anterior. Senti que, ao ajudar outros na mesma situação, que tinham deixado alguém que amavam muito — esposa, namorada ou filhos — eu poderia ajudar-me a mim próprio a enfrentar o meu próprio problema. Essa foi a minha decisão e, embora seja muitas vezes um trabalho difícil e angustiante, tem sido a maior ajuda para mim no enfrentamento da minha própria necessidade, ao tentar satisfazer a deles. A Mãe também me ajudou

imenso através da sua simpatia amorosa e do seu amor por ti, e ambos temos tentado ajudar-te, Grace Querida, e podemos continuar a trabalhar juntos e a ajudar-nos um ao outro ainda.”

Pouco depois, tentei novamente com os seguintes resultados:

“Há tantas coisas que quero dizer-te, que não sei por onde começar. Quero que fales comigo mentalmente, por isso fá-lo, por favor. Vês, é possível para mim estar contigo no teu mundo, embora eu viva agora neste; vês, já não se está impedido por um corpo físico limitado. Por aqui, a Mente controla todas as coisas, o pensamento faz tudo; por isso, se pensarmos em alguém que amamos, podemos estar instantaneamente com essa pessoa, seja neste mundo ou no teu. Acho que tu e eu já sabíamos que os nossos pensamentos podiam atravessar o oceano de uma mente para a outra instantaneamente, e isso torna muito fácil contactarmo-nos agora.”

Escrevi então esta pergunta: “O mundo espiritual interpenetra este?”

Resposta: “Sim, interpenetra. O Espírito interpenetra todas as coisas. O homem é um Ser espiritual; o seu corpo espiritual está entretido com o seu corpo físico e o corpo espiritual ou pessoa é limitado em grande medida pelo físico; este restringe os seus movimentos, limita as suas atividades. Todos sentimos o impulso de fazer coisas que o corpo físico não nos deixa fazer. Quando chegamos aqui, descobrimos que já não estamos limitados da velha forma e é bastante excitante. Diverti-me imenso a descobrir o que conseguia fazer!

Temos as nossas dificuldades também, até sermos capazes de nos ajustar às novas condições e termos aprendido a separar-nos mentalmente da nossa vida anterior. Já estamos separados fisicamente, mas são as nossas mentes que governam e controlam todas as nossas ações e formas de viver e pensar, e não achamos muito fácil ao princípio — leva um tempo.”

Aqui perguntei: “Como é feita esta escrita?”. A resposta foi: “Pego na tua mão e guio-a pelo papel.”

Muita coisa foi omitida da comunicação nesta ocasião por ser de natureza puramente pessoal. Em conclusão, ele disse: “Gostei desta longa sessão. Sabes agora que estamos muito unidos, nada pode manter duas pessoas que se amam realmente separadas por muito tempo, por isso aqui estamos! Isso não te faz sentir feliz? A mim faz.”

Embora eu estivesse, ao início, espantada por receber estas comunicações não solicitadas e totalmente inesperadas deste amigo tão amado (comunicações que pareciam tão genuínas e tão características que, em consequência, senti uma profunda sensação de felicidade), começaram a surgir dúvidas baseadas no subconsciente. Poderia esta coisa misteriosa chamada mente subconsciente subitamente assumir o controlo da minha mente consciente contra a minha vontade e desejos, tornando-me a vítima involuntária de um autoengano?

Esta era a pergunta que me preocupava e, no entanto, era com um sentimento de completo distanciamento que eu observava a caneta mover-se sem qualquer esforço consciente da minha parte e escrever sobre coisas com que eu nunca sonhara, e num estilo de escrita tão diferente da minha quanto possível. Que o meu comunicador estava ciente do meu estado de espírito foi revelado, para minha grande surpresa, no escrito seguinte.

29 de Setembro

Eu tinha perguntado se ele queria escrever, e a resposta foi: “Sim, quero escrever, ainda tenho muito para te contar. Lamento muito que tenhas dúvidas quanto à autenticidade destas comunicações. Desejo tanto provar-te que sou eu, Gordon, quem está a escrever isto, por favor acredita em mim.”

Mentalmente eu disse: “Parece bom demais para ser verdade”, e como que em resposta ao meu pensamento, ele continuou com: “Nada é bom demais para ser verdade, não precisas de te preocupar com a tua mente subconsciente a enganar-te, realmente não vejo como ela poderia possivelmente falar-te de coisas que não poderia saber, tais como o que me aconteceu quando passei para este mundo.”

Perguntei então o que ele tinha andado a fazer e a seguinte informação foi dada.

“Tenho estado muito ocupado a ajudar as novas chegadas. Ficarias surpreendida com o quão poucas pessoas têm qualquer ideia de que deixaram um corpo para trás. Vês, não te sentes de forma diferente, exceto que não tens qualquer dor ou sensação de fraqueza, e aqueles que vêm por causa de um desastre aéreo ou outro acidente são os mais difíceis de lidar. É preciso ter muita paciência com eles, pois simplesmente não conseguem

acreditar que são o que o mundo chama de 'mortos'. Não há verdade maior do que a de que não há morte.

Não existe tal coisa. Tudo o que acontece é que a pessoa espiritual se destaca automaticamente do corpo físico ferido que já não é utilizável, e encontra-se num mundo tão parecido com o mundo que acabou de deixar que não consegue acreditar que o deixou, por isso é muito comum as pessoas insistirem que têm de ir para casa. Até eu quis voltar para ir ter contigo até perceber que isso não podia ser feito, pois eu não podia voltar a assumir o meu corpo físico. Sentimos muita pena das pessoas cortadas subitamente dessa forma e há muitos problemas a serem resolvidos. Acredita em mim, há tanto sofrimento deste lado da sepultura como do outro. A minha tarefa é tentar explicar-lhes a verdade sobre a vida e como podem encontrar grande felicidade e paz, porque Deus é Amor e os confortará a eles e àqueles que deixaram para trás, e que todos estão seguros e cuidados, mesmo que por vezes pareça o contrário.”

«...é um trabalho gratificante porque nos dá uma percepção tão profunda dos problemas humanos e das diferentes atitudes perante a vida como um todo. Algumas pessoas aprendem rapidamente a aceitar o inevitável e adaptam-se à nova forma de vida com bastante alegria. Outras rebelam-se e essas, claro, são as que realmente precisam de um tratamento compreensivo e de ajuda.

Espero sempre que possamos fazer algum trabalho juntos; é tão importante que se faça as pessoas compreenderem que a vida é contínua, que prossegue sem interrupção. O homem é um ser consciente e nunca passa a um estado de inconsciência permanente. Mesmo no sono não estamos realmente inconscientes, a mente está tão ativa quanto quando acordada. É apenas o corpo que tem de permanecer estático para ser recarregado de energia, tal como uma bateria precisa de recarga. Sabes, há tanto para aprender por aqui e há também muito que precisamos de desaprender.

Adquirimos muito conhecimento falso, bem como verdadeiro, durante a nossa estadia no velho mundo. Temos de aprender a separar as velhas ideias erradas das reais e verdadeiras. Há tanto equívoco. Se as pessoas compreendessem realmente os factos verdadeiros sobre esta vida após a morte, que é a nossa vida real e permanente, não dariam tanto valor e importância às coisas materiais. A aquisição gananciosa de dinheiro ou de

bens materiais deixaria de fazer sentido. É como perseguir bolhas que não têm substância e que, mesmo que se consiga apanhar uma, apenas rebotam e desaparecem. Nada do que possuímos podemos guardar ou trazer conosco; mas descobrimos que o amor é o que conta — não apenas o amor especial que damos e recebemos dos nossos familiares e amigos, mas o amor que emanamos para toda a humanidade, para todos os que se cruzam no nosso caminho e precisam da nossa ajuda.

Se as pessoas fossem ensinadas que, pela forma como agem, pensam e usam as suas capacidades dadas por Deus na sua vida terrena, estariam a construir o seu futuro para o bem ou para o mal no 'Além', como lhe chamamos, prestariam menos atenção às coisas do mundo material. Não creio que as religiões ensinem o suficiente sobre este outro mundo e muito do que ensinam está tão longe da verdade que chega a ser meramente tolo, tão tolo que nenhuma pessoa pensante se rala com isso e descarta completamente da sua mente o pensamento do que lhe acontecerá depois de terminada a sua vida na terra, ou adota uma atitude de 'esperar para ver', assumindo que isso não lhe diz realmente respeito.

Já tem que chegue para lidar com a vida neste mundo sem se preocupar com o próximo. Essa é a atitude de um vasto número de pessoas, especialmente homens de negócios. O que é necessário é incutir nas pessoas que a vida na terra é uma preparação para a vida futura; nós fazemos o nosso próprio céu ou inferno — que não são exatamente lugares, mas estados de consciência — pela forma como usamos o nosso dom da vida na terra. É uma pena que tão poucas pessoas pareçam perceber isto. É por ter tido de lidar precisamente com este problema no meu trabalho por aqui que sinto isto tão profundamente. Poupar-se-ia tanta infelicidade e arrependimento deste lado se as pessoas fossem mais informadas sobre o que as espera na sua vida futura.»

No dia seguinte, quando pus a caneta no papel, não obtive resultado; a caneta não se movia, embora tivesse tentado durante mais de um quarto de hora, após o que desisti. Mas no dia posterior, moveu-se assim que encostei a caneta ao papel e informou-me que me ia contar sobre o seu último dia na terra. Mais tarde recebi mais dois relatos que coincidiam, mas entravam em mais detalhes. Seria impossível descobrir se todos os detalhes estavam corretos, uma vez que só ele conheceria a maioria deles, mas desde então consegui verificar certas coisas mencionadas.

Como estes relatos não têm relevância para o tema da vida após a morte e eram apenas para minha informação pessoal, incluirei apenas as palavras finais do último. Tendo-me contado em ambos os relatos que sofrera uma crise de dor naquele último dia, e que naquela noite acordara sentindo-se tão melhor que acreditara que ia ficar bem, continuou: «Adormeci sentindo-me melhor e, como sabes, acordei e encontrei-me neste outro mundo. Tenho a certeza de que os teus pensamentos amorosos e orações me estavam a ajudar. Ansiava estar contigo e sentia que ficaria melhor se conseguisse apenas fazer a viagem e ir ter contigo. Bem, acabei por vir ter contigo, afinal de contas, e o que parecia ser uma grande derrota e desilusão tornou-se numa grande vitória para ambos.»

2 de Outubro

Nesta noite, ele contou-me que estivera com a minha família naquele mundo e trouxe notícias e mensagens da minha mãe e irmãs, dizendo: «Estou tão feliz por ter podido trazer-te esta mensagem; sinto que há tantas formas de podermos ajudar outras pessoas agora que podemos trabalhar juntos. Tenho-te visto a partilhar com outras pessoas o que te contei; é isso que eu quero que faças, porque há uma grande necessidade de as pessoas saberem a verdade sobre a vida neste outro mundo (tão parecido com o mundo que deixámos), apenas sem a sua maldade. Sim, quero dizer isso mesmo. Desde a última guerra, todas as nações parecem não ter tido nada melhor para fazer do que preparativos para outra guerra, ainda pior.

Portanto, é necessário fazer as pessoas saberem que existe um mundo melhor do que este velho planeta que chamamos Terra. Por isso, acho que tu e eu devíamos transformar estas comunicações num livro assim que puderes; tenho a certeza de que os últimos dias não estão longe e que, dentro de alguns anos, poderá ocorrer alguma grande catástrofe, a menos que as Nações parem de fabricar bombas de hidrogénio e de as detonar.»

Em 3 de Outubro, fiquei surpreendida e algo chocada ao ser informada de que: «Num determinado dia, num futuro próximo, haverá uma grande explosão causada por uma bomba de hidrogénio. Esta bomba será detonada pelos americanos no Pacífico. Haverá repercussões em países tão distantes como o Japão e a Austrália.» Ele continuou dizendo: «Acredito que os britânicos serão a nação que dará o exemplo ao mundo, recusando-se a participar em mais experiências.

Todo este negócio horrível é o resultado de os homens tentarem superar-se uns aos outros na fabricação destas armas de destruição. É o auge da loucura. Mal se pode acreditar que indivíduos comuns e, de resto, decentes, estejam envolvidos numa ocupação tão hedionda. Estas pessoas, sem o perceberem, estão a ser usadas por espíritos malignos deste lado. Estes malignos não vivem na mesma parte deste mundo a que eu e os nossos pertencemos — as pessoas comuns e decentes — mas num estado de consciência muito inferior e em ambientes condizentes com a sua baixa mentalidade. Estes perversos só são perigosos porque podem influenciar mentes que não estão de guarda contra sugestões malignas. Pessoas que se acham demasiado espertas para acreditar em Deus. A única forma de as alcançar é dizendo ao mundo que existe um universo espiritual e mundos sobre mundos onde Deus, o Poder de Vida e Amor infinito e abrangente, reina supremo — e, no entanto, este minúsculo planeta Terra é tão importante para Deus como qualquer outro. O mundo poderia ser um mundo tão belo se a humanidade tentasse amar em vez de odiar. Penso que as pessoas devem ser levadas a perceber que o futuro do homem está nas mãos desta geração. É um assunto muito sério e não há tempo a perder.»

N.B. — Isto foi escrito em Outubro de 1957. A 30 de Junho do ano seguinte, por acaso estava a ouvir as notícias quando, para minha surpresa, ouvi o anúncio de que uma bomba fora detonada no Pacífico e que sismógrafos em Tóquio tinham sido danificados em consequência disso. No dia seguinte chegou a notícia da Austrália sobre o registo de uma explosão tremenda a 3.000 milhas de distância. Os cientistas tinham detetado a maior perturbação atmosférica jamais registada, sendo a onda de pressão quatro vezes maior e quatro vezes mais longa do que nunca, com a perturbação atmosférica a durar uma hora e meia. Recordei imediatamente a profecia do ano anterior, à qual, não tendo levado muito a sério, não tinha dado mais importância.

4 de Outubro

«Muitas coisas vão acontecer antes de este livrinho estar pronto para ser impresso. O mundo está a passar por um período muito crítico da sua história e o resultado da atual inquietação manifestar-se-á provavelmente num aumento de tensão entre as nações. Se as pessoas de todas as nações compreendessem realmente que estão a ser enganadas pela ideia de que estão a ser vítimas de outro país por homens cujo principal interesse é o

fabrico de armamento para lucro, estariam mais do que prontas para organizar uma petição para parar a corrida ao armamento e o lançamento de mísseis guiados, para além dos testes de bombas atómicas.

Toda esta extraordinária preocupação com a guerra, tão pouco tempo depois da guerra mais pavorosa da história, só pode ser a consequência de os homens permitirem que as suas mentes sejam controladas por aqueles que estão do outro lado da morte e cuja influência é para o mal. Estas mentes malignas são os observadores do outro mundo que aproveitam qualquer oportunidade para regressar ao mundo que deixaram através de processos mentais e que, quando na terra, passaram as suas vidas a causar miséria e desgraça de muitas formas diferentes. Eles amam destruir em vez de construir. Só há uma forma de lidar com estas coisas: esclarecer o público em geral, mostrando onde reside a fonte do mal e começar a trabalhar para contrariar esta ameaça através da oração e da vigilância. Só assim se poderá evitar qualquer grande desastre.»

5 de Outubro

«Estou de volta contigo, como vês, pronto para continuar a história. Creio que ouviste falar do lançamento do satélite pela Rússia. É apenas o início das coisas estranhas que vão acontecer neste vosso velho mundo. Em si mesmo é inofensivo, mas poderia levar a outras formas de causar destruição. Não há limite para as formas como a descoberta científica pode mudar a vida dos homens.

Existem grandes possibilidades tanto para o uso bom como para o mau nestas novas descobertas, mas o que é desesperadamente necessário é que o homem descubra Deus, não apenas num sentido religioso, mas num sentido científico. Deus é um facto científico. Ele está por trás de tudo em todo o Universo. Ele nunca está ausente. Ele é todo Consciente. Ninguém é demasiado insignificante para a Sua atenção. Sinto que, se os homens e mulheres que agora vivem no mundo pudessem perceber este facto tão real e verdadeiro, veriam como era necessário estar do lado de Deus; por outras palavras, viver realmente como se estivessem conscientes d'Ele, não como uma deidade vaga e irreal, mas como um Pai vivo e amoroso para quem cada indivíduo, independentemente da sua raça ou credo, é igualmente valioso.

Penso que é também muito necessário que as pessoas saibam que, quando saem do mundo, passam diretamente para outro e que se encontram no tipo de ambiente que a sua forma de viver na Terra lhes preparou; e nem sempre ambientes muito agradáveis. Não creio que a maioria das pessoas saiba isto; tantas pessoas simplesmente não se ralam ou pensam que, de uma forma ou de outra, podem pedir desculpa a Deus no último minuto e ser transportadas para um lugar chamado Céu, onde tocarão harpas e usarão coroas!

Na verdade, isto está muito longe da verdade. Os factos verdadeiros da questão são que, quando alguém morre (o que ninguém faz realmente), é enviado para um centro de acolhimento onde é ajudado a compreender o que aconteceu e que apenas passou para a fase seguinte da vida. É depois desta primeira introdução à nova vida que vão para o tipo de ambiente doméstico que construíram para si próprios. Assim, se um homem ou uma mulher viveram vidas muito egoístas e nunca se importaram com ninguém a não ser consigo mesmos, encontram-se frequentemente — para sua grande surpresa — em ambientes muito esquálidos e com pessoas do mesmo tipo.

Ficam geralmente muito enojados, e tem de lhes ser explicado que a culpa é deles. “O que o homem semear, isso também ceifará”. É dito a estas pessoas que podem melhorar a sua sorte se quiserem, mas têm de começar exatamente onde estão, aprendendo a ser bons vizinhos.

Depois, podem ir e dar ajuda àqueles cuja sorte na vida foi dificultada pela sua ganância e egoísmo. Quando veem — como conseguem ver — o mal ou o sofrimento que causaram, ficam muitas vezes muito arrependidos e envergonhados e querem fazer as pazes. Esse é o início do progresso espiritual. (Acho que já fizeste o suficiente por hoje, Grace Querida.)»

6 de Outubro

«Tenho muito a dizer quando estiveres pronta.

Como te dizia, as pessoas que viveram apenas para si mesmas não são felizes quando chegam aqui, mas cabe-lhes a elas próprias tornarem-se pessoas melhores e mais felizes. É-lhes dada a oportunidade de prestar serviço aos outros, se assim o desejarem.

Há outros que viveram vidas duras e cruéis, porque nunca conheceram nada melhor; nunca souberam nada de Deus como um Pai amoroso. São completamente ignorantes quanto às verdades espirituais. A vida para eles foi meramente uma luta pela existência e são pouco melhores do que animais na sua forma de viver. São frequentemente vítimas da “desumanidade do homem para com o homem”.

Estas pobres almas precisam de amor mais do que a maioria e é maravilhoso ver como respondem à ternura que lhes é demonstrada. Não querem voltar aos seus velhos hábitos. A vida é uma revelação para eles, um mundo de maravilhas de que não tinham concepção. Por vezes, tenho de lidar com estas pessoas e são as mais fáceis de ajudar e ensinar. O amor é algo que nunca lhes tinha sido demonstrado. Ficarias maravilhada com os diferentes tipos de humanidade que chegam aqui continuamente, cada um tratado separadamente de acordo com a sua necessidade especial.»

Alguns anos antes do seu falecimento, ele enviara-me um folheto algo gasto intitulado *Ensina-me a Amar*, do qual disse gostar muito e que andara obviamente a trazer consigo. Mais tarde, enviou-me uma cópia nova. Cito aqui estas poucas linhas, pois creio que mostram por que lhe foi dado o tipo de trabalho a que se refere nos seus escritos.

«Ensina-me a amar, não os que primeiro me amam, Mas todo o mundo, com aquela rara pureza De pensamento abrangente e generoso que não guarda traço De mancha terrena, mas segura no seu abraço A Humanidade, e apenas parece ver O bem em todos, refletido de Ti, Senhor.»

Constantemente, desde a sua partida, ele sublinhou a importância do amor, como no seguinte: «Acho que o que é fundamental é o amor e mostrar bondade para com os outros. O amor é a melhor e a mais bela coisa na vida e conta mais do que tudo o resto perante Deus, que é Amor, Amor Divino e Infinito.»

Certa vez, apenas por diversão, muitos anos antes, enviei uma pequena amostra da sua caligrafia a alguém que afirmava ser capaz de ler o carácter através da escrita. Para minha surpresa, o resultado foi espantosamente preciso, e apresento-o aqui:

CARÁCTER LIDO ATRAVÉS DA ESCRITA

Dez. 1932.

«Carácter gracioso e artístico, ausência de paixão, mas uma grande dose de força espiritual. Muito simpático e sensível. De temperamento muito estável, mas tem uma tendência mental decidida e positiva. Tendência curiosa para dar mais importância às pessoas do que às coisas. Interessado nas pessoas individualmente mais do que nas suas circunstâncias. Tem uma propensão comercial considerável e uma capacidade bastante grande para guardar segredos e as suas próprias opiniões. Tendência para cultivar a economia contra uma natureza naturalmente extravagante. Digno de confiança, e um homem em quem se pode ter confiança.»

Na sua juventude, ele servira como oficial na Marinha Real na Primeira Guerra Mundial. Ficou angustiado com o eclodir da segunda, percebendo o sofrimento e a tragédia que ela traria: admitiu numa carta que me escreveu que, quando ouvira o anúncio de Chamberlain, "dera por si a chorar lágrimas amargas de dor e arrependimento". No entanto, experimentou imediatamente os seus antigos uniformes navais para ver se ainda lhe serviam, na esperança de poder regressar à Marinha.

Para retomar as comunicações da data de 6 de Outubro, ele continuou a contar-me como, nesse outro mundo, trabalhavam para o que ele chamava: «a cura das nações, pois o mundo», disse ele, «é um mundo muito doente. Há aqui muitos milhares cujo trabalho é ajudar desta forma a contrariar as forças do mal em ação, mas eles precisam da cooperação das pessoas de todas as nações que ainda vivem no mundo. Quando os que estão na terra puderem realmente acreditar e compreender que, tal como tu e eu em cada lado da vida podemos trabalhar juntos, o mesmo podem eles fazer com aqueles que, embora já não sejam habitantes da terra, continuam ligados ao mundo através do amor; isso fará uma grande diferença. Pois só o amor pode salvar o mundo do desastre.»

7 de Outubro

«Tenho estado ocupado, como de costume, com aqueles que acabaram de chegar a este mundo. Tem havido alguns que viveram boas vidas e eles são muito fáceis de orientar, estando cheios de gratidão e deleite com o que encontram aqui. Basta explicar-lhes o que aconteceu e eles compreendem de imediato, ficando cheios de entusiasmo e curiosidade. Não apresentam qualquer problema e logo encontram o seu trabalho correto, não tendo dificuldade em adaptar-se à nova vida, depois de terem descansado por um tempo. A maioria das pessoas tem um período de descanso, longo ou curto, de acordo com as circunstâncias ligadas à sua partida. Eu apenas descansei por um tempo muito curto.

As pessoas que tiram a própria vida entram numa categoria especial e requerem cuidados especiais. É preciso descobrir que grande problema ou infelicidade as levou a dar esse passo. Seja qual for a causa, as circunstâncias especiais são levadas em consideração e tratadas de acordo. Deus é um Pai amoroso e muito compassivo e estas pessoas infelizes não são castigadas, mas recebem cuidados e orientação especiais. As pessoas esquecem-se de que Deus é um Deus de Compaixão e ternura infinita, por isso não há fim para o Seu cuidado amoroso por aqueles que, através de doença da mente ou do corpo, ou circunstâncias desesperadas ou trágicas, procuram acabar com tudo.»

8 de Outubro

«Tenho mais, muito mais para te contar, por isso aqui vai. O mundo está todo em alvoroço com o lançamento do satélite. Nós aqui também estamos interessados, mas de uma forma diferente; não é um prodígio tal para as pessoas neste mundo, para quem a viagem espacial não é novidade. Coisas de que os homens se maravilham são lugares-comuns aqui. Todo o espaço está preenchido: não existe vácuo. Há muitos lugares invisíveis para o homem na Terra. Fiquei espantado ao ouvir falar das maravilhas que jazem além da nossa visão na Terra.

Há muitas esferas de interesse e também de habitação para as quais podemos viajar se assim o desejarmos, apenas temos de estar devidamente preparados antes de podermos entrar nestas chamadas esferas superiores. Nem toda a gente pode ir a estes lugares; deves primeiro ser capaz de fazer

progressos especiais no conhecimento espiritual antes de estares pronto para apreciar as crescentes maravilhas e beleza a serem reveladas.

Agora, vamos escrever sobre outro assunto. Tens estado a mostrar o que te contei a certas outras pessoas que pensaste que isso ajudaria. Isso está bem e eu sei que só o mostras àqueles que podem aceitar estas revelações da vida neste outro mundo no espírito correto. Tenho muitas coisas para te transmitir, que espero que venham a provar que a vida neste mundo não é de todo diferente da vida na Terra em muitos aspetos.

Há casas muito parecidas com os nossos lares na Terra. Podemos ter coisas belas e artísticas ao nosso redor. O Céu está à nossa volta, é um ambiente, não um lugar. O meu jardim é ainda mais belo do que "Seahaven" e esse, como sabes, era um pequeno Paraíso. A minha casa também é muito parecida, apenas mais próxima do que eu originalmente planeara mas que, devido às restrições do tempo de guerra, não pudera realizar. Agora é exatamente o que eu queria ter, e sei que um dia a partilharás comigo. Foi construída para ti no meu pensamento. Ficarei tão feliz quando puder vir levar-te para casa, como a Nanam (o nome carinhoso da família para a sua Mãe) veio ter comigo.

Temos cidades também, mas são limpas e não existem distritos de má reputação no centro como em lugares como Vancouver, Nova Iorque e outras grandes cidades do mundo. Há faculdades, galerias de Arte e salas de concertos. A Música e a Arte desempenham um papel importante na vida por aqui, por isso deves sentir-te em casa quando vieres para cá. Todas as formas de Arte têm o seu lugar nesta vida e contribuem para a sua beleza e alegria. É verdade que "O olho não viu e o ouvido não ouviu, nem subiu ao coração do homem, as coisas que Deus preparou para os que O amam".»

9 de Outubro

«Gostaria de escrever agora, ainda tenho tanto para contar. Muitas das coisas que tenho para te dizer são de grande importância devido à ignorância da maioria das pessoas em relação às suas perspetivas na vida futura. Apenas muito poucos parecem perceber o facto de que este mundo é um mundo real, tão real quanto o mundo que deixamos na chamada morte e que, embora tenham deixado um corpo para ser descartado, ainda têm um corpo aparentemente exatamente igual ao anterior, com a diferença de que certos defeitos físicos e enfermidades já não estão presentes.

Não considerarão, portanto, que tenha havido qualquer mudança na sua vida ao princípio e, em muitos casos, levam muito tempo a serem convencidos. As velhas e totalmente falsas ideias sobre esta vida futura ainda são mantidas por inúmeras pessoas, se é que alguma vez pensaram no assunto.

O que quero descrever agora é como este mundo parece. O cenário é simplesmente maravilhoso, mais belo do que qualquer coisa que vi na Terra e, como sabes, viajei para muitos lugares adoráveis no mundo. Nunca vi nada tão maravilhoso como as flores, não há nada para as estragar; nem geadas, nem tempestades fortes, nem pragas. O perfume que emitem é glorioso e a sua cor inacreditável.

Encontro grande alegria no meu jardim, que é tão parecido com o meu adorado Seahaven, e estou cheio de gratidão a Deus por me ter dado esta réplica adorável. Disseram-me que foi porque, quando fiz aquele jardim em Vancouver, ele foi uma expressão de amor, o meu amor por ti, que o tornou uma continuação permanente do meu pensamento — e os pensamentos criam. O pensamento é a coisa mais real que existe.

O pensamento faz coisas sem ser colocado em ação no plano físico. As pessoas não percebem que poder tremendo existe no pensamento, tanto para influenciar os eventos mundiais como as vidas individuais. "Assim como o homem pensa no seu coração, assim ele é." Conforme uma nação pensa, assim ela age, e por isso é muito necessário que as pessoas tenham cuidado com a forma como pensam, porque isso importa e faz a diferença para elas quando chegam aqui.

O amor é construtivo e criativo, o ódio tem o efeito oposto: não cria nada, apenas destrói. Mas quero contar mais sobre as maravilhas deste mundo; muito do que vi é como aqueles lugares no mundo que foram preservados intactos, tendo o amor pela beleza os protegido do especulador imobiliário. Aqui não existem tais pessoas. Não há negócios, não há ganho de dinheiro, não há ações e participações com que especular, e acredita-me que aquelas pessoas cujo principal ou único interesse na vida eram os negócios e ganhar muito dinheiro passam um mau bocado aqui até aprenderem que podem usar as suas habilidades para propósitos mais elevados e úteis.

Há tanto para aprender e tanto para ver, tantas coisas maravilhosas com que nunca sonhámos e, o melhor de tudo, sem limitação de tempo, o que dá uma sensação maravilhosa de liberdade. Tenho a certeza de que o medo da morte que assombra tantas pessoas boas desapareceria se soubessem mais sobre o tipo de vida que as espera. Eu sei o que se entende por "Entrar no gozo do Senhor". E este gozo não está reservado apenas para aqueles que o mundo chama de Santos, mas para os homens e mulheres comuns que foram bons vizinhos e amaram outras pessoas e criaturas, todas as coisas que inspiram o nosso amor e cuidado no mundo em que nascemos.

Se estiveres disposta, continuaremos um pouco mais. Mais coisas que tenho para contar prendem-se com as condições de vida aqui. Muitas das coisas comuns que requeríamos já não são necessárias. A comida já não é necessária para sustentar o corpo, mas isso não significa que nunca mais provemos nada, há fruta bem como flores neste mundo e podemos comê-la se quisermos, mas não temos de nos preocupar com refeições marcadas. Além disso, não temos de ir ao alfaiate para tirar as medidas para um fato. Basta pensar: "Vou vestir este ou aquele fato ou casaco" e lá está ele e vestimo-lo. O teu pensamento ou desejo cria-o. Estamos habituados a usar roupas e lembramo-nos do tipo de roupa que tínhamos, por isso é perfeitamente natural querer continuar a usá-las.

Não há mudanças repentinas no universo de Deus, tudo é gradual. Com o tempo, sem dúvida que mudaremos, tal como na antiga vida mudámos da infância para a juventude, da juventude para a idade adulta, e assim por diante, mudando à medida que os anos passavam, alterando-nos um pouco, às vezes bastante, na aparência exterior, mantendo-nos no entanto a mesma pessoa por baixo e ainda reconhecíveis para aqueles que se importam connosco. Mas as mudanças que ocorrem nos nossos corpos físicos após uma certa idade são de deterioração e não de melhoria; aqui é o inverso, continuamos a melhorar. Se estamos a avançar em anos, podemos regressar àquele período da vida conhecido como o auge e ali podemos ficar. Se as pessoas são deformadas, a deformidade desaparece, nalguns casos mais depressa do que noutros, à medida que as pessoas deixam de pensar em si mesmas como deformadas. Em casos como o do pobre C., que nunca teve uma vida consciente na terra, eles têm apenas uma vida neste mundo como crianças que morrem à nascença.

Não conheço de forma alguma a resposta para todos os mistérios sobre o porquê de alguns nascerem para uma existência aparentemente tão antinatural como no caso de C., bebês que nascem apenas para morrer de imediato, ou os muitos outros problemas inexplicáveis que aparecem ligados ao nascimento de seres humanos no mundo físico, mas estas tragédias nunca são o resultado da vontade de Deus, que só pode criar a perfeição, mas têm a sua origem na forma como a humanidade vive à parte de ou com uma concepção errada de Deus e da sua relação com Ele como um ser espiritual. Deste-me muito tempo esta noite e sinto que já fizeste o suficiente por agora. Deus te abençoe, Querida, e obrigado.»

10 de Outubro

«Fui hoje ver a minha Mãe. Ela está muito feliz por saber que me estás a ajudar a escrever este livro sobre a vida após a morte para publicação. Agora que estás pronta, vamos começar.

Há certas coisas que têm de ser explicadas quanto aos meios pelos quais a comunicação é tornada possível. Primeiro, é necessário que a pessoa que recebe as mensagens esteja na mesma vibração que a pessoa que comunica, por isso não poderia ter ninguém melhor do que tu para trabalhar. Segundo, a pessoa que recebe a mensagem deve ter algum conhecimento da realidade do mundo para onde vamos ao deixar os nossos corpos físicos, que é tudo o que a morte representa. Terceiro, o amor pela humanidade e o desejo de ajudar e confortar é essencial para que as comunicações recebam a bênção do nosso Pai Deus. Só quando o Seu Espírito Santo nos guia e instrui é que podemos sentir que nos é permitido dar ao mundo os detalhes verdadeiros desta outra vida no mundo além da visão humana.

Já te falei dos diferentes lugares para onde as pessoas são enviadas após a chegada, de acordo com a sua forma de passar as vidas na Terra; algumas para lares deliciosos já preparados e à espera delas, e outras, cujas vidas foram passadas a adquirir riqueza desonestamente, ou através do excesso de trabalho e baixos salários impostos a outros, serão enviadas para os lugares esqueléticos e de pobreza que providenciaram para si mesmas.

Muitos grandes patrões, implacáveis e egoístas na sua vida terrena, e muitos milionários, cujas vidas foram passadas em luxo e prazer, encontrar-se-ão nestes ambientes lúgubres; e basta isso para despertar neles

a sua indignação, até que lhes seja explicado que isto foi o que fizeram a si mesmos, o seu próprio castigo; é obra deles, não de Deus; apenas o resultado inevitável da sua pobreza espiritual. Isso, geralmente, fá-los pensar. É castigo suficiente.

Depois há aqueles que se deleitaram em infligir crueldade aos outros. Estes são entregues ao destino terrível de se encontrarem em ambientes que são tão horríveis quanto as suas mentes devem ter sido, e os seus companheiros tão bestiais quanto eles próprios. Mas mesmo para estes há esperança, uma vez que se tenham sentido enojados pelos seus ambientes horríveis e percebam que só têm a si próprios a culpar, tendo-se colocado ali; pode levar eras para chegarem a esta percepção, mas quando o fazem, deram o primeiro passo no caminho ascendente.

Gostaria que pudéssemos enviar esta mensagem àqueles que estão tão ocupados a preparar-se para mais uma guerra, muitas vezes sob o disfarce de procurar a paz. Detesto pensar que desgraça estes homens equivocados estão a preparar para si mesmos através da sua preocupação com armas de destruição neste mundo ao qual devem eventualmente chegar. Oh! a amargura do arrependimento e o horror quando perceberem quão irrefletidamente se prestaram a ser as ferramentas das forças invisíveis do mal.

O mundo deve acordar para o facto de que o mundo invisível está muito próximo, interpenetrando-se para o bem e para o mal, e parece que as forças do mal no momento estão a levar a melhor. São Paulo sabia isto, quando se referiu aos "Poderes das trevas e à maldade espiritual nos lugares altos". Ele estava muito consciente do mundo invisível e dos seus ocupantes menos agradáveis, quando disse "Não lutamos contra a carne e o sangue". E o que era verdade no seu tempo é ainda mais terrivelmente verdade hoje.

Quero falar-te agora dos outros lugares para onde vão os que não são realmente maus, mas sim desafortunados; refiro-me àqueles que, por ignorância ou falta de oportunidade, e também pelo ambiente, nunca tiveram grandes hipóteses e não são, por isso, totalmente culpados se cederam às tentações do mundo.

São tratados com muita misericórdia, são orientados e ensinados sobre as verdades de Deus, da vida e do universo espiritual, e recebem a

oportunidade de fazer coisas boas e úteis pelos outros. A todos é dado trabalho para fazer e, embora não encontrem casas já construídas para eles, são cuidados em ambientes bastante agradáveis e estão, mais ou menos, a ser educados nos caminhos das coisas espirituais. Geralmente respondem rápida e agradecidamente a este tratamento.

Há tantos tipos de pessoas para serem tratadas e ajudadas individualmente que é necessário um vasto número de ajudantes e, portanto, aqueles cujo trabalho na Terra incluía ajudar os outros são logo postos a trabalhar ao chegarem aqui.»

11 de Outubro

«Sabes, há muitas esferas diferentes neste mundo, muitas delas muito superiores àquela em que eu e os membros da minha família e da tua estamos a viver agora. Estas esferas são todas muito mais belas do que esta e aqueles que lá vivem são todos muito mais evoluídos espiritualmente do que nós, que só recentemente chegámos a este mundo.

Muito poucos daqueles que conheci alguma vez entraram nestas esferas superiores, e mesmo assim apenas para uma visita curta. A atmosfera é tão rarefeita e a luz tão brilhante que não se conseguiria suportar por muito tempo. É preciso ter-se tornado mais habituado à vida neste plano espiritual de pensamento e crescido em espiritualidade antes de se poder prosseguir para o plano seguinte e superior.»

Neste ponto, a caneta parou subitamente de se mover. Senti que devia continuar a tentar, pois estas sessões nunca terminavam abruptamente assim, por isso esperei e, após um intervalo de quase meia hora, a caneta moveu-se novamente e deu a seguinte explicação.

«Não pudemos continuar porque tive de ir dar assistência a um dos outros ajudantes que tinha um caso muito difícil para tratar. Era um homem que tinha morrido num acidente de automóvel e estava em grande aflição ao descobrir que já não estava na Terra e não podia regressar. Sinto grande simpatia por pessoas assim, porque me lembro de como me senti quando percebi que não podia regressar e o quanto ansiei por isso ao princípio...»

«...No que diz respeito às esferas superiores, existem pelo menos sete. Não sei quanto tempo leva para se qualificar para entrar numa dessas esferas mais elevadas, mas provavelmente centenas de anos de tempo

terrestre. De momento, estou muito satisfeito com esta e sem pressa de subir mais, o que, sem dúvida, mostra que estou muito longe de estar pronto para o fazer!»

«Para voltar mais uma vez às esferas Celestiais, embora não possamos entrar nelas até estarmos prontos, aqueles Seres superiores que lá vivem podem visitar as esferas inferiores como a nossa, e aquelas que são ainda mais baixas. Quando vêm aos planos abaixo deles, é para ajudar e ensinar. Eles estão mais próximos dos anjos, que são os mensageiros de Deus. Existem realmente anjos e eles são Seres, não apenas pensamentos, mas Seres de uma ordem superior à nossa, isto é, do que os seres humanos comuns.»

«Acho que deveríamos deixar o resto para amanhã, pois sinto que estás a ficar cansada.»

12 de Outubro

«Estou contigo novamente.»

«Quando vi a tua mãe pela última vez, ela ficou muito contente por saber deste livro. Quando lhe disse quanto já estava escrito, ela disse que sempre quisera escrever ela própria.»

«Sinto que, nestes dias de prodígios e de conversas sobre coisas inauditas como pessoas a aterrar na Lua, ditas por homens bastante sérios, não deveria parecer estranho ou impossível que houvesse um meio de estabelecer contacto com aqueles de nós que deixaram o velho mundo — Por que não? Não creio que parecesse tão extraordinário para as pessoas como poderia ter parecido no passado. Este mundo está muito mais perto da Terra do que a Lua e acredito que chegará o tempo em que a comunicação entre os dois mundos parecerá tão natural como é agora entre pessoas que vivem tão distantes como Londres e a Austrália. É por isso que sinto que é tempo de este livrinho aparecer.»

«Agora quero falar-te sobre a forma como as pessoas passam o seu lazer. Há muitas formas de o fazer, como na Terra. Há, claro, imensas ocupações abertas às pessoas além do tipo de trabalho que eu tenho estado a fazer; depende do indivíduo e daquilo para que ele ou ela está mais apto. Aqui não há peças quadradas em buracos redondos! Como eu dizia, há muitas formas de ocupar o tempo que não é dedicado ao trabalho especial

que temos de fazer; uma delas é visitar outras partes desta terra maravilhosa. Para viajar para partes aparentemente distantes, basta expressar o desejo e está-se imediatamente a caminho.

Podes caminhar ou, o que é ainda mais agradável, ir pelo ar; com isto quero dizer que podemos deslizar pelo ar nós próprios, por outras palavras, voar sem asas, planando realmente sem um planador ou qualquer aparelho. Quando estamos muito felizes na Terra, dizemos: "Eu andava a pairar no ar". Bem, aqui fazemos isso mesmo; que tal possibilidade seja latente nas mentes dos homens é óbvio. O homem sempre quis voar e, em momentos de grande felicidade, quase sente como se estivesse a voar.»

«Depois há, claro, diferentes formas de entretenimento, tais como concertos, visitas a centros de Arte e muitos outros lugares onde se pode participar em várias atividades culturais e estudos. As oportunidades são ilimitadas e, claro, há as visitas a parentes e amigos. Uma das grandes alegrias deste mundo é o reencontro de famílias há muito separadas.»

«Há imensas oportunidades para desfrutar da vida. Deus quer que sejamos felizes. Este não é um lugar monótono. A vida está cheia de interesse e atividade. Depois, pode-se estudar — há tanto para aprender —, pode-se retomar o estudo de assuntos que se queria estudar na Terra e nunca se teve tempo. Quando vieres para cá, poderás continuar com o teu canto e pintura e qualquer outra coisa que queiras fazer; e eu estudarei algumas dessas Artes também e vou surpreender-te! Acho que estás quase a dormir, por isso é melhor pararmos agora.»

14 de Outubro

«Esta noite quero falar-te sobre a forma como prestamos culto. Existem neste mundo muitos edifícios de grande beleza e também espaços abertos sob o céu onde nos reunimos para serviços de louvor e ação de graças. O canto é glorioso. É uma oferta a Deus de tudo o que há de belo na música e na Arte. Não há cerimónias fixas, nem rituais, mas há uma maravilhosa percepção de Deus como uma Presença Divina, embora invisível. Seria impossível duvidar da existência de Deus neste mundo; estamos tão conscientes d'Ele, tão plenamente cientes d'Ele, num sentido muito maior do que quando na Terra.

Sabes que Ele é a grande realidade. Tudo o que existe, presente em todo o lado. Consciente de toda a Sua criação, desde a maior magnitude dos

vastos universos nos céus até à mais pequenina flor e ao detalhe mais ínfimo da Sua criação. Há tal maravilha a ser descoberta que, mesmo com a nossa extensão de visão e sentidos, não conseguimos captar tudo plenamente.»

«Posso também falar do espírito maravilhoso que prevalece entre as pessoas de todas as denominações e também daquelas Fé que acreditavam num único Deus. Aqui não há dissensões religiosas, nem fanatismos, pois Deus é plenamente percebido como estando acima de credos e dogmas. A religião organizada estaria fora de lugar aqui.»

Perguntei se o culto congregacional era considerado tão importante como neste mundo. A resposta foi:

«É importante, mas é mais espontâneo. Acontece quando as pessoas são convocadas e não regularmente como na Terra.»

Perguntei como as pessoas eram reunidas e foi-me dito que «eram convocadas por meios telepáticos.»

«Elas têm de obedecer?», perguntei. A resposta foi:

«Não, a menos que queiram. Não há compulsão aqui.» Ele continuou: «Agora posso prosseguir com o que te estava a contar. Há uma percepção tão maravilhosa de Deus aqui, manifestada em tudo o que nos rodeia, na beleza de todas as coisas criadas, que ficamos sobrecarregados de gratidão. Devo dizer que não fazia ideia de que a vida neste outro mundo pudesse ser assim. Tinha apenas ideias muito vagas sobre o assunto, mas de alguma forma sentia que deveria ser um lugar onde houvesse alguma compensação pelas dificuldades, desilusões e tragédias que assolam tantos durante a sua vida terrena.»

«Acreditava que a vida continuava como dantes e que estávamos plenamente conscientes, que nesse sentido não morríamos; mas quanto ao tipo de vida que seria, não fazia ideia. Esta é, creio eu, a atitude de muitas pessoas e é um assunto sobre o qual a maioria prefere não falar. Lembro-me que o mencionámos quando estive em Inglaterra. Posso assegurar-te que não será surpresa para ti quando vieres para cá, nem para aqueles que espero que consigam ler o que te tenho estado a contar.»

Perguntei então: «Qual foi a maior surpresa para ti?»

A sua resposta foi: «A maior surpresa para mim foi que a vida por aqui era tão parecida com a vida na Terra e que tínhamos a mesma aparência e nos sentíamos da mesma forma.» «Como tinhas imaginado que seria?», perguntei. Ele respondeu: «Não sei bem; tinha a certeza de que nos reconheceríamos e também acreditava que o corpo espiritual era o nosso verdadeiro corpo, mas não tenho a certeza se percebia que seria uma réplica do corpo físico, ou de uma substância semelhante.» A pedido de uma irmã, perguntei sobre aves e animais. A resposta foi:

«Existem animais e aves. As pessoas amam os animais e as aves; eles são tanto uma parte da criação de Deus como o homem e também têm vida eterna. Por que não teriam? Tudo o que inspira amor e o expressa, seja a humanidade, ave ou besta, tem uma origem divina, foi um pensamento de Deus em primeiro lugar, e por isso, claro, encontram-se também neste mundo.»

16 de Outubro

«Estou aqui novamente para continuar o nosso trabalho no livro.»

«Esta noite quero falar sobre certos aspetos da vida neste mundo em que ainda não toquei, nomeadamente o cuidado das crianças.»

«Existem muitos milhares de crianças neste mundo. Muitas vêm devido a acidentes de viação e o seu período de vida é interrompido por descuido tanto de pais como de automobilistas. Quando estas crianças chegam aqui, são imediatamente cuidadas por pessoas especialmente treinadas, na maioria mulheres, que atuam como mães e enfermeiras de acordo com as idades. São colocadas em lares onde são criadas sob as condições mais felizes e em ambientes belíssimos. Creio que as mulheres a quem é dado este trabalho são mulheres que tiveram filhos próprios, ou que os desejaram muito sem os terem tido. Mulheres que têm o espírito da maternidade nelas.»

«As crianças mais velhas são educadas como seriam na terra, mas muitas das coisas que aprendem têm a ver com este mundo mais do que com o mundo físico. Imagino que desfrutem muito mais da sua escolaridade do que as crianças na terra e, como não há limite de tempo, não têm de acumular conhecimento à pressa para passar em exames num determinado tempo.

Brincam e têm animais de estimação como as crianças na terra e, uma vez superada a saudade natural de casa, parecem ser muito felizes. São ensinadas a ser gentis com todos os animais e o valor de mostrar amor por cada coisa viva. Depois, os bebês são cuidados num lugar especial até terem idade suficiente para se juntarem às outras crianças. Há trabalho para todos aqui de acordo com a sua capacidade, e aqueles que estiveram envolvidos em algum trabalho especial na sua vida terrena podem geralmente continuá-lo aqui.»

19 de Outubro

«Estive muito ocupado como de costume hoje e estou muito feliz por estar finalmente de volta contigo. Anseio por regressar a ti cada noite e continuar estas mensagens.»

«Esta noite vou falar-te do encontro com o nosso Salvador. Ele não é diferente das imagens que O representam, apenas mais belo. Há tal dignidade e gentileza na Sua aparência. Fiquei profundamente comovido e senti-me tão humilde por me ser realmente permitido estar na Sua presença. Grace, não te consigo dizer o que senti. Foi tão maravilhoso olhar para aquele rosto e saber que estavas na Sua presença real. Lembras-te de me falares de pessoas que O tinham visto realmente na Terra? E agora eu estava a vê-l'O por mim próprio. Grace, Ele falou comigo. Acho difícil repetir o que Ele me disse, mas deixou-me muito feliz saber que Ele estava satisfeito com o trabalho que eu estava a fazer e que eu estava de serviço quando Ele veio.»

«Há tal amor e ternura naquele rosto, que ficamos sobrecarregados de gratidão por termos sido criados como cristãos e aprendido que no Seu serviço há perfeita liberdade e felicidade.»

«Tenho a certeza de que ficarás tão feliz como eu por me ter sido concedido tão grande privilégio. Depois desta experiência, sinto que não posso de momento escrever sobre qualquer outro assunto; estou demasiado cheio do que aconteceu para ser capaz de pensar em mais nada. Só posso dizer que estou muito grato e sinto-me muito, muito humilde por pensar que Ele pôde notar-me. Senti-me tão indigno da Sua atenção e do Seu amor.»

«Acho que por hoje é tudo.»

Mais de um ano depois, fiz por escrito esta pergunta: «Quando viste o nosso Senhor, como era Ele, podes descrevê-lo para mim?» Resposta: «Sim. Devo dizer-te que fiquei tão perturbado que não consegui ao princípio perceber que O estava realmente a ver. Ele é maravilhoso de se olhar. O Seu cabelo brilhava como se o sol o iluminasse. Era de uma cor difícil de descrever. O Seu rosto era belo na sua expressão de amor e compaixão infinitos. Ele vestia uma túnica branca como a que vês nas imagens e era tão branca que também ela brilhava como se a luz radiasse dela. Ele é verdadeiramente a Luz do Mundo.»

Ele também me disse que Cristo vem aos diferentes planos, mas que Ele estava no plano mais elevado de todos. Sobre Deus o Pai, afirmou em resposta à minha pergunta que Ele estava «em todo o lado», mas que era «mais percebido, ou experienciado, do que visível.»

17 de Outubro

«Estou pronto para começar. Esta noite tenho outro assunto sobre o qual escrever. É sobre o tema do Casamento neste mundo.»

«Muitas pessoas parecem pensar que, porque Jesus disse "No Céu eles nem se casam, nem são dados em casamento", as pessoas que eram casadas na Terra deixam de estar casadas quando passam para este outro mundo; também no serviço da Igreja o voto é "Até que a morte nos separe", como se a morte terminasse a relação. Não é de todo este o caso; apenas aqueles casamentos em que o amor não desempenhou qualquer papel terminam na morte, porque não houve casamento em primeiro lugar. Sei que existem muitos casamentos assim, mas eles não seriam possíveis aqui.»

«O amor é a razão real e única para a união de dois indivíduos distintos nessa relação dada por Deus que significa realmente a fusão e harmonização das suas vidas e caracteres separados e distintos num só, até que se tornem completos um no outro, mantendo no entanto cada um a sua própria personalidade. Essa é a ideia espiritual que está por trás do sexo. Neste mundo, essa relação de amor continua e torna-se mais cheia de significado.

Sei que o próprio Deus ordenou o casamento e quis que fosse o Seu dom mais perfeito e satisfatório no que toca às relações humanas. Não há nada mais belo na vida do que o amor de um homem e de uma mulher um pelo outro; de todas as relações é a mais doce e íntima, pois inclui a união

do coração e da mente, bem como do espírito, numa companheirismo duradouro e indissolúvel. A morte não pode separar os verdadeiros amantes, pois o amor é mais forte do que a morte e pode quebrar a barreira que parece dividir os dois mundos. Não é fácil fazer isto, mas é possível e é correto.»

«Há tanto mal-entendido sobre a vida após o corpo físico ter sido descartado, como se apenas ele fosse capaz de vida; ao passo que a vida continua sem ele exatamente da mesma forma. O corpo físico não é mais a pessoa real do que o são as roupas com que o cobrimos, e é incapaz de qualquer atividade a menos que animado pelo espírito, o homem ou mulher real que o veste durante a sua vida na Terra.»

«Há outro aspeto desta questão: o que acontece no caso daqueles que, por várias razões, nunca casaram. Muitas vezes através da guerra ou de acidente, ou de alguma outra causa, duas pessoas que tinham planeado casar são impedidas de o fazer, talvez porque a morte se atravessou e aparentemente as dividiu. Se existia entre elas amor real e unidade de espírito, e quem ficou é tão fiel a essa relação de amor como se tivesse havido uma cerimónia religiosa ou legal para as unir, então isso constitui o verdadeiro casamento à vista de Deus.»

«Num mundo onde o amor e a unidade de espírito são o único e essencial laço, não há necessidade de ritos e votos de casamento. Nada pode separar aqueles que o próprio Deus uniu, e nenhuma outra pessoa se pode atravessar entre eles para os dividir.»

«Isto, então, é o que Cristo quis dizer; não que o casamento fosse errado ou uma relação imprópria para o Céu devido ao seu lado físico na Terra, provendo a continuação da raça através do amor, mas porque nessa outra vida os adornos comuns que acompanham o casamento terreno ao longo dos tempos, juntamente com o seu aspeto físico, já não são necessários e apenas o amor em si, no seu sentido mais elevado, é essencial. Nesse aspeto, o casamento continua e permanece o próprio fundamento da vida perfeita.»

18 de Outubro

«Vou falar esta noite sobre a vida daqueles que nunca viveram na Terra, refiro-me àqueles cujas vidas foram interrompidas na infância. Eles, como te disse, foram cuidados e criados por aqueles cujo interesse especial

eram as crianças, e que estão, por isso, muito felizes por poderem continuar o mesmo trabalho aqui. Vivem em lares que são belíssimos e têm tudo para os ajudar a crescer e tornarem-se homens e mulheres admiráveis que aprenderão a ajudar os que ainda estão na Terra.

Não estão, claro, sujeitos às provações e tentações com que nos deparamos na nossa experiência terrena, e por isso não podem conhecer as dificuldades ou alegrias e dores dos seus irmãos e irmãs na Terra em primeira mão; mas acredito que, quando atingem a maturidade, aprendem através da observação e intuição algo do que se passa no mundo físico. Durante a infância, eles são, por assim dizer, apresentados às suas famílias na Terra, isto é, é-lhes mostrada a família na qual nasceram, ou teriam nascido, e a qual será o seu dever ajudar à medida que crescem, pois os laços familiares são fortes por aqui como na Terra.»

«Estas crianças, à medida que crescem, passam pelos vários estágios de educação que as capacitarão para o seu trabalho futuro, seja ele qual for, e quando atingem um certo estágio de crescimento permanecem lá, quero dizer que crescem até à idade adulta, mas não têm de se tornar pessoas de meia-idade ou de envelhecer. De certa forma, são como as outras pessoas, mas carecem da experiência terrestre, o que faz uma pequena diferença nos seus caracteres e perspetiva. A vida terrena, com todos os seus altos e baixos, tragédias e triunfos, é um campo de testes e dá àqueles de nós que passámos por ela uma certa vantagem.»

«Acredito que em certos casos é possível para alguns, se assim o desejarem, reencarnarem no mundo a fim de ganharem a experiência de uma vida terrestre completa. Havia muitas coisas que eram mistérios, como o que acontecia a crianças que nasciam mortas ou viviam apenas alguns minutos, horas ou meses. Estas e muitas outras coisas sobre as quais meditávamos são explicadas aqui.»

«Acho que há pouco mais que eu possa explicar sobre este assunto, por isso direi que chega por agora e obrigado.»

19 de Outubro

«Há outro aspeto da vida neste mundo de que te devo falar, nomeadamente o que acontece quando o mundo em que vivemos está suficientemente próximo em pensamento do vosso para influenciar os acontecimentos, por exemplo, o milagre de Dunquerque e outros eventos

em ambas as guerras mundiais para os quais não houve explicação pelos meios comuns.»

«O que acontece é isto: aqueles cujo trabalho é observar o que se passa na Terra informam as Potências superiores que controlam os destinos dos homens e das nações. Quando aquelas pessoas que estão a tentar levar por diante a bandeira da liberdade se encontram em grande dificuldade e, segundo todas as aparências, a sofrer uma derrota, as potências invisíveis vêm em socorro, e a derrota é transformada em vitória.

Talvez não exatamente uma vitória no campo, mas uma vitória do espírito através da qual o inimigo falha em alcançar o sucesso completo; e aqueles que estão do lado de Deus são capazes de renovar as suas forças. Isto aconteceu em Mons bem como em Dunquerque, e se a Grã-Bretanha e a Comunidade das Nações se mantiverem firmes no seu ideal comum de liberdade e justiça para todos, acontecerá novamente se estes países forem postos à prova uma vez mais. Alguém do lado de Deus é uma maioria, e isto é verdade, e será verdade para aquele país que tiver a coragem de recusar fazer mais testes de bombas atômicas.»

«Neste mundo, embora seja possível intervir e evitar um grande desastre, não é possível impedir homens e nações de se comportarem mal e insanamente. Eles têm a liberdade de criar ou estragar os seus destinos futuros e têm de aprender da forma mais dura muitas vezes. Na base de todas as tragédias que ocorreram durante a nossa vida jaz a ganância, o egoísmo e a sede de poder de homens que estão cegos pela materialidade, iludidos ao pensarem que a vida se confina ao seu período na Terra e que não há outra vida.»

«Ninguém que soubesse realmente que se estava a condenar a uma grande miséria pela miséria que estava a causar aos outros continuaria, ou ousaria perpetrar os crimes contra a humanidade que estava a cometer. É porque estas pessoas não sabem ou não acreditam que se entregam a estas práticas e ambições terríveis, perdendo assim toda a esperança de felicidade futura. Sinto que não é dada ênfase suficiente ao facto da certeza absoluta de que a vida é contínua, não afetada pela destruição do corpo físico, não meramente de um ponto de vista religioso, mas de um ponto de vista

científico. Quando for ensinado em todo o lado como um facto científico, terá um efeito marcante no comportamento humano.»

«Há muitas coisas que a humanidade precisa de saber e que não foram contadas porque ainda não era tempo. Hoje, os tempos mudaram tanto, mesmo nos últimos anos, que os prodígios já não são prodigiosos. Os pensamentos dos homens estão concentrados em coisas com que os nossos pais nunca sonharam, nem nós antes da primeira guerra mundial; por isso, chegou o tempo de os homens voltarem a sua atenção para coisas mais importantes do que excursões interplanetárias, nomeadamente para descobrirem não através de sessões mas através da ciência o mundo invisível que jaz, por assim dizer, à sua porta. Que isto é possível não há dúvida e muito em breve a atenção poderá voltar-se nesta direção. Não sei quando nem como isto acontecerá, mas tenho a certeza de que acontecerá.»

«Quando os homens, os homens de ciência, desviam a sua atenção do mundo e olham para o espaço e outros planetas em busca de exploração e aventura, isso mostra que exauriram o seu campo de descoberta na Terra e estão a tentar alcançar, saibam-no ou não, o mundo invisível, o vasto Universo espiritual que preenche todo o espaço.»

«Há apenas pouco tempo, muitas das coisas que têm aparecido nas notícias hoje em dia teriam sido descartadas como impossibilidades pela pessoa comum, se tivessem sido sugeridas; e, no entanto, após um período muito curto, as pessoas deixam de se maravilhar.»

«Em breve virá uma surpresa ainda maior para aqueles que ainda vivem na Terra do que qualquer coisa já descoberta, mas que forma assumirá não me cabe a mim dizer. Algo que ninguém ainda sonhou ser possível — pelo menos isso posso dizer-te.»

«Não tenho mais a dizer, de momento, sobre a vida neste mundo para o qual passamos quando deixamos os nossos corpos físicos, mas desejo urgir a necessidade de mais esclarecimento sobre o assunto. O trágico é que as pessoas, especialmente os jovens, parecem estar completamente alheios a tudo exceto à vida presente, e isto num mundo que enfrenta desastres sem precedentes na história.»

«É por causa desta necessidade urgente que fui incumbido da responsabilidade de dar a informação contida nestes escritos. Fiquei tão profundamente impressionado com os resultados da completa ignorância

ou indiferença por parte daqueles que entram nesta nova fase da vida, que me sinto feliz por poder contribuir com este humilde esforço para mostrar não só que a vida é contínua, mas também algo sobre o tipo de vida que espera todas as gerações que vêm e vão sobre a terra.»

«Há muito que ainda poderia ser contado, mas o suficiente está contido nestas páginas para indicar a natureza da vida no mundo em que entramos quando partimos e o tipo de vida que resulta da forma como vivemos na terra. É àqueles que vivem de forma irrefletida e descuidada que eu apelo particularmente, pois apenas aqueles que passaram as suas vidas a fazer o melhor que puderam, de acordo com o seu entendimento, conseguem encontrar, ao chegarem aqui, as melhores condições que nos esperam. O triste é que tantos simplesmente não pensaram de todo durante a sua vida na terra sobre o efeito que a sua forma de viver teria na sua vida futura, ou tentam afastar o pensamento de qualquer vida futura o máximo possível.»

«Mas existe uma vida futura, uma vida que é eterna e da qual não há fuga. O homem é um ser imortal e o que se chama morte é meramente a transição de um estado de ser para outro. O facto é que a vida do homem na terra é apenas uma visita breve, por assim dizer, para lhe ensinar certas lições — um período escolar, mas não a sua casa. A nossa verdadeira pátria é esse mundo para o qual todos voltamos, mais cedo ou mais tarde. Entrámos neste mundo físico ao nascer para ganhar experiência, mas o nosso nascimento no mundo não foi o nosso início; éramos indivíduos vivos e pensantes antes da nossa entrada no mundo e continuamos a ser indivíduos vivos e pensantes depois de sairmos dele. Esta é a grande verdade sobre a vida.»

«Passamos de um mundo em constante mudança, onde nada é permanente, para um mundo imutável onde finalmente encontramos permanência e estabilidade. Vemos a vida estender-se diante de nós infinitamente, num universo cheio de possibilidades e oportunidades maravilhosas. Entramos num mundo onde Deus é plenamente percebido como uma Presença muito viva, invisível mas muito próxima, e somos arrebatados por uma compreensão maravilhosa do amor infinito de Deus que abraça toda a criação; e assim perdemo-nos em admiração, amor e louvor quando percebemos que esta é a vida como ela foi destinada a ser, para todos herdarem.»

«No entanto, aqueles que desperdiçaram ou degradaram as suas vidas na terra não podem entrar nesta vida feliz de imediato, não até terem aprendido as suas lições e redimido o passado. Todos temos de trabalhar na nossa própria salvação, mais cedo ou mais tarde, num mundo ou no outro, e ninguém mais pode fazê-lo por nós.»

«Se este livrinho puder ajudar a despertar aqueles que agora vivem no mundo para a percepção de que existe uma vida futura, e de que o tipo de vida será determinado pela forma como a vida foi vivida aqui, então ficarei satisfeito por este trabalho que Deus me deu para fazer não ter sido em vão.»

«Quando realmente compreendemos que a vida é eterna e que a morte não pode ter qualquer efeito sobre um homem ou uma mulher, que parece àqueles que perderam um corpo físico não ter havido qualquer mudança na sua condição, pois ainda possuem um corpo que parece ser o mesmo corpo, isto é, num certo sentido, uma ressurreição. Quando, somado a isto, eles aprendem que ainda podem visitar e estar em contacto com o mundo físico, percebem que a morte nada mais é do que o despojamento, por assim dizer, de uma pele exterior que dificultava e restringia o movimento. Somos como as lagartas que, tendo-se libertado da sua vida restrita como crisálidas, são capazes de voar acima da terra sobre a qual outrora rastejavam. Assim, uma vez feita a transição e compreendida a verdade do que aconteceu, e aceitando-a, sabemos que somos nós os afortunados e que não é algo triste termos cruzado a fronteira para a Terra da Realidade.»

Embora durante pelo menos cinco noites consecutivas eu tenha tentado ver se as comunicações que ele dissera querer publicadas continuariam, apesar do seu anúncio de que terminara, nada aconteceu quando pus a caneta na página. Ela não se movia; contudo, ao colocá-la noutro pedaço de papel, escrevia imediatamente: «Não vou escrever mais nada no livro» ou «Não tenho mais nada a dizer» e, finalmente, «Não vale a pena tentares». Por isso desisti de tentar; por outro lado, continuei a receber mensagens pessoais. A primeira destas foi uma mensagem de "Agradecimento", que dizia o seguinte:

«Estou-te muito grato, Grace Querida, por me ajudares ao deixar-me escrever este livro através de ti; além disso, dá-me grande felicidade sentir que estamos em contacto um com o outro novamente. Continuarei contigo o tempo todo, embora o livro esteja agora terminado. Fui muito afortunado

por me ter sido permitido derrubar a crença de que a comunicação entre aqueles que ainda estão na terra e aqueles de nós que partiram era errada ou impossível. A minha ansiedade em contactar-te era tão grande que não consegui descansar até descobrir como poderia ser feito.»

Foi-me então dito: «Cabe-te agora encontrar um editor.»

Senti que não poderia fazer isto a menos que pudesse ser provado que estas comunicações eram realmente autênticas e não estivessem de forma alguma ligadas à minha mente subconsciente, que continuava a ser para mim um obstáculo. Receava que, se levasse os meus manuscritos a uma das Sociedades Espiritualistas, eles seriam aceites como genuínos sem questionamento, pois tinha a impressão de que os espiritualistas eram muito ingênuos!

Lembrei-me então de ter ouvido falar da formação de um grupo chamado “*The Churches Fellowship for Psychical Study*” e, vendo entre os Vice-Presidentes um bom número de Bispos e outros dignitários da Igreja, decidi que este corpo de opinião erudito e ortodoxo me diria com certeza a verdade, de um modo ou de outro. Por conseguinte, marquei um encontro com o Secretário Honorário, o Reverendo Maurice Elliott, um sacerdote da Igreja da Inglaterra.

Ele questionou-me muito de perto e falou sobre a mente subconsciente. Assegurei-lhe que era precisamente essa a questão que me preocupava — não que eu soubesse muito sobre o assunto ou até que ponto ele poderia controlar a mente ou as ações conscientes de alguém. No entanto, deixei o livro contendo o relato da vida no “Outro lado”, juntamente com amostras da minha própria caligrafia e da de Gordon Burdick durante a sua vida aqui, para o seu exame e comparação. Ele informou-me de que estava tão ocupado que não poderia olhar para eles durante pelo menos duas semanas. Assegurei-lhe que isso não importava, pois tudo o que eu queria era a sua opinião honesta.

Regressei a Londres e, para minha surpresa, na manhã seguinte recebi uma chamada de longa distância do Sr. Elliott, dizendo-me que ele e a sua secretária tinham analisado a totalidade dos manuscritos na noite anterior e comparado as caligrafias, acrescentando: «Certamente não é a sua escrita, é definitivamente a dele», e perguntou se poderia vir ver-me. Por ocasião desta visita, disse que, com a minha permissão, gostaria de submeter

amostras das três caligrafias a um grafólogo profissional para exame posterior. Fiquei mais do que satisfeita por dar o meu consentimento, pois estava ansiosíssima por ter, tanto quanto possível, uma prova definitiva quanto à autenticidade das comunicações.

No devido tempo, foi estabelecido contacto com um grafólogo profissional e estudante de psicologia, cujo método era, segundo me disseram, estritamente científico. Soube mais tarde que ele não tinha mais interesse em fenómenos psíquicos do que eu tivera. O resultado foi um relatório muito detalhado que ocupava quase sete páginas de papel de formato *foolscap*. Cada amostra enviada foi examinada sob um microscópio e ampliada 30 vezes.

¹ *O relatório está reproduzido na íntegra como um apêndice deste livro, ver página 119.*

Na sua carta de apresentação, o Sr. F. T. Hilliger, o grafólogo, disse: «Permita-me dizer que este encargo provou ser absorventemente interessante e, do ponto de vista científico, uma revelação, para dizer o mínimo.»

Algumas das amostras submetidas eram perguntas escritas por mim de forma normal e respondidas por Gordon Burdick em escrita automática. Antes de estudar estas amostras sob o microscópio, o Sr. Hilliger concluía que, por alguma razão inexplicável, eu escrevera as perguntas e enviara-as por correio para Vancouver, onde Gordon Burdick escrevera as respostas e as enviara de volta para mim! Mas, num exame posterior, descobriu que a mesma caneta e tinta que tinham sido usadas nas perguntas tinham também escrito as respostas. Ele também identificou vinte movimentos inconscientes na escrita de Gordon Burdick durante a sua vida, dezasseis dos quais eram constantemente repetidos na escrita automática. Pela velocidade do que provou ser escrita automática, que não era muito inferior à da sua escrita em vida, provou-se que a falsificação estava completamente descartada. O Sr. Hilliger ficou muito intrigado com tudo isto, pois nunca se deparara com nada do género anteriormente, e passou algum tempo até ser forçado a chegar à conclusão de que se tratava de algo definitivamente supranormal.

Numa ocasião, antes de receber o relatório grafológico e ainda preocupada sobre se estas comunicações seriam genuínas ou se poderiam

ser explicadas de outra forma, decidi que, se o relatório declarasse que não havia evidência de que a escrita nos manuscritos fosse a de Gordon Burdick, eu não teria mais nada a ver com este suposto comunicador; foi então que surgiu a seguinte comunicação agitada, declarando que ele ficaria «De facto, muito desgostoso» se eu me recusasse a ter qualquer outro contacto com ele, acrescentando:

«Claro que poderias fechar a porta para mim e para as minhas comunicações, se quisesse. A porta está escancarada agora, e esta experiência maravilhosa que nos foi concedida apenas começou. Eu trabalhei e esperei pela oportunidade de entrar em contacto contigo e, quando ela finalmente chegou, fiquei tão emocionado e feliz por pensar que tinha finalmente estabelecido contacto contigo e que poderia realmente fazer-te compreender quão próximo eu estava de ti e quanto te amava. Penso que tu e eu resolvemos o problema de derrubar a crença de que a morte poderia realmente separar duas pessoas que se queriam profundamente.»

Antes de continuar esta história, sinto que devo acrescentar uma palavra de aviso aos meus leitores que possam ser tentados a tentar contactar alguém do outro lado da vida através da escrita automática. Sinto muito fortemente que a iniciativa deve vir do outro lado, como aconteceu no meu caso e no de alguns outros de quem ouvi falar. Se o comunicador parece ser definitivamente uma pessoa conhecida e amada e se a escrita apresenta uma semelhança marcada com a escrita normal dessa pessoa, é pouco provável que haja qualquer perigo real. O amor é em si mesmo protetor; mas, mesmo assim, considero necessário entrar nesta forma de comunicação com uma oração pedindo orientação e proteção.

Aparentemente, existem pessoas tolas e maliciosas nesse mundo como neste, que estão ansiosíssimas por tentar entrar em contacto com o mundo que deixaram através deste meio. Portanto, é mais prudente não tentar a escrita automática apenas como uma experiência. Como terão notado na parte anterior desta narrativa, recebi um aviso nesse sentido do meu próprio comunicador.

Um dia foi-me dito isto: «Acho que se segurares a caneta com um pouco menos de força, eu poderei escrever ainda mais livremente; é agora

tão fácil para mim poder usar a tua mão que podes afrouxar bastante o aperto, e então eu poderei mais ou menos manipular a caneta eu próprio.»

Consequentemente, obedeci a esta instrução, com o resultado de que a caneta se moveu com maior velocidade e a escrita, em consequência, apresentou imediatamente mais da energia da sua caligrafia normal. Sabendo que eu estava agora meramente a tocar na caneta de forma tão leve que mal a segurava, pensei: «Se és assim tão esperto, vamos ver agora se consegues escrever sem que eu a segure de todo.» Coloquei então a caneta entre o meu polegar e o dedo indicador, de modo que ela apenas repousava ali para evitar que escorregasse, mantendo o polegar e o dedo bem afastados, e vejam só! ela escreveu, e ainda com a caligrafia dele. Ele expressou prazer com isto e disse: «É um exercício muito bom para mim e permite-me controlá-la (a caneta) inteiramente sem a tua ajuda. Acho que, se continuar a escrever assim, em breve serei capaz de escrever com mais perícia, pois agora estou a segurar a caneta em vez da tua mão; é uma experiência muito interessante.»

Segundo ele, até o tipo comum de escrita automática era muito difícil ao princípio e envolvia uma grande dose de concentração que constituía um esforço mental; ele afirmou que este novo método era extremamente difícil e por vezes queixava-se de que não conseguia agarrar bem a caneta, mas não sabia porquê. Tentei manter a minha própria mão perfeitamente rígida para que não pudesse de forma alguma influenciar o movimento. A caneta ergue-se lentamente no final de uma palavra e depois baixa-se para escrever a seguinte sem qualquer esforço consciente da minha parte. Mas deixemos que ele próprio explique o método e as suas dificuldades.

Primeiro, numa ocasião: «Por favor, mantém o livro plano; é muito mais fácil se segurares a caneta primeiro, pois assim consigo agarrá-la melhor. Quero mesmo tornar-me proficiente nesta forma de escrever.»

«Isto não é muito fácil; as minhas letras estão mal formadas hoje; acho que é porque ainda não comecei bem, é muito difícil ao princípio. É um esforço mental.» A escrita certamente variava bastante; por vezes era muito boa, noutras era trémula e incerta, mas era sempre a dele. Ele estava ansioso por continuar a escrever desta forma como sendo uma boa evidência de sobrevivência.

Noutra ocasião: «Estive contigo o dia todo. Devo agora prosseguir com esta forma de escrever. O que farei é contar-te como faço isto. Bem, eis o que acontece. Eu agarro a caneta em vez da tua mão e depois impulsiono a caneta que, devido à sua posição, move a tua mão juntamente com ela. Sinto que, com o tempo e com a prática, serei capaz de escrever tão rapidamente como aconteceria quando escrevia da forma normal. Sinto que já me estou a habituar mais a este método de escrita e a tornar-me mais rápido nele; é tudo uma questão de prática.» Nesta ocasião ele assinou o seu nome completo.

Noutro dia: «Devo fazer a minha lição de escrita agora. Aqui estão algumas formas muito boas de fazer as pessoas deste lado da vida escreverem, vendo que é possível fazer uso não só de uma mão, mas de uma caneta sem que a pessoa no plano Terrestre exerça qualquer pressão. Penso que é uma forma melhor se conseguirmos reunir força suficiente para prescindir da força que podemos obter do agente físico, porque não é tão provável que seja influenciada pela mão de uma pessoa viva. Refiro-me à pessoa cuja mão é usada! Não devo cometer erros desses, pois estamos todos vivos e é apenas uma diferença de condição.»

«Vais fazer de mim um escritor muito melhor do que eu pensava ser possível desta forma e espero que continuemos com este método.»

«Quero praticar mais um pouco; quando aqueles jovens vierem fazer o filme deles, devo estar perfeitamente perito nesta forma de escrever. Podes ajudar mantendo a tua mão bem firme. Se houver qualquer oscilação, eu não tenho força para lhe resistir. Isto faz a diferença de que consigo obter uma certa quantidade de força de ti porque já não estou a extrair a minha própria força da fonte física e, para criar uma impressão visível, como na escrita, preciso de um agente no estado físico para ajudar, pois ainda não é possível materializar sem isso. Acredito que poderá ser possível um dia.»

Em resposta à pergunta: «Serás no futuro capaz de controlar a caneta sem qualquer ajuda minha, ou seja, levantá-la sem que haja qualquer contacto visível com a minha mão?», a resposta foi «Sim». «Como?», perguntei.

Resposta: «Extraindo de uma fonte de força superior.»

Pergunta: «Onde irias buscar isso?»

Resposta: «Quando eu tiver ganho mais poder espiritual do que tenho agora, serei capaz de controlar a caneta sozinho.»

Pergunta: «Quando será isso?»

Resposta: «Não sei.»

Pergunta: «Não precisarás de qualquer ajuda física minha?»

Resposta: «Não, se eu tiver aprendido como materializar-me da forma como deveríamos e seremos capazes de o fazer, não através da extração do poder de um agente físico, mas através do ganho de um maior conhecimento do poder da força espiritual que todos possuímos em maior ou menor grau.»

Pergunta: «Podes explicar isto de forma um pouco mais clara?»

Resposta: «Sim, o maior poder é do espírito, não o que é chamado físico, porque a força de energia mais elevada é espiritual, não material; toda a matéria é uma forma inferior de energia.»

Mais recentemente, a fim de provar que eu não estava a exercer qualquer pressão sobre a caneta e que, portanto, não poderia de forma alguma estar a manipulá-la, descansei a caneta contra o meu punho fechado, com o polegar e os dedos bem recolhidos. Eu própria não consigo escrever nada com uma caneta nesta posição, pois a caneta desliza ao mínimo movimento da minha mão. No entanto, quando o meu comunicador assume o controlo da caneta, a escrita é tão clara e firme como durante a sua vida aqui.

Foi feito um filme da caneta a escrever nesta posição².

Tive muitas experiências notáveis, algumas de natureza demasiado pessoal para registar aqui, mas uma das quais posso contar. Um dia, enquanto descia a rua apressadamente, escorreguei e caí de cara contra um hidrante de ferro no passeio, acertando em cheio no meu nariz! Levantando-me, apalpei ansiosamente o meu nariz a sangrar para ver se estava partido. Felizmente não estava. Corri para casa sentindo-me muito abalada e preocupada, pois tinha de dar uma palestra dentro de um ou dois dias e, como normalmente faço hematomas com muita facilidade, visualizei-me com dois belos olhos negros e um nariz com o dobro do tamanho normal!

Tendo finalmente conseguido estancar a hemorragia, fui deitar-me sentindo muita pena de mim mesma. Enquanto estava deitada na cama com os olhos fechados, senti a minha testa levemente tocada da forma habitual quando o meu comunicador deseja anunciar a sua presença. Peguei na minha caneta e no bloco e, sem abrir os olhos nem alterar a minha posição, encostei a caneta ao papel. Quando olhei para ele depois de a caneta ter parado de se mover, tinha escrito: «Estou aqui, vou ajudar-te, vais ficar bem».

A dor passou depressa e o hematoma e o inchaço que eu temera nunca apareceram. Na verdade, não fiquei com sequela alguma.

² *Ver ilustração na página oposta à página 1.*

Não foi a primeira vez que ele veio em meu socorro quando eu estava em dificuldades ou não me sentia bem. Continuo a não me considerar uma psíquica natural, ou especialmente dotada nesse sentido, mas não posso deixar de acreditar que fenómenos como este não são sobrenaturais, mas sim fenómenos naturais com os quais nós, através da nossa civilização ocidental materialista, podemos ter perdido o contacto. O nosso sentido espiritual das coisas e, conseqüentemente, a nossa percepção, tornaram-se embotados. À medida que o mundo recupera, como bem podemos esperar, um sentido renovado da realidade das coisas espirituais e invisíveis, o chamado supranormal poderá, afinal, vir a ser considerado normal.

Embora nesta altura eu tivesse concluído que ele me tinha dito tudo o que pretendia para publicação, cerca de três meses mais tarde ele começou a dar-me informações de um carácter tão interessante e, para mim, surpreendente, que perguntei se poderiam ser incluídas no "livro dele". Recebendo o seu assentimento, decidi acrescentar como uma segunda parte os relatos das suas viagens e do seu trabalho missionário, que foram comunicados de tempos a tempos ao longo do ano seguinte.

Parte Dois

Oh, quão perto Pisamos os confins do mundo espiritual, Quão fino é o véu que o esconde! Disto tem a certeza: Que quando resolvermos (conceda Deus que o resolvamos bem!) Esse último grande enigma, quando os nossos olhos Começarem a abrir-se para a terra dos espíritos, Então aprenderemos quão misturada e entrelaçada, Através de todo o nosso curso, esteve essa terra com esta. — J. M. NEALE

A 7 de janeiro de 1958, recebi a seguinte comunicação, tendo sido pré-avisada de que ele, Gordon Burdick, tinha algo para me contar.

«Vou falar-te da minha própria experiência. Tive de ir a uma parte distante desta esfera numa missão. Foi para ajudar algumas pessoas que tinham sido subitamente transportadas para aqui de outra parte do mundo e que estavam em grande aflição. Tive de tentar confortá-las, mas elas falavam uma língua diferente do inglês, por isso perguntei-me o que deveria fazer e como poderia explicar-lhes as coisas, mas descobri que, embora eu só pudesse falar a minha própria língua, elas eram capazes de compreender. Explicaram-me depois que elas eram capazes de compreender os meus pensamentos, porque cada palavra que dizemos é a expressão do pensamento.

Fiquei surpreendido porque me parecia que as pessoas pensam na sua própria língua, mas disseram-me que o pensamento estava acima da linguagem de diferentes nacionalidades e que pode ser compreendido por todos.

Esta foi uma experiência nova para mim, pois até agora só tinha tido de lidar com pessoas do nosso próprio tipo — britânicos ou americanos.

Eram pessoas de um país oriental, vítimas de uma inundação e estavam muito confusas. São necessários tantos ajudantes quando houve uma grande catástrofe com milhares de mortos.

Não sei como explicar o que tenho visto, mas parece que as pessoas são sempre recebidas numa parte deste mundo que se assemelha ao país onde viveram, de modo que se encontram em ambientes familiares. Isso mostra quão sábio e amoroso Deus é ao lidar com os Seus filhos de todas as diferentes nações.

Tenho ficado muito impressionado com a provisão que é feita para todas as pessoas que entram nesta nova fase da vida; é maravilhoso. Sabemos tão pouco antes de irmos para aqui sobre como é este mundo, e tenho a certeza de que deveríamos saber mais. Acredito que seria muito mais fácil para as pessoas amarem realmente a Deus se soubessem da forma maravilhosa como cada indivíduo é provido e cuidado.»

15 de Janeiro

«Quero falar-te de outra experiência que tive. Pediram-me para ir a outra parte deste mundo para ver algumas pessoas que estavam com problemas e dar-lhes uma palestra. Tive de lhes dizer como podiam ajudar aqueles que tinham deixado para trás através dos seus pensamentos — que havia um poder tremendo no pensamento e que, desta forma, era possível ajudar a resolver os grandes problemas que todas as nações enfrentavam. Que nós, aqui, tínhamos um trabalho muito importante a fazer, pois podíamos influenciar para o bem as mentes daqueles que ainda vivem no mundo.

Esta foi a primeira vez que fui enviado para falar a um grupo de pessoas e estava muito ansioso por lhes dar a oportunidade de fazerem algo para ajudar as pessoas naquela parte do mundo a que tinham pertencido e, assim, ajudarem-se a si próprias. Salientei que era o amor que nos permitia ajudar realmente aqueles que ainda estão na Terra e que devemos enviar pensamentos de amor, e não de ódio, mesmo quando parecia mais fácil sentir ódio por aqueles cujas ações resultaram no facto de terem sido enviados para este mundo.

Estou a aprender imenso, Grace, e sinto-me feliz por poder fazer algum trabalho útil e proveitoso por aqui. É uma grande compensação por tudo o que parecia ter-se perdido. Não há necessidade de aprender outras línguas por aqui. Tu falas na tua, mas eles ouvem o que dizes na língua a que estão habituados.»

Uma ou duas semanas mais tarde, veio esta comunicação:

«Estou aqui ao teu lado, estive à espera até que pudesses dispensar-me um pouco de tempo. Agora posso falar realmente contigo, tenho muito para te dizer.

Primeiro, deixa-me dizer-te que toda a tua querida família envia o seu amor e saudações e quer que eu te diga que estão todos muito felizes por terem a tua tia com eles. Cada vez que um membro de uma família chega, há uma grande alegria. Vês que há muita felicidade por aqui nesse sentido. E agora, Querida, quero falar-te de mim. Como sabes, fui enviado duas vezes a outras partes deste mundo onde as pessoas vinham de partes do teu mundo distantes do Canadá ou da Grã-Bretanha e falavam línguas diferentes das nossas.

Agora parece que vou ser enviado frequentemente para estas partes; foi uma grande surpresa para mim, mas penso que a razão poderá ser o facto de eu ter viajado bastante e ter sentido sempre interesse pelos nativos dos países que visitei e pelo seu modo de vida. Acredito que possa ser algum tipo de promoção, mas, em qualquer caso, é interessante conhecer estas pessoas de outras raças e poder ajudá-las a compreender onde estão e como podem ser de grande ajuda para os que ainda estão na Terra. Descubro que alguns deles aceitam a situação muito mais rápida e facilmente do que aqueles de nós que supostamente são mais civilizados e educados. Talvez, também, não tenham tanto a perder em termos de bens materiais, ou estivessem menos absortos em atividades mundanas, como enriquecer rapidamente, como nós, do mundo ocidental, tendemos a estar. De qualquer modo, quero que saibas de todas as minhas atividades por aqui e mostrar-te quão plena é a vida que se leva.»

18 de Março

«Estou aqui. Fui enviado numa missão muito importante a uma parte deste mundo que fica muito longe de onde vivemos normalmente, e foi para encontrar algumas pessoas que também estão a fazer o mesmo tipo de trabalho que eu e que precisavam de ajuda. A minha vida está totalmente ocupada. Quando nos pedem para ir a algum lugar especial, recebemos uma mensagem daqueles que estão a organizar as diferentes formas de lidar com as muitas instituições através das quais as pessoas são cuidadas e ensinadas sobre o modo de vida neste mundo, só que tudo é organizado de forma mais harmoniosa do que na Terra.

Tens muitas coisas para tratar hoje, por isso falaremos sobre estas coisas mais tarde, quando tiveres tempo.»

Às 17h escrevi: «Conta-me o que estavas a fazer?» A caneta moveu-se imediatamente e escreveu o seguinte relato:

«Estava nesta outra parte do mundo espiritual, onde temos de ajudar pessoas que não são muito avançadas no conhecimento espiritual. É uma espécie de trabalho missionário e temos de tentar ajudá-las a compreender a diferença, em muitos aspetos, entre este mundo e a vida na Terra. Muitas pessoas acham difícil ajustar-se à vida por aqui se não tiveram um conhecimento prévio.»

Aqui fiz uma pergunta: «Fazes uma espécie de sermão para eles, ou como é que procedes?»

Resposta: «Lidamos com eles maioritariamente de forma individual.»

Pergunta: «Quando nos dizem que, depois de Jesus morrer, Ele pregou aos espíritos em prisão, o que se quer dizer com isso?»

Resposta: «Penso que significa que Ele foi ter com as pessoas que estavam presas pela sua falta de conhecimento espiritual, amarradas pelas falsas crenças da vida material e que não tinham um conhecimento real de Deus e das coisas do espírito, por isso ainda estavam nas trevas nesse sentido; e Ele veio trazer a luz da verdade espiritual e o conhecimento de que a vida é eterna e que a vida delas não tinha acabado, mas que deviam acordar e erguer-se da crença da morte, pois Ele podia dar-lhes luz para viverem. É essa mesma mensagem que temos de levar àqueles que estavam tão absortos na materialidade que ainda estão sentados nas trevas e na sombra da morte. Temos de os guiar para fora dessa escuridão mental em direção à Luz.»

Pergunta: «Onde estão eles e em que condições vivem?»

Resposta: «Não estão na mesma parte deste mundo que nós, isto é, a maior parte da tua família e da minha, mas num plano um pouco inferior. É mais parecido com o que pensamos ser um tempo monótono e nevoento, e as condições em que vivem são um pouco lúgubres, de certa forma. As próprias pessoas sentem-se isoladas de todas as coisas que lhes eram agradáveis no mundo. Se eram bebedores ou jogadores, ou se entregavam a qualquer um dos prazeres de natureza sensual ou de natureza tola, e

punham o dinheiro e o sucesso material ou a ambição acima de qualquer outra coisa, sentem naturalmente a falta dessas formas de interesse ou prazer e, por isso, são muito infelizes, particularmente se estiveram totalmente absortos nesse tipo de coisas e não pensaram em nada além disso. Permanecem nesse estado infeliz até que surja neles algum desejo de o mudar e encontrar uma saída.

Agora já sabes porque estive longe de ti durante tanto tempo e o que estava a fazer. Quando estiveres por aqui, tenho a certeza de que estarás a trabalhar desta forma também e, nesse sentido, estaremos ocupados no mesmo trabalho e provavelmente juntos.»

1 de Abril

«Quero dizer-te que vou agora ver algumas pessoas que vivem em condições bastante sombrias porque as suas vidas na Terra estiveram muito longe do que deveriam ter sido. Não anseio muito por esta experiência, mas faz parte da minha educação nos caminhos deste mundo. Somos levados a todas as diferentes partes gradualmente: não todos — apenas aqueles de nós que são necessários para realizar certos tipos de trabalho missionário ou trabalho de regeneração. Aqueles que desperdiçaram as suas vidas na Terra são os que têm maior necessidade de ajuda, e por isso pedem-nos para irmos ter com eles e mostrarmos o caminho para se melhorarem a si próprios e ao seu ambiente.»

4 de Abril

«Estou de volta. Estive numa longa jornada; contar-te-ei tudo quando tiveres tempo para anotar. Virei esta noite e contar-te-ei tudo o que tenho estado a fazer e a ver, quando terás muito em que pensar.»

Aqui perguntei se o podia ajudar. A resposta foi:

«Sim, podes, através dos teus pensamentos bondosos e amorosos e do conhecimento da Verdade. Ainda precisamos desse tipo de ajuda. Tenta saber que sou suficientemente forte e amoroso para ir em ajuda destas pessoas sem recuar.»

4 de Abril (noite)

«Estou pronto para te falar das minhas recentes viagens. Lembras-te de eu te ter dito que ia ser enviado para outra parte deste mundo onde aqueles que ali viviam tinham desperdiçado de tal forma o seu período de

vida na Terra que se encontravam a viver em condições desagradáveis, as quais eram o resultado do seu modo de vida no mundo. Eu e vários outros fomos levados para esta parte a fim de vermos o que podíamos fazer para ajudar estas pessoas a caírem em si e tentarem melhorar a sua sorte.

Algumas delas estavam lá há eras e nem sempre é fácil convencê-las de que existem lugares melhores nesse mundo que são muito diferentes do seu ambiente atual, se ao menos fizessem o esforço de se despertarem do torpor em que caíram, começando a aprender como podem redimir os seus erros e pecados passados através de ações bondosas e tornando-se altruístas no seu estado atual para com aqueles com quem vivem.

O lugar em si é indescritivelmente lúgubre e sombrio e parece não haver beleza ou paz ali. Eu não tinha querido ir muito, mas sente-se que, se se pode dar ajuda e encorajamento àqueles que falharam e caíram o suficiente para virem para aqui, não se deve, nem se poderia, recusar. Tenho a certeza de que foi a pessoas como estas que Cristo veio primeiro quando entrou neste mundo após a Sua crucificação e lhes contou a Sua maravilhosa mensagem de salvação.

Nós, como Seus mensageiros, podemos trazer essa mesma mensagem de libertação do cativo das crenças materiais e falsas e mostrar-lhes o caminho da Verdade e do Amor pelo qual podem ser salvos e encontrar paz e verdadeira felicidade no serviço. Conseguimos, creio eu, algum sucesso e fomos capazes de despertar algum interesse entre aqueles com quem falámos.

Foi-me confiado um homem que tinha sido muito egoísta para com a sua família e, assim, lhes causou grande infelicidade e infortúnio. Ele era um "osso duro de roer", mas creio que causei alguma impressão nele — espero que sim. Teremos, acredito, de visitar aqueles a quem fomos enviados de tempos a tempos, para os ajudar e observar o seu progresso.

Existem lugares ainda piores do que este, mas não é provável que eu seja enviado para lá, pelo menos não até que eu próprio tenha conquistado um lugar mais elevado e ganho muito mais força e conhecimento do que tenho presentemente.

Eles têm casas, mas não são muito agradáveis e não há beleza na paisagem. As árvores são raquíticas e o campo tem um aspeto devastado — sem pássaros ou flores; algo árido e lúgubre, alguns lugares na Terra

também são assim. A atmosfera não é muito agradável e ficámos contentes por poder regressar à nossa parte, muito mais agradável.»

A 30 de junho ele revisitou esta parte e deu mais pormenores:

«Fui, como sabes, ao lugar onde aqueles que passaram o seu período na Terra com tal desvantagem que estão confinados a um lugar muito sombrio e são muito infelizes até que tentem realmente mudar o seu carácter. Uma das coisas que enfrentamos ao lidar com eles é o seu ressentimento; mas este deve ser superado provando-lhes que são os únicos responsáveis pelo seu estado atual, que não é Deus quem lhes está a infligir um castigo, mas que eles se castigaram a si próprios; que é a lei da causa e efeito a operar da sua forma inexorável e que cabe a eles encontrar a saída desta condição, mudando a sua atitude perante a vida e as outras pessoas. Mostramos-lhes como isso pode ser feito e damos-lhes oportunidades para provarem o seu desejo de subir mais alto. Uma vez que despertem para o facto de que a sua vida ainda tem de ser vivida e pode ser feliz e bem-sucedida num sentido espiritual, logo se põem em marcha e são ajudados em todos os sentidos para conquistarem a sua libertação do estado em que se encontravam. A tarefa mais difícil é despertá-los para darem o primeiro passo de subida.»

Perguntei sobre o homem que ele tinha sido designado para ajudar. A sua resposta foi:

«Bem, continuo a tentar fazê-lo acordar, e só posso ser paciente com ele. Ele ainda se sente um pouco amargurado com a sua sorte neste mundo e acha difícil aceitar o facto de que a culpa é sua.»

Noutra ocasião, escreveu sobre outra visita a estas partes da seguinte forma:

«Fomos, como sabes, enviados para a região inferior para tentar ajudar as pessoas lá em baixo. Foi-nos dito que nos ia ser dada uma tarefa muito difícil, que era ver se conseguíamos persuadir uma pessoa muito conhecida, que se tinha condenado a esta região pela sua vida na Terra, a cair em si, porque ele poderia ser uma pessoa muito útil se estivesse disposto a reformar-se. Pediram-me para ir ter com ele e conversar.

Fiquei muito contente por descobrir que ele estava disposto a ouvir e que também estava disposto a admitir que tinha vivido no pressuposto de

que não havia vida depois da morte nem Deus; por isso, tinha apenas feito o que considerava o melhor de uma má situação, vivendo o melhor que podia enquanto podia, e assim tinha gasto todo o seu tempo e dinheiro de uma forma muito tola.

Descobri que ele queria, de facto, fazer as pazes e conquistar a sua saída do seu atual estado de vida. Então perguntei que trabalho ele estaria disposto a fazer e ele disse imediatamente que tentaria ajudar aqueles que estivessem numa condição ainda pior do que a dele.

Imediatamente pareceu ocorrer uma mudança nele e fiquei contente por ver que era possível para um homem que tinha estado tão afundado no pecado ver subitamente a Luz, e assim erguer-se do abismo onde tinha caído. Sei que ele ficará bem e subirá a pulso e, com o tempo, tornar-se-á um Ser maravilhoso. Vês que é possível para as pessoas erguerem-se mesmo quando se condenaram ao que chamaríamos de Inferno, quando chegam realmente a ver que infligiram este castigo a si próprias, e assim percebem que Deus ainda as ama e quer que elas se tornem o que Ele pretendia que fossem — expressões perfeitas de masculinidade e feminilidade.

Sinto agora que este trabalho de regeneração vale tanto a pena e anseio por ajudar este semelhante a recuperar o que perdeu na sua vida na Terra.»

Durante o ano seguinte, ele fez mais visitas ao homem que descreveu como um "osso duro", e pareceu passar algum tempo até que se fizesse muita impressão nele. Depois, finalmente, os seus esforços pareceram começar a surtir efeito e, um ano após a primeira menção a este homem, foi-me dito o seguinte:

«Estive naquela parte lúgubre de que te falei e estive a ver aquele homem que me foi confiado para tentar encorajar a mexer-se e subir um grau. Receio que ele ainda não tenha chegado muito longe, porque continua ressentido e amargurado com a sua sorte. Ele não consegue acreditar que a culpa é sua.»

Em resposta à minha pergunta sobre há quanto tempo ele lá estava, ele disse: «Creio que ele está aqui há muito tempo, diria que uns bons noventa anos ou mais, provavelmente mais de cem.»

Na visita seguinte, ele relatou uma melhoria e que ele parecia um pouco mais feliz e parecia mais inclinado a mudar a sua atitude. Foi-me dito: «Ele foi totalmente egoísta na sua vida anterior e agora sente que agiu mal com aqueles que dependiam dele porque nunca considerou a felicidade ou o bem-estar deles. Por isso, sente agora remorso e preocupação por eles. Acredito que, com o tempo, ele será capaz de ir ter com eles e pedir perdão, e quando for capaz de fazer isso, estará bem encaminhado para subir.»

Pergunta: «O que fizeste?»

Resposta: «Falei com ele e tentei mostrar-lhe o grande mal que tinha feito, não só aos outros mas a si próprio, mas que havia uma saída e que ele podia encontrar a felicidade e uma nova vida se quisesse.»

Pergunta: «Quem era ele?»

Resposta: «Ele foi um homem muito importante na indústria há muito tempo. Penso que, quando as pessoas fazem do dinheiro o seu Deus e são implacáveis nos seus métodos e nem sequer têm tempo para dedicar à sua família ou a qualquer outro interesse, perdem imenso.»

No início de abril de 1959, ele fez uma nova visita a este homem, na qual diz: «Tive de ir, como sabes que faço periodicamente, para ver o que posso fazer com aquele sujeito muito difícil. Bem, ficarás contente por saber que ele está finalmente a acordar e pude ver uma melhoria acentuada na sua perspetiva. Acredito que, em breve, ele estará pronto para subir um degrau e, uma vez que o faça, sinto que o seu progresso será rápido. Vês, o que é muito difícil é fazê-los dar o primeiro passo. Uma vez que se tenham mexido, muitas vezes sobem rapidamente.»

«Devo falar-te de uma experiência recente que me ensinou imenso. Eu e alguns outros fomos enviados numa jornada a uma parte deste mundo onde nunca tínhamos sido enviados anteriormente. Foi-nos dito que teríamos de ter muito cuidado para não nos deixarmos influenciar pela evidência dos nossos sentidos, porque isso não nos ajudaria no nosso trabalho nesta região.

Vês, estava a ser-nos mostrado o que acontece quando as pessoas deixam o seu eu inferior controlar completamente a sua vida. Foi uma experiência muito horrível de certa forma, porque parecia que o resultado deste tipo de vida era tão degradante que fazia as pessoas mal parecerem

humanas. Mas parece que estas pessoas podem ser ajudadas a recuperar algo do seu estado anterior se estiverem dispostas a fazer o esforço, e foi nossa tarefa salientar-lhes isso.

O efeito de um modo de vida que é bestial é tornar as pessoas que viveram esse tipo de vida muito revoltantes. Muitas são tão medonhas que não é muito agradável ter de estar perto delas; no entanto, não podemos realmente ajudá-las a menos que consigamos superar os nossos sentimentos de repulsa e substituí-los por compaixão e amor.

Receio ter achado difícil ao princípio, e sei que devo fazer um grande esforço para ter dentro de mim esse espírito de amor compassivo se quiser alcançar algum sucesso. Por isso, devo pedir-te que me ajudes e me dês as tuas orações amorosas quando eu tiver de ir lá novamente. Preciso da tua ajuda no meu trabalho tal como tu precisas da minha.»

Noutra ocasião, ele contou sobre uma visita a mais uma região daquele mundo para a qual ele e mais um ou dois foram levados para ver se podiam ajudar as pessoas que ali viviam.

«Deves saber», escreveu ele, «que existem muitos lugares diferentes neste mundo, tal como na Terra, e, portanto, muitos tipos diferentes de pessoas, como acontece no mundo Terreno; e não só isso, existem também dezenas de milhares de pessoas de gerações passadas neste mundo, e não muitas suficientemente avançadas espiritualmente para poderem passar para uma esfera superior.

Mas, apesar deste facto, não há sobrelotação, pois temos uma sensação muito maior de amplitude. Já estamos menos conscientes das limitações, tanto no que diz respeito às nossas capacidades como ao nosso ambiente. Também somos capazes de ver o passado sob uma luz diferente. De certa forma, ele também pertence ao presente, pois aqueles que viveram muito antes de nascermos ainda pertencem, porque continuam a viver, ao presente.

Enfim, eu e os meus companheiros, com o nosso guia, fomos a esta parte. Era um país muito belo e os habitantes eram de origem oriental e, de certa forma, bastante primitivos, mas de modo nenhum desagradáveis. Fiquei bastante interessado em ver o que a nossa visita faria no sentido de lhes dar orientação e ocupação; também tivemos de lhes mostrar que

estavam todos no lugar mais próximo da Terra e que um dia seriam chamados a deixar esta parte e ir para um lugar melhor e mais elevado.

A maioria deles ainda vivia no que chamaríamos condições muito primitivas, porque ainda viviam mentalmente no tipo de condições em que tinham vivido na Terra. Vês, vivemos num mundo mental e por isso criamos para nós próprios o tipo de ambiente a que estamos habituados, num certo sentido. Portanto, se alguém nunca pensou ou imaginou qualquer outra condição de vida além daquela a que está habituado, continuará a viver nessas condições.

Divertimo-nos bastante com eles; vês, estas pessoas raramente percebem que não continuam a viver no mundo Terreno e, no entanto, percebem que há uma diferença. Temos realmente de lhes ensinar sobre Deus e Cristo e a necessidade de viverem de forma boa e cristã entre si. Isso não significa que a transição para este mundo faça uma mudança imediata na mentalidade das pessoas.

Continua a haver necessidade de orientação e ensino e, embora seja mais fácil em muitos aspetos aprender e crescer em compreensão porque já não estamos sujeitos às provações e tentações da Terra em certos aspetos, continua a haver imenso para aprender e formas em que precisamos de melhorar. Isto aplica-se à maioria das pessoas; mas aqueles que viveram em condições primitivas e não tinham conhecimento de nada além da necessidade de se manterem vivos têm muita necessidade de instrução em coisas Espirituais, para que possam desenvolver-se para um estado de ser mais esclarecido e feliz.»

E de novo: «Fui enviado, com outros, a uma das regiões inferiores. Não foi uma experiência muito agradável, mas suponho que tenha sido necessária. Pediram-nos para ajudar aqueles que já estavam a começar a querer subir um pouco mais alto, pois estavam finalmente a acordar para o facto de que não estavam condenados a esta parte para sempre se estivessem dispostos a fazer o esforço de trabalhar na sua própria salvação. Sei que é um grande esforço o que têm de fazer e precisam de todo o encorajamento.»

Pergunta: «Onde estão eles? É uma espécie de Terra-de-ninguém?»

Resposta: «Bem, é um lugar lúgubre.»

Pergunta: «Que tipo de pessoas eram elas?»

Resposta: «Eram pessoas que tinham sido malfeitores (*thugs*) e bebedores e, no geral, de um tipo baixo.»

Pergunta: «Eles sabiam que estavam mortos, por assim dizer?»

Resposta: «Sim, mas não estavam suficientemente interessados na vida para se darem ao trabalho de mudar o seu estatuto. O pecado tem um efeito entorpecente.»

Pergunta: «Estas pessoas tentam comunicar com a terra?» Resposta: «Sim, às vezes.»

Pergunta: «Como é que trabalhas?»

Resposta: «Temos de lhes falar sobre os melhores estados de vida e como podem chegar lá. Que Deus não quer que permaneçam para sempre na prisão a que se condenaram; que a felicidade é o ambiente natural da humanidade, não a miséria, e que todos têm um dever para com Deus e os seus semelhantes, que é expressar a beleza e a radiância da vida como Deus desejou para todos os Seus filhos e filhas.

Acho que, de certa forma, eles ficam preocupados porque parece ser algo em que nunca pensaram e têm quase medo de acordar; quero dizer, perguntam-se se são capazes de uma vida melhor e se um novo ambiente parecerá estranho e pouco familiar. Estão tão habituados à escuridão da sua morada atual que temos de usar de muita persuasão. Receio que nunca goste de ir a estas partes, mas se tivermos algum sucesso, sentimo-nos muito recompensados.»

Pergunta: «Podes dizer-me que estado alcançamos na esfera final?»

Resposta: «Acredito que o objetivo último a ser alcançado é a perfeição espiritual.»

Pergunta: «O que seria isso?»

Resposta: «Significa uma união completa com Deus e a conquista da ausência de pecado.»

Pergunta: «E o que é que isso significa?»

Resposta: «Acho que significa que já não temos qualquer desejo de ter ou ser nada que não seja a expressão perfeita do amor, tal como o próprio Deus se manifesta no Amor.»

Pergunta: «Como é que isso afeta a individualidade ou a consciência de si — o 'Eu sou eu', por exemplo, e 'tu és tu'?»

Resposta: «Isso não afeta de todo a nossa consciência de identidade individual.»

As suas próximas excursões foram para regiões mais felizes e mais tarde foi-me dado este relato:

«Estou aqui ao teu lado, tenho imenso para te dizer. Tenho estado a olhar para algumas coisas muito belas, não no teu mundo mas neste outro, e não posso deixar de pensar que o que consideramos belo na terra é apenas um reflexo da beleza no mundo real. Estive a olhar para pinturas e esculturas numa das grandes exposições de Arte e fiquei espantado com a beleza real de todas as obras expostas. Acho que a perfeição que o homem persegue só pode ser alcançada no mundo dos valores espirituais.

Na terra tem-se a visão, mas não o poder de realização. Existem, como sabes, muitos grandes Artistas por aqui e continuam a trabalhar, e o mesmo se aplica à música e a todas as Artes. Qualquer grande artista que amou o seu trabalho na terra continua com ele aqui.»

E novamente:

«Fui ver uma parte deste mundo que está muito mais perto da esfera seguinte do que a parte em que estou atualmente, e estou muito impressionado com a grande beleza da paisagem e com a felicidade das pessoas que vivem nesses lugares. São todas pessoas que estão aqui há muito tempo e que avançaram espiritualmente, isto é, em conhecimento espiritual, e já não estão sujeitas a crenças materiais. Leva um tempo a livrarmo-nos das velhas formas de pensar, mesmo neste mundo muito melhor.

Algumas pessoas apegam-se às suas velhas formas de pensar por muito tempo. Temos de largar gradualmente as coisas que nos mantinham em cativeiro mental e espiritualmente. A morte não muda imediatamente o carácter de ninguém, embora se fique livre de certos impedimentos físicos. Continuas a ser a mesma pessoa. Levamos os nossos caracteres connosco,

embora não os nossos corpos físicos, por isso todo o nosso crescimento ocorre nas nossas mentes. Todos nós ainda temos muito que superar e imenso que aprender.»

29 de Agosto

«Quero dizer-te o que tenho estado a fazer. Tive de ir a outra parte deste mundo que não está no mesmo nível da parte em que estamos, mas um pouco mais acima. Ali, a paisagem é tão gloriosa que não há palavras para a descrever. Não fazia ideia de que pudesse haver cores tão maravilhosas. As pessoas ali são muito mais evoluídas espiritualmente do que nós.»

Pergunta: «O que é que isso significa exatamente?»

Resposta: «Significa que têm um conhecimento muito maior e são, de certa forma, mais dotadas num sentido espiritual; menos limitadas do que até nós somos. Não sei bem como explicar o que quero dizer; não há palavras para o expressar.»

Pergunta: «Por que foste enviado para lá?»

Resposta: «Porque me estão a ser mostrados todos os diferentes estágios da vida neste mundo, gradualmente.»

Aqui fiz várias perguntas. «Essa era uma das esferas superiores?» «Sim, a seguinte», respondeu ele. «É provável que vás para lá em breve e antes de mim?», indaguei ansiosamente.

«Não, não estarei pronto para passar para essa por muito tempo ainda, por isso não precisas de te preocupar. Tenho muito a aprender ainda. Devo dizer-te que ainda estamos muito ligados ao plano Terreno; leva muito tempo a desligarmo-nos inteiramente da nossa vida terrena, mas temos a Eternidade diante de nós, por isso não temos de nos apressar de uma esfera para outra.»

2 de Outubro

Eu tinha recebido a indicação habitual de que ele tinha algo que me queria contar, sendo esta uma pequena sensação curiosa, como se alguém estivesse a tocar-me, muito ao de leve, na testa e a brincar com o meu cabelo para atrair a minha atenção. Quando sentia isto, recebia sempre algum tipo de informação e, nesta ocasião, foi o seguinte:

«O que te quero contar é que nós, no outro lado, estamos todos muito mais próximos deste teu mundo do que as pessoas na Terra podem imaginar, e que estamos perfeitamente cientes do que se passa no mundo, de modo que podemos desempenhar um grande papel ajudando a resolver os problemas que o pobre velho mundo enfrenta hoje.

Sei, agora, que podemos fazer mais deste lado da vida do que podíamos antes, porque conseguimos ver tudo de um ponto de vista superior ou de uma perspectiva diferente. Tanto do que parecia de grande importância quando vivíamos no mundo é agora visto como tendo sido irrelevante quando visto pela visão mais longa, e as coisas consideradas irrelevantes são muitas vezes as que realmente contam, porque no pensamento da maioria das pessoas são as coisas materiais que vêm primeiro.

Receio que todos nós as tenhamos colocado em primeiro lugar, embora, lá no fundo de nós, soubéssemos que isto não era realmente o correto e, no entanto, a pressão do mundo era tão grande que parecia quase impossível não nos submetermos a ela, muito frequentemente por uma questão de aparência.

Quando entramos nesta vida maior, na qual descobrimos que estamos livres da necessidade de fazer fortuna e que a luta pela existência como a conhecíamos na nossa vida anterior acabou, sentimos imediatamente uma sensação de alívio; e apenas aquelas coisas que realmente nos deram não meramente sucesso mundano, mas verdadeira paz de espírito e felicidade, ainda podem ser tidas e desfrutadas.

Quero dizer, temos um novo sentido de valores e é uma coisa maravilhosa sentir que, finalmente, podemos ser o que nos nossos melhores momentos quisemos ser porque, creio eu, sabemos que o homem é superior, ou deveria ser, do que aparenta ser, visto que é espiritual e, portanto, todas as coisas são possíveis de alcançar. Ninguém pode realmente estar satisfeito apenas com o sucesso material, ele não conta para nada neste outro mundo e mesmo na nossa vida terrena não pode dar uma satisfação duradoura — eu sei disto. Tive a maioria das coisas que quis de forma material, mas sempre senti que havia algo que me daria uma vida com mais propósito do que ganhar dinheiro e, nesta nova vida, encontrei-o e finalmente conheço o verdadeiro significado da palavra "alegria" (*joy*). Tu também significaste tanto para mim no passado, mas neste tempo

presente significas ainda mais, pois sinto que finalmente somos realmente parceiros na própria vida e no nosso trabalho para levar a verdade sobre a Vida a outras pessoas.»

Noutra ocasião, ele disse-me que havia um grande sistema de organização lá por meio do qual era possível localizar pessoas que tinham partido há séculos. Podia-se procurá-las em registos. Para continuar nas suas próprias palavras:

«Aqui existem grandes edifícios onde estes registos são mantidos e há pessoas encarregadas que ajudam a encontrar a pessoa específica que procuras: então, é-te dito onde a pessoa que queres pode ser encontrada: após o que vais ver o homem ou a mulher que desejas e conversas com eles. Eu digo-lhes que alguém quer ter notícias deles, e eles geralmente ficam muito felizes por saberem que não foram esquecidos.»

Eu tinha perguntado se ele conseguiria encontrar uma antepassada em quem a minha família sempre estivera muito interessada e por quem sentíamos um afeto genuíno, pois tínhamos muitas das suas cartas e outros escritos, e que tinha falecido no dia de Natal de 1752. Ele conseguiu encontrá-la e trouxe-me uma mensagem dela.

Além disso, por esta altura ele já estava a ensinar membros da minha família a escrever; parecia ter uma técnica especial! Pois quando os trazia até nós, mostrando-lhes como usar a minha mão, cada um escrevia com a sua própria caligrafia. Ele também perguntou se eu permitiria que um dos seus irmãos tentasse usar a minha mão desta forma, dizendo que «estavam todos a querer 'experimentar a mão neste jogo'», acrescentando por brincadeira: «Acho que vou abrir uma escola de escrita automática por aqui, tenho a certeza de que renderia!»

Noutra ocasião, foi-me contada uma jornada que ele tivera de fazer na qual fora capaz de viajar a grande velocidade pelo ar:

«Foi emocionantíssimo, pois eu não tivera esta experiência antes e não estava habituado, mas descobri que era capaz de ir sozinho sem ajuda. Quando somos enviados em missões, somos acompanhados ao princípio, mas desta vez fui enviado sozinho. Foi, como de costume, para falar com pessoas que chegaram recentemente aqui e que precisavam de conselho e ajuda. Pediram-me para fazer este tipo de trabalho, pois é muito frequentemente necessário, e apenas aqueles que têm simpatia por estas

peessoas que viveram em países Orientais ou do Médio Oriente são enviados para as ajudar. Estive em Tunes e Bizerta, como sabes.»

Em resposta a perguntas feitas por um membro da família, foi dada esta informação:

«Parecemos a nós próprios e aos nossos amigos no outro lado exatamente os mesmos — nenhuma diferença na aparência. Mudamos, claro, gradualmente como na Terra, mas as mudanças não são tão rápidas ou frequentes: quero dizer, não mudamos devido a má saúde como na Terra e permanecemos os mesmos muito mais tempo e, com o tempo, quase não mudamos nada. As mudanças que existem são todas no sentido da melhoria, à medida que ganhamos compreensão espiritual e expressamos o nosso maior conhecimento nas nossas atividades e no nosso serviço aos outros.»

A 14 de Agosto de 1958, recebi o seguinte pedido:

«Por favor, deixa-me escrever agora, quero dizer-te que tenho de ir ajudar aquelas pessoas que acabaram de chegar com esta última queda de avião. Terei de te deixar por um pouco, mas não por muito tempo.»

Para provar se isto era verdade ou não, tentei em intervalos frequentes ver se conseguia algum movimento da caneta, mas sem resultados; apenas à 1:15 da manhã de 16 de Agosto, quando por acaso acordei e senti o toque leve na testa que sempre indicava a sua presença, obtive algum movimento da caneta. Acendendo a luz, peguei na caneta e recebi a informação de que ele estava de volta e me contaria tudo no dia seguinte.

Ao fim da tarde do dia seguinte, recebi a minha indicação habitual de que ele estava pronto para me contar o que tinha estado a fazer, e começou a sua história da seguinte forma:

«Estou aqui. Tenho imenso para te contar sobre o trabalho que estive a fazer com as vítimas do desastre aéreo. Foi um desastre muito mau e tão repentino que as vítimas não tiveram conhecimento algum do que tinha acontecido, tempo nenhum para tentarem salvar-se, por isso estavam num estado de total perplexidade ao encontrarem-se, segundo todas as aparências, nos seus corpos, mas já não a viajar num aeroplano, mas em terra firme e rodeadas por um grupo de pessoas à espera para as receber.

Foram todas escoltadas para o centro de acolhimento e ali foi dada a cada um de nós uma pessoa dos passageiros para tratarmos e explicarmos suavemente o que tinha acontecido e onde estavam — não no aeroporto de Gander, mas no outro lado da vida. Temos de ser muito cuidadosos e muito pacientes ao lidar com estas vítimas de um desastre súbito, pois é tão difícil para elas compreenderem que passaram pelo portão da chamada morte; seria mais verdadeiro dizer o portal da vida ou para a vida. Depois de terem sido confortadas e tranquilizadas, são entregues a outros ajudantes e tratadas de acordo com as suas necessidades individuais. À maioria é dada a oportunidade de descansar um pouco até que sejam capazes de se reajustar às novas condições de vida, e então cada uma irá para o lugar que todas, sem o saberem, providenciaram para si próprias.

Onde uma família partiu junta, é mantida junta, mas se uma criança está sozinha, é cuidada num dos belos lares onde são criadas crianças sem pais neste mundo.

Ficarás feliz por saber que, neste caso, não houve tempo para medo, foi tudo rápido demais.»

Pergunta: «Tens alguma ideia do que aconteceu?», escrevi.

Resposta: «Sim. Envolveu uma tempestade súbita em altitude muito elevada. Um relâmpago súbito e a aeronave foi lançada ao mar abaixo. Tenho estado a cuidar de um homem que vinha do Médio Oriente e estava a caminho de Nova Iorque.»

Pergunta: «Que nacionalidade?», perguntei.

Resposta: «Creio que era de origem árabe, mas vestido como um europeu.»

Pergunta: «Como falaste com ele?»

Resposta: «Na minha própria língua», respondeu ele.

Pergunta: «Ele estava muito perturbado?»

Resposta: «Ao princípio, mas ficou bastante aliviado ao descobrir que estava a ser bem cuidado e que tudo parecia bastante natural.»

A 17 de Agosto novamente não houve movimento da caneta nem indicação da sua presença; tentei em intervalos até às 23:30. Às 23:45 veio a indicação de retorno e a notícia: «Estou de volta contigo, tive de estar no

outro lado. Mais vítimas de desastre aéreo! O que se passa com estas aeronaves? Tive um tempo ocupado e estou feliz por estar de volta novamente contigo.»

Noutra ocasião, foram-me contadas as seguintes excursões:

«Fui enviado a uma parte muito agradável do outro mundo onde nos é mostrado como será quando tivermos avançado ao ponto de estarmos prontos para passar ao próximo plano de experiência. Estaremos muito mais livres de limitações do que agora e seremos melhorados em todos os sentidos. Mas não creio que seja possível viver nessa esfera ainda, porque temos muito para aprender e muito para superar por enquanto. Eu sei que eu tenho. Todos nós recebemos muito treino em termos de conhecimento espiritual antes de nos podermos qualificar para uma vida ainda mais elevada, mas é algo pelo qual ansiar.»

Perguntei: «É preciso ser-se muito santo? E é monótono?»

Ele respondeu: «Não, não creio que tenhamos de ser monótonos ou muito piedosos, essa não é de todo a ideia. Pelo contrário, quanto mais subimos, menos estamos em contacto com condições que causam aflição ou infelicidade. Quero dizer que o trabalho que nos é dado fazer é de um tipo mais criativo, tornamo-nos mais parecidos com o que o homem foi destinado a ser, menos contaminados pela Terra.»

«Deixarias de ter de ir às regiões inferiores para ajudar?», perguntei. Resposta: «Poderemos fazê-lo às vezes, mas não sentiríamos o mesmo horror, quero dizer que seríamos mais capazes de nos elevar acima disso.» Ele acrescentou: «Não tenho desejo de ir para o próximo plano até que tu possas vir comigo. Não desejaria estar sempre à tua frente.»

Mais tarde escreveu: «Tenho querido falar-te sobre a experiência maravilhosa que tive recentemente. Fui levado a uma parte deste outro mundo onde se pode ver o que se passa no mundo Terreno como se estivéssemos a ver um filme. Conseguimos ver os diferentes países e observar os acontecimentos e todas as formas como homens e mulheres vivem as suas diversas vidas. Estamos num lugar que é uma espécie de ponto de observação. É muito perto da Terra e podemos observar o que se passa com muita facilidade.»

Um dia, contou-me que fora chamado para ajudar num caso muito triste. Disse: «Foi triste porque era uma mãe que tivera de deixar os filhos subitamente e estava em grande aflição. Consegui confortá-la. Disse-lhe que ela seria capaz de cuidar deles e protegê-los a partir deste outro mundo ainda melhor do que se tivesse permanecido com eles; que seria capaz de os ver e vê-los crescer e que poderia estar com eles tão frequentemente quanto quisesse, mas claro que eles seriam incapazes de a ver.

Quero trabalhar para o conforto de todos os que foram separados pela morte, como lhe chamam — estou tão grato eu próprio por esta experiência maravilhosa, fez-me perceber tanto do que eu não tinha a certeza antes de vir para aqui, ou que a vida era tão maravilhosa e tão cheia de oportunidades e significado e da grande importância do amor.»

«Vou dizer-te esta noite o que somos capazes de fazer em termos de dar assistência àqueles que estão empenhados em resolver os problemas urgentes no vosso mundo.»

«Quando vai haver alguma conferência importante sobre assuntos prementes, é dever de certas pessoas escolhidas assistir e relatar a este mundo os procedimentos e a forma como o curso dos eventos se está a mover. Se parecer que há muito desacordo sobre os assuntos em questão, então isso é retomado por aqui e faz-se um grande esforço para conseguir uma maior medida de acordo, influenciando as mentes dos homens envolvidos nas discussões. Por este meio, muitos problemas têm sido resolvidos harmoniosamente. Há muitos grandes homens por aqui que trabalham desta forma e que mantiveram o seu interesse nos assuntos mundiais deste lado. Estamos todos em grande medida a participar no tempo atual de mudança na perspetiva do mundo e, de certa forma, a ajudar a despertar uma perceção da proximidade do mundo invisível.»

Referindo-se à necessidade de comunicação, disse ele:

«Quero que contes a quem quiseses sobre este meio de comunicação entre os dois mundos, deve tornar-se um facto bem conhecido que é possível e muito desejável, e o maior conhecimento deste mundo seria um meio de fazer as pessoas pararem e pensarem e poderia colocar um travão maior no crime e em todos os excessos em que o homem é propenso a entregar-se do que qualquer outra coisa. Digo-o a sério, Grace, não te

consigo dizer quão importante sinto que é um maior conhecimento para todos nesta matéria.»

Ao mesmo tempo, referiu-se também aos perigos envolvidos em tentativas indiscriminadas de comunicação com o outro mundo.

«Este assunto deve ser usado com cuidado, porque as pessoas erradas podem interferir e dizer disparates, mas tu e eu, sabendo o que sabemos, podemos evitar os perigos. Penso que deveríamos sempre empreender este trabalho num espírito de humildade e com a ajuda de Deus; não pelo nosso próprio poder. Somos os instrumentos nas Suas Mãos.» E novamente:

«Não é bom estar sempre a tentar contactar alguém deste lado, pois podes atrair outros comunicadores que não quererias. Sei que existem perigos e é melhor evitá-los.»

Relativamente à mediunidade de transe, disse isto:

«Na mediunidade de transe, há sempre a probabilidade de a mente ou personalidade do médium se misturar, porque o médium não está inteiramente ausente do corpo e está meramente a ser usado por outra pessoa que assume uma posse parcial.» Continuou: «Não creio que seja fiável para dar detalhes verdadeiros a menos que seja usado por pessoas muito boas em ambos os lados, mas está aberto ao uso indevido por parte daqueles que estão ansiosos por manter um pé na terra.»

Referindo-se às suas viagens a diferentes partes do outro mundo, disse:

«Quando vamos a estes lugares, conseguimos viajar por grandes distâncias em poucos segundos porque seguimos na nossa força de pensamento; viajamos por um processo mental. Quando venho ter contigo deste mundo, posso vir instantaneamente, é tão rápido quanto isso. O pensamento impele-nos; mas quando chego ao teu lado, tudo abrande e estou apenas parcialmente sintonizado com a frequência mais elevada que governa a vida neste outro mundo.»

Perguntei por que razão era assim, e ele respondeu:

«Isso é porque, para entrar em contacto real e tangível contigo, como nesta escrita, tenho de descer a uma vibração mais baixa, caso contrário a escrita não seria visível, além de que eu não seria capaz de usar a tua mão.»

«Podes fazer isso com bastante facilidade agora, não podes?», disse eu.

«Sim», foi a resposta. «Mas ao princípio foi muito difícil. Estive a aprender o processo muito antes de conseguir fazer com que fosses capaz de estar ciente de mim dessa forma.»

Indaguei por que razão mais pessoas no seu lado da vida não tentavam este método de comunicação com aqueles que tinham deixado para trás. A sua resposta foi: «Porque não querem, ou são demasiado preguiçosas para tentar.»

Por esta altura, disse também:

«Foi-nos dito que o tempo se aproxima em que estaremos muito mais em contacto com a Terra do que temos estado; quero dizer que seremos definitivamente capazes de cooperar com os que estão na Terra e, dessa forma, trazer uma melhor compreensão entre as nações.»

Referindo-se ao seu trabalho comigo, disse ele:

«Acredito que podemos ajudar muitos a sentir que a vida é numa escala muito maior do que se costuma acreditar, porque nós próprios não somos tão limitados como pensamos, mas temos dentro de nós faculdades de que não estamos cientes e que podem ser usadas tanto para o nosso próprio conforto como para estender o nosso próprio conhecimento e o de outras pessoas também.» Ele era muito ambicioso nos primeiros tempos de comunicação, tanto por si como por mim.

Esperando ser capaz de aprender o processo muito difícil pelo qual poderia conseguir tornar-se visível para mim. Eu própria não sou minimamente clarividente, mas ele tinha esperança de que eu pudesse desenvolver esta faculdade.

«Muitas pessoas conseguem ver e ouvir», escreveu numa ocasião. «Mas requer o desenvolvimento de certas faculdades que todos possuímos mas não sabemos como usar. Temos este sentido extra neste outro mundo e conseguimos ver e ouvir o que se passa no teu. Desejo tanto que sejas capaz de me ver tão facilmente como eu te vejo a ti.»

Creio que ele desistiu da esperança de eu desenvolver estas faculdades agora e já não menciona o assunto. Devo acrescentar, no entanto, que embora eu não o consiga ver, outros mais dotados nesse aspeto viram-no.

Para dar uma ideia da naturalidade das suas comunicações quando estritamente pessoais, e também da facilidade aparente com que é possível para os do outro lado entrarem neste mundo se desejarem e, de certa forma, participarem como observadores, gostaria de citar apenas algumas.

«Estou contigo. Fico sempre feliz quando posso vir ter contigo. Posso pertencer a ambos os mundos e sou capaz de entrar neste tão facilmente como atravessar a rua.»

«Portanto, vêes que posso estar contigo e, no entanto, quase de imediato, ir para a minha família ou para a tua» (referindo-se às respetivas famílias no outro mundo). «Já não estamos limitados da forma como estávamos quando tínhamos os nossos corpos físicos. Eles não eram fáceis de manipular e impediam-nos de fazer tantas coisas que sentíamos que queríamos. Agora posso estar em tantos lugares diferentes num tempo muito curto, porque tudo é governado pelo nosso pensamento.»

Noutra ocasião: «Estive contigo quase todo o dia.» Sugeriu que isso deveria ter sido muito aborrecido para ele. A resposta dele foi: «Não, não estou aborrecido. Quando estás ocupada, eu vou à minha vida.» Pediu desculpa por não lhe ter prestado atenção, mas ele escreveu: «Sei que não podes evitar isso porque não me consegues ver, mas estou tão habituado que não me importo. Sei quando estás a pensar em mim, sinto-o, e é por isso que não estou aborrecido.»

«Vemos e sentimos as coisas de uma forma um pouco diferente de dantes e é mais fácil estar contente porque vemos a vida como um todo e também temos um sentido de valores diferente. Estamos em posição de compreender a razão de coisas que não conseguíamos compreender antes; também deixamos de nos preocupar com ninharias. Penso que é a visão mais ampla que ajuda e abre os olhos. Já não estamos a tatear no escuro, já não estamos a questionar-nos e a matutar sobre as coisas. Nós sabemos.»

Novamente: «Estou contigo. Gosto de ouvir a conversa, porque é muito interessante para mim ouvir as vistas e opiniões das pessoas. Penso que eram pessoas muito interessantes e pensantes, e gosto de entrar em contacto com elas. Para mim é uma coisa maravilhosa e dá-me um grande sentimento de que ainda estou a participar na vida no velho mundo. Sinto que sou recebido e reconhecido como uma pessoa viva, graças a ti.» Nesta

ocasião, quando uns amigos estavam de visita, tínhamos estado a fazer perguntas às quais ele, embora invisível, tinha respondido por escrito.

Um dia ou dois depois, escreveu:

«Fizeste-me real para os outros e isso é uma coisa grandiosa para quem deixou o mundo sentir que não somos considerados como mortos e acabados, mas aceites como pessoas vivas e ativas, ainda ligadas ao mundo que, num sentido, deixámos.»

Ele estava muitas vezes preocupado com a minha preocupação sobre a possibilidade de o inconsciente produzir tudo o que ele me tinha andado a contar e dizia-me que eu não era suficientemente grata e não percebia que oportunidade maravilhosa de ajudar as pessoas nos fora dada. «O teu subconsciente é a praga da tua vida», escreveu numa ocasião, e acrescentou «e da minha também!»

Também recebi: «Estou muito surpreendido por ainda teres dúvidas depois de todas as experiências que tiveste comigo, és mesmo muito difícil.» Também me foi dito que eu «era o limite» e «um caso perdido». Mas era típico dele que, apesar da sua justificada exasperação comigo por causa disto, fosse também muito paciente e compreensivo: «Eu aprecio as tuas dificuldades», escreveu, «mas anseio que banas toda a dúvida para sempre.»

Relativamente à Ressurreição de Jesus, afirmou:

«Não há morte. A ressurreição de Jesus foi a prova de que o homem é imortal e as Suas aparições foram para provar que, quando estamos fora do corpo físico, podemos aparecer e desaparecer à vontade. Esse é o corpo que é o nosso corpo real e espiritual. Já não sujeito às limitações do físico, podemos entrar no mundo físico — aliás, passar de um mundo para o outro com toda a facilidade. O que Jesus fez, nós deveríamos ser capazes de fazer, como diz a Sra. Eddy: "Ele foi o mostrador do caminho". A grande lição da morte e ressurreição de Cristo Jesus foi provar que o homem não era um ser mortal, mas sim imortal.»

Gordon Burdick fora educado desde a infância na Ciência Cristã (*Christian Science*), daí a referência à Sra. Eddy.

Em resposta a perguntas que lhe fiz sobre os outros planos, a resposta foi: «Não sei muito.»

Pergunta: «O que nos acontece eventualmente, tens algum conhecimento?» Resposta: «Apenas sei que tudo o que passamos em cada plano é para ajudar o nosso crescimento ou desenvolvimento como seres espirituais, e que ultimamente somos mais parecidos com Cristo em carácter e conhecimento. Refletimos a semelhança Divina e assim tornamo-nos divinos.»

Pergunta: «Tornamo-nos sem forma, e acabamos apenas sendo Luz?» Resposta: «Não creio.»

Pergunta: «Podemos viver uma vida inteira no Plano em que estás?» Resposta: «Creio que podemos permanecer lá o tempo que desejarmos.»

De tempos a tempos ele dava-me, sem que eu pedisse, pequenos conselhos. Uma vez que eu estava perturbada e zangada com algo, foi: «Quero que te animes. Lembra-te, todas as coisas são governadas por Poderes superiores. Se tudo parece estar a correr mal, não significa que seja o fim. Pelo contrário, muitas vezes significa que o bem resultará porque as coisas más estão a ser expostas; e só quando uma medida má, errada ou tola é exposta é que pode ser superada.

Deves encarar as coisas com mais calma; ficar perturbada ou excitada não te leva a lado nenhum. Quero sempre ser uma ajuda para ti, amo-te e admiro o teu espírito corajoso, mas sinto que podes fazer mais se permaneceres calma na tua mente e souberes que é Deus quem governa.»

Não me lembro a que é que isto se referia agora, mas concluo que estaria em pé de guerra por algo que suscitara a minha indignação. Dou isto como exemplo do cuidado e interesse demonstrados pelo meu comunicador nos pequenos assuntos quotidianos da minha vida, de forma muito semelhante à que ele teria feito se não tivesse partido para a vida mais ampla.

Noutra ocasião, perguntei o que acontecia quando as pessoas descansavam após a sua partida, tendo-me ele dito que uma grande amiga minha que morrera recentemente estava a descansar. A resposta foi: «Elas são cuidadas no lugar ou casa de descanso especial até se sentirem capazes de começar a nova vida.

Enquanto lá estão, apenas acordam e dormem alternadamente e, quando já não querem dormir mas se sentem bem acordadas, estão prontas

para ir para casa.» Ele tinha ido ver esta minha amiga a esse lugar e ela enviara-me uma mensagem através dele. Eu disse: «Ela estava acordada quando te deu essa mensagem!»

«Sim», foi a resposta, «mas estava prontinha para outra dose antes de eu sair.»

Uma vez perguntei: «És realmente tu quem escreve, ou algum espírito maligno a fazer-se passar por ti? Isto fora sugerido por alguém como uma possibilidade.» A resposta foi: «Eu sou o escritor, sou Gordon Burdick e não deixaria que qualquer outra pessoa se aproximasse de ti ou tentasse enganar-te. Não haveria objetivo em alguém tentar fazê-lo.

Não sou uma pessoa que tenha sido de alguma forma um homem famoso e não haveria sentido em alguém fingir ser eu. Penso que o facto de ser a minha própria caligrafia deveria ser garantia suficiente disso. Sei que existem pessoas tolas e maliciosas que tentam comunicar, mas apenas alguém que estivesse muito familiarizado com a minha caligrafia poderia possivelmente copiá-la; além disso, é muito improvável que alguém que eu conheça queira fazer isso.»

«O facto de termos entrado numa nova fase da vida não significa que sejamos capazes de nos comportar como vigaristas mais facilmente do que antes; além disso, estamos a associar-nos com os da nossa espécie — aqueles que estão no mesmo plano mental e espiritual e não num inferior. Não, Grace, podes estar descansada que eu sou o teu comunicador e o teu guardião.»

Disse-lhe que algumas pessoas pareciam preocupadas porque, pelo que ele me dizia, tudo parecia demasiado agradável por lá. A resposta foi que ele achava que muitas pessoas ainda tinham um inferno ardente e um céu dourado nas suas mentes. «Mas», continuou ele, «é uma coisa mais natural encontrar condições de certa forma familiares. Existem partes muito desagradáveis deste mundo para onde vão aquelas almas infelizes que foram gananciosas, cruéis e egoístas, porque criaram o seu próprio tipo de inferno para si mesmas. É verdade que colhemos o que semeamos e temos de pagar o preço dos nossos erros.» «Tu tiveste?», perguntei. Ele respondeu: «Receio que tive de sentir arrependimento por certas coisas que fizera e que o meu eu melhor soubera estarem erradas, mas estou certo de que, quando reconhecemos que agimos mal e queremos expressar o nosso

pesar, nos é dada toda a oportunidade de fazer as pazes e usar a nossa oportunidade para ajudar os outros.»

Perguntei se ele conseguia descrever um dia na sua vida. Ele escreveu:

«Suponho que te refiras a "Lá". Bem, eu seria chamado pela pessoa que está a organizar os deveres para aquele período específico e ser-me-ia dito o que seria necessário eu fazer. Poderia ser ir numa missão com outros a outra parte deste mundo ou, se houvesse um desastre, ajudar com os que chegam. Tenho por vezes, como sabes, sido convidado a assistir às conferências sobre crises mundiais e depois tenho de ver os que estão a tratar de assuntos científicos.»

«Tenho imensa ocupação e, quando estou longe de ti, estou sempre empenhado numa ou noutra destas ocupações. Fico muitas vezes contente por poder passar um dia ou dois contigo e observar a tua vida diária e a forma como estás a trabalhar comigo nesta forma de dar informações sobre a continuidade da vida às pessoas que ainda estão na terra. Também visito ambas as nossas famílias, como sabes, e por vezes encontro velhos amigos. É uma vida plena e ativa.

Tenho uma grande felicidade por agora saber o real significado da vida e o seu objetivo. Nunca deixamos de viver ou de crescer em sabedoria e conhecimento, e a vida gloriosa que temos pela frente é algo além de tudo o que pudéssemos conceber durante a nossa vida na terra; simplesmente não temos conceção do que temos para aguardar e não tenho palavras com que to explicar, quem me dera poder.»

Noutra ocasião, escreveu: «Quem me dera poder ser uma ajuda de tipo mais útil.» «Em que sentido queres dizer?», perguntei. A resposta escrita foi: «Quero dizer que só sou capaz de escrever através de ti e desejava tanto poder falar eu próprio com as pessoas e ser ouvido. Poderia dizer tanta coisa que as faria parar e pensar. Nunca fui muito bom a pôr os meus pensamentos por escrito e ainda sinto que poderia dar uma ideia muito melhor das coisas pela fala.»

Pergunta: «Senteste-te frustrado?»

Resposta: «Sim, nesse sentido.»

Pergunta: «O que podemos fazer quanto a isso?»

Resposta: «Não sei.»

Nunca me ocorrera que fosse possível para alguém naquela forma de vida menos limitada sentir-se frustrado, mas evidentemente é o que acontece ao tentar atravessar a densidade do mundo físico.

A 2 de novembro de 1959, ele escreveu: «Quero falar-te de uma jornada recente que tive de fazer». «Andas a viajar muito, não é?», comentei eu. «Sim, e acho muito interessante porque é muito mais emocionante quando percebes que, de certa forma, está tudo muito integrado com o teu mundo; estamos muito preocupados com os acontecimentos que ocorrem no teu mundo e, de certa forma, participamos no que se passa, claro, de uma forma construtiva. Gosto bastante destas viagens e sinto-me muito feliz por poder dar a minha pequena contribuição para ajudar a resolver os grandes problemas que o mundo enfrenta hoje.»

Como eu estava ocupada, perguntei se ele me contaria isso mais tarde. A resposta foi: «Tenho tido vontade de escrever, mas posso esperar.» Algumas horas depois, recebi o seguinte:

«O que vou contar-te é sobre esta última jornada, porque sinto que é de grande importância no sentido em que estamos muito envolvidos nos assuntos da terra. Sabes que há problemas na Índia e na China. Temos de ir a essas partes para ajudar a impedir que as partes beligerantes entrem em conflito sério. Não é fácil porque estas pessoas têm sangue quente e podem envolver-se facilmente.

Fico feliz por me teres pedido para continuar este relato. Estamos a ser enviados nestas missões mais frequentemente agora, porque uma conflagração em qualquer parte do mundo, hoje em dia, poderia levar a consequências desastrosas. Sinto que é um grande privilégio ser um dos escolhidos para ajudar desta forma e sei que podemos ajudar. Somos capazes de ir a qualquer parte do mundo onde o problema esteja a fermentar em poucos segundos do teu tempo.»

Pergunta: «Podes estar em mais do que um lugar ao mesmo tempo?»

Resposta: «Não, mas podemos viajar a tal velocidade que conseguimos transferir-nos de um lugar para outro quase instantaneamente.»

Pergunta: «É cansativo?»

Resposta: «Eu não acho.»

Pergunta: «Gostas?» Resposta: «Sim!»

A 30 de janeiro de 1960, ele escreveu:

«Temos estado muito ocupados com o trabalho relacionado com o caso entre a França e os rebeldes argelinos. É um negócio feio e há um ressentimento muito grande por parte da população francesa que viveu tanto tempo na Argélia que a considera como o seu lar. Esperamos ser capazes de influenciar as mentes de todos os que estão envolvidos nesta luta, para que uma vitória real para aqueles que estão no caminho certo possa ser alcançada sem derramamento de sangue.»

Pergunta: «Disseste "Nós". Quem são os outros?»

Resposta: «São homens que, como eu, passaram algum tempo no Norte de África, por isso compreendem a situação.»

A 31 de janeiro: «Não tive muito a fazer com o trabalho hoje, mas estivemos apenas a observar a situação.» Pergunta: «Como estão a correr as coisas?»

Resposta: «Bem, creio que há uma boa esperança de um acordo sensato.»

No início de fevereiro de 1960, ele escreveu: «Tem havido muita atividade no outro lado — o meu lado — devido a certos desenvolvimentos no teu, e pediram-nos para trabalhar nesta situação porque é fundamental que haja uma cooperação real entre aqueles em quem recai a responsabilidade em ambos os mundos. Pedem-nos para tentar convencer as pessoas no teu mundo de que podemos trabalhar juntos e que um grande interesse e, mais do que mero interesse, muitas vezes ansiedade, é sentido por aqui sobre a forma como as coisas estão a correr no mundo terreno.

O tempo todo ocorrem mudanças e, em todos os países, as pessoas estão em grande grau inquietas e impacientes; é um tempo de reviravoltas e há perigo e, no entanto, ao mesmo tempo, a maravilha de novas revelações na ciência e, se estas puderem ser trazidas sob orientação e direção adequadas, as possibilidades de problemas surgirem de mal-entendidos podem ser evitadas. Nunca houve um tempo como este na história da Terra, em que a sabedoria e o esclarecimento espiritual fossem tão dolorosamente necessários.

Coisas podem acontecer nesta nova década que alterem completamente a perspetiva da humanidade. Deus está a trabalhar na Sua forma maravilhosa, através da qual o homem se tornará um co-trabalhador com Ele, pois alcançámos agora um estágio em que o propósito Divino da vida pode ser mais plenamente compreendido e, quando plenamente percebido, homens e mulheres tornar-se-ão conscientes da sua herança real como filhos e filhas de Deus.»

De tempos a tempos, eu e outros fazíamos perguntas, que eram invariavelmente respondidas, embora ocasionalmente recebêssemos um «Não sei a resposta para tudo». Mas aqui estão algumas das perguntas feitas:

Pergunta: «Como reagem os incrédulos quando partem e se descobrem vivos?»

Resposta: «Ficam muito espantados e acham muito difícil aceitar o facto de serem o que o mundo chama de mortos, e por isso são frequentemente extremamente difíceis de convencer. Geralmente tentam voltar e descobrem que não o conseguem fazer. Depois, quando finalmente percebem a verdade, aceitam-na e, se forem pessoas honestas e decentes, instalam-se e ficam felizes por ainda estarem muito vivos.»

Pergunta: «As pessoas falam de morte por aí?»

Resposta: «Sabemos que não há morte. Não ouvi as pessoas falarem sobre isso.»

Pergunta: «Qual é a opinião no teu lado sobre a prática de desportos de sangue de qualquer tipo?» Resposta: «Creio que ninguém aqui aprovaria qualquer tipo de desporto que envolvesse causar dor ou ferimento tanto a homens como a animais.»

Pergunta: «Na tua esfera, consideram que a pena capital é certa ou errada?»

Resposta: «Essa é uma pergunta que precisa de consideração séria. Creio que depende das circunstâncias ligadas ao crime. Algumas formas de crime são tais que o perigo para outras pessoas, especialmente crianças, é maior e mais grave do que a remoção do criminoso pela morte. Não há morte, e a pessoa assim enviada é meramente acolhida por aqui e não necessariamente punida de acordo com velhas teorias, mas disciplinada e

confrontada com as consequências malignas dos seus atos e, com o tempo, reformada.

Alguns dos que cometem estes atos pavorosos, especialmente contra crianças, estão eles próprios a ser usados por mentes malignas deste lado que procuram satisfazer os seus próprios desejos horríveis projetando-os nas mentes de certas pessoas cujas mentes estão abertas a estas influências. A satisfação que obtêm é ao observar o crime ser cometido.»

Pergunta: «É então melhor para uma pessoa que cometeu este tipo de crime ser enviada para o outro mundo, ou mantida na prisão com uma pena perpétua aqui?»

Resposta: «Se este tipo de criminoso ou maníaco for libertado do seu corpo físico, deixa de estar sob a influência dos malignos deste lado e tem a hipótese de se tornar um ser normal. Uma sentença de prisão de vinte anos pode não o curar se o caso for de obsessão por um espírito maligno e, uma vez livre de novo, ele poderá recorrer aos mesmos atos de violência. Creio que o criminoso deste tipo tem uma melhor hipótese de reforma se for removido do seu ambiente terreno.»

Pergunta: «Por que meios sugerias a sua remoção?»

Resposta: «Não por enforcamento, mas por algum método letal, uma injeção, por exemplo.»

Pergunta: «De acordo com a tua última resposta, maníacos culpados de homicídio deveriam ser removidos e não, de acordo com a lei desta terra, enviados para instituições mentais.» Resposta: «Se estas pessoas são vítimas de obsessão, passar as suas vidas na terra confinados a uma instituição prisional não as libertará desse cativeiro. Ao passo que o que chamamos de morte, meramente a libertação do corpo físico, o fará na maioria dos casos.»

Pergunta: «Porque é que estes seres malignos conseguem influenciar as pessoas deste lado?» Resposta: «Porque estes espíritos estão completamente fora de contacto com Deus e não ficam sob a influência das esferas superiores.»

Pergunta: «A religião é livre de dogmas e ensinamentos doutrinários por aí?»

Resposta: «Sim, é uma questão de trabalho prático, de fazer; por outras palavras, de serviço.»

Pergunta: «O que são fantasmas?»

Resposta: «Não creio que o que as pessoas chamam de fantasmas sejam materializações reais, mas formas-pensamento. De certa forma, são projeções de imagens mentais.»

Pergunta: «Porque é que Jesus foi capaz de se materializar tão cedo e de uma forma tão real?» Resposta: «Porque Ele era o Filho de Deus e o Seu poder e conhecimento eram muito maiores do que os nossos. Ele estava a demonstrar a verdade sobre a vida após a morte do corpo físico. Ele foi o primeiro a derrubar a barreira; por outras palavras, a "vencer a morte".»

Pergunta: «Estás no plano Astral ou onde?»

Resposta: «Estou no plano próximo da terra.»

Pergunta: «Quantos corpos tens?»

Resposta: «Que pergunta para se fazer! Só tenho um.»

Pergunta: «Sabes o que é uma casca astral (*astral shell*)?»

Resposta: «Não, nunca ouvi falar de tal coisa.»

Pergunta: «O que acontece no caso de pessoas que, por motivos religiosos ou pelo que achavam ser correto, agiram mal?»

Resposta: «Serão julgadas de acordo com os seus motivos, mas os seus erros ser-lhes-ão mostrados e, se forem sinceras, tentarão superar as suas falhas dessa forma. Geralmente é uma falta de amor, ou as suas ideias sobre Deus estavam todas erradas.»

Como ele fizera esta afirmação: «Sei que é através das descobertas dos cientistas que será provado que existe outra vida além desta», fiz as seguintes perguntas:

Pergunta: «Essa vida está a decorrer o tempo todo, mesmo durante a nossa vida física aqui?» Resposta: «De certa forma, sim.»

Pergunta: «Podes explicar?»

Resposta: «Bem, é assim: temos dois corpos mesmo na nossa vida no mundo físico. O segundo corpo, ou corpo espiritual, está entretecido com o

primeiro, ou corpo físico, que é visível para ti e para outros no mundo físico; mas o segundo corpo não é visível e isso deve-se ao facto de ser de uma vibração mais elevada, mas durante o seu aprisionamento no físico não pode funcionar livremente. No entanto, toda a nossa vida consciente pertence a esse segundo corpo aprisionado. Por vezes escapamos do corpo físico quando dormimos e assim vivemos outra vida à parte da física que, até certo ponto, influencia a nossa vida desperta no físico.»

Em resposta a uma pergunta sobre se o corpo espiritual ou etérico tem órgãos internos ou se era um vácuo, foi dada a seguinte resposta:

Resposta: «Não, não somos ocos por dentro; temos um aparelho respiratório e um coração que bate, mas num ritmo diferente. Também temos órgãos de uma natureza diferente e eles são compostos por matéria de uma vibração muito mais elevada ou rápida e não estão sujeitos a doenças ou desordens. Têm funções de uma natureza diferente dos nossos corpos físicos. Espero que estejas satisfeita com esta explicação.

Não precisas de temer o desprendimento do corpo mortal; não é algo pavoroso, mas apenas o despojamento de uma veste gasta. Não somos diferentes quando mudamos de roupa e, por isso, continuamos a ser os mesmos quando trocamos o nosso corpo terreno pelo nosso verdadeiro — aquele que não se gastará.»

Foi feita uma pergunta sobre o tempo.

Resposta: «Nós não medimos o tempo, não temos alternância entre dia e noite.»

Pergunta: «Porque é que é assim?»

Resposta: «Porque não temos um sol que nasce e se põe.»

Pergunta: «Então nunca têm céus de pôr do sol encantadores?»

Resposta: «Bem, temos efeitos semelhantes, mas não são causados por um sol poente.»

Pergunta: «Qual é, então, a vossa fonte de luz?»

Resposta: «A luz é como um dia normalmente bom na terra, não excessivamente brilhante como nos lugares muito quentes da terra. Acho-a muito agradável.»

Pergunta: «Há luz e sombra?»

Resposta: «Há sombras como na terra, é exatamente igual nesse aspeto. Aqui temos uma quarta dimensão, por isso dá um efeito ligeiramente diferente às coisas, mas é mais agradável; embora não seja fácil de descrever.»

O meu irmão fez a seguinte pergunta:

Pergunta: «Tornamo-nos sensíveis ao passar desta esfera (a esfera da terra) para uma banda diferente de vibrações? Se sim, podes tornar isto mais claro? O pensamento científico moderno tende a acreditar que toda a matéria pode ser reduzida a vibrações e energia eletromagnética. Quão verdade é isto?»

(Esta pergunta foi feita em 1957, desde quando ele parece ter ganho muito mais conhecimento.)

Resposta: «Não consigo responder a essa pergunta muito facilmente porque não dediquei realmente tempo a investigar o assunto, mas sei isto: que o poder do pensamento é causado por vibrações, especialmente entre pessoas; mas, quanto à matéria ser reduzida a vibrações e energia, parece uma solução muito provável para o problema da natureza da matéria.»

Pergunta: «Se estás a operar numa vibração superior ou diferente, como é que consegues guiar a mão da minha irmã para enviar mensagens?»

Resposta: «Consigo responder a isso perfeitamente. Sabes, quando duas pessoas estão em sintonia uma com a outra, elas estão na mesma vibração. Tens mais alguma pergunta?»

Pergunta: «Achas que isto é divertido?» Resposta: «Sim, acho, muito divertido.»

Pergunta: «Vocês divertem-se no vosso mundo?» Resposta: «Sim, claro; este não é um lugar miserável onde ninguém ri; divertimo-nos imenso.»

Foram feitas perguntas por outras pessoas para eu anotar, aqui estão algumas delas:

Pergunta: «Existe um governo e tudo organizado como aqui?»

Resposta: «Sim, e é muito bom. Não é político, mas é organizado de uma forma muito mais harmoniosa do que os nossos órgãos governativos na Terra, pois a ambição política e as finanças não entram no cenário.»

Pergunta: «Aqueles que foram Reis e Rainhas na Terra continuam a ser Reis e Rainhas aí?» Resposta: «Não. Aqui são apenas pessoas comuns. A posição ou importância terrena não tem peso neste mundo. O carácter é o que conta.»

Pergunta: «E quanto a um rei muito bom como Jorge VI?»

Resposta: «Ser-lhe-á dado um trabalho que esteja de acordo com os seus dotes pessoais, independentemente da realeza. Não creio que muitos desejassem continuar a ser da realeza, pois essa é uma vida que é, em muitos aspetos, penosa.»

Pergunta: «Sabes onde está a Rainha Vitória agora?»

Resposta: «Sim, ela ainda está nesta esfera e creio que teve de aprender muitas lições duras, mas agora está muito feliz e tem tentado trabalhar pela felicidade dos seus descendentes em Inglaterra e especialmente pela atual Rainha.»

Pergunta: «O teu mundo é um mundo de ilusão?»

Resposta: «Não.» «Mas creio que se supõe que seja.» A isto Gordon Burdick escreveu: «Porquê?». Respondi: «Porque me disseram que se supõe que este seja um mundo de ilusão.»

Resposta: «Só posso dizer que o mundo da ilusão é criado pelo pensamento em termos do finito e do material. O Espírito não é uma ilusão; é verdadeiro e real. Por isso, quando passamos a pensar em termos da natureza espiritual da vida e de todo o Universo, já não vivemos num mundo de ilusão ou irreabilidade. Creio que na nossa vida terrena vivemos frequentemente num mundo ilusório porque a natureza transitória da vida é, em si mesma, uma ilusão e damos demasiada importância às coisas que parecem reais, mas não o são. Descubro que neste mundo real temos uma sensação de permanência e o medo da perda já não está na nossa consciência.»

As seguintes perguntas foram feitas devido às opiniões conflitantes sobre estas questões teológicas, resultantes em grande parte da tendência moderna de estudar a filosofia oriental.

Pergunta: «Como é Jesus considerado? É considerado apenas como um dos Mestres ou como o Filho de Deus e, portanto, divino?»

Resposta: «Creio que Ele é reconhecido como o Filho de Deus no sentido em que é de origem Divina, da mesma forma que todos nós somos, na origem, Filhos de Deus; mas que Ele, mais do que todos os outros, reflete a perfeição de Deus de uma forma que nenhum outro ser reflete. Ele é, nesse sentido, o Homem perfeito, aquilo que Deus pretendia que todos nós nos tornássemos. Nesse sentido, Ele é o nosso exemplo e modelo.»

Pergunta: «Ele é considerado como Deus e para ser adorado como tal?»

Resposta: «Ele é honrado acima de todos os outros e é verdade dizer que Ele Se senta à direita de Deus.»

Pergunta: «Ele é apenas considerado um dos Mestres?»

Resposta: «Não. Ele está acima de qualquer outro homem. Ele é um ser Espiritual que pôde mostrar ao homem qual era o verdadeiro carácter de Deus porque Ele próprio era o reflexo perfeito de Deus como Amor em forma humana.»

Pergunta: «Em S. João refere-se a Ele como o Verbo e acrescenta "O Verbo fez-Se carne e habitou entre nós". O que se entende por "Verbo"? Continua: "Por Ele todas as coisas foram feitas", etc.»

Resposta: «Dizem-me que Ele estava com Deus antes da encarnação e estava com Ele na obra da criação. Ele executou as ideias da Mente Divina.»

Pergunta: «O que sabes sobre a Encarnação?»

Resposta: «Sei isto: que Ele se ofereceu como voluntário para encarnar a fim de mostrar como Deus era realmente. Quando Se tornou homem no sentido físico, Ele desceu ao nosso nível no mundo físico e assim pôde experienciar as dificuldades e tentações da vida neste plano de experiência. Desta forma, Ele pôde ajudar melhor aqueles que vêm para este mundo porque, tendo entrado Ele próprio neste plano, pôde ver e compreender as coisas nesse nível e não de um nível superior.»

Pergunta: «Queres dizer que Ele podia ver as coisas do nosso ponto de vista?»

Resposta: «Sim.»

Pergunta: «Quando Ele disse "Eu e o meu Pai somos um", o que significaria isso?»

Resposta: «Significa que na Sua consciência havia uma união completa com Deus.»

Pergunta: «E "antes que Abraão existisse, Eu Sou"?»

Resposta: «Isso significa que Ele era um com Deus e feito à verdadeira semelhança de Deus muito antes de Abraão nascer, mesmo antes da criação deste mundo.»

Pergunta: «A criação está sempre a decorrer, ou todas as coisas já foram criadas?»

Resposta: «A criação é um desenrolar contínuo do que já existe na Mente Divina.»

Pergunta: «E quanto à doutrina da Trindade?»

Resposta: «Dizem-me que a ideia do "Três em um" é uma tríade na qual a Ideia de Deus é expressa de diferentes formas.»

A Paternidade de Deus como Criador da humanidade, o Filho de Deus, demonstrando «A Fraternidade dos Homens» e o Espírito de Deus, que permeia toda a criação, mas todos são um em origem e essência.»

Pergunta: «Então há verdade na doutrina da Trindade?»

Resposta: «Sim, mas de certa forma foi interpretada erroneamente.»

Pergunta: «Como?»

Resposta: «Eles não são três seres separados, mas três formas pelas quais Deus se revela ao homem.»

Pergunta: «Acreditas no Nascimento Virginal? Alguns médicos e intelectuais não acreditam.»

Resposta: «Acho que para Deus nada é impossível e que, neste caso, o Espírito Criador de Deus desceu sobre a Virgem Maria e tornou possível o nascimento de Jesus.»

Pergunta: «Podes dar uma razão pela qual ela foi escolhida especialmente?»

Resposta: «Sim, ela própria era uma mulher de consciência espiritual; dessa forma, estava apta a receber a efusão de poder espiritual de Deus que resultou na Encarnação.»

Pergunta: «Jesus Cristo é Deus? Os Unitários e algumas outras formas de Cristianismo negam-no.»

Resposta: «Não no sentido de que Ele seja a Mente Divina, mas Ele é divino (Godlike). Ele é a pessoa em quem Deus se revela à humanidade.»

Pergunta: «Podes tornar isto um pouco mais claro?»

Resposta: «Sim, posso. Vês, a verdade é que Jesus é o Homem perfeito, feito à Imagem de Deus. Ele é o primeiro que realmente expressa a semelhança com Deus em toda a sua pureza, intocado pelo pecado.»

Pergunta: «Ele é Divino? Falamos sobre a Divindade de Cristo. Se Ele é divino, então certamente é Deus, ou como dizemos, o Filho de Deus.»

Resposta: «Ele não é Deus no sentido mais amplo, mas é o Filho de Deus.»

Pergunta: «O Espírito Santo é Deus?»

Resposta: «O Espírito Santo implica a natureza de Deus como Espírito.»

Pergunta: «Jesus Cristo é divino, ou um Ser divino? Não respondeste a essa pergunta adequadamente.»

Resposta: «Ele é divino na origem, isto é, Ele é da natureza da Divindade na Sua unicidade com o Pai, mas todos somos dessa natureza no nosso estado original. Mas enquanto Ele alcançou a Imagem perfeita de Deus e, dessa forma, nos mostra como Deus é, nós estamos apenas a refletir essa semelhança num grau muito limitado.»

Pergunta: «O que sabes, ou o que me podes dizer sobre a Expição (Atonement)?»

Resposta: «Disseram-me que a doutrina da Expição, tal como é ensinada pelas Igrejas, está errada porque cada um tem de trabalhar na sua própria salvação e não se pode salvar do resultado das suas más ações alegando que Cristo morreu para o salvar das consequências do mal praticado.

Somos todos pessoalmente responsáveis pela nossa própria salvação e ninguém pode tomar os nossos pecados sobre si e assim livrar-nos dessa responsabilidade. Tampouco Deus desejou a morte de Jesus como um ato pelo qual a Sua ira sobre a falha da humanidade em obedecer à Sua lei pudesse ser aplacada. Foi para mostrar ao homem como viver de acordo com a lei do Amor de Deus, através da qual podemos ter uma vida mais abundante, que Ele veio ao Mundo.

Ele sofreu o destino de qualquer pessoa que enfrenta uma Igreja ou Estado fanático e poderoso, e que é contra os abusos de poder e tenta reformá-los. Foram os inimigos da Verdade e da Retidão que desejaram a Sua morte, não Deus, que é Amor.»

Pergunta: «Podes dizer-me algo sobre a Ressurreição?»

Resposta: «Temos este conhecimento: que Jesus foi capaz de desmaterializar o seu corpo físico porque já era um Ser Espiritual tão perfeitamente evoluído que até o Seu corpo físico era menos material que o nosso. Era de uma substância mais fina, portanto não estava sujeito à decomposição da forma comum, mas foi, em vez disso, transmutado.»

Pergunta: «O que sabes sobre o Carma?»

Resposta: «Sei que há pessoas que acreditam que os seus problemas terrenos são o resultado das suas más ações numa vida anterior.»

Pergunta: «Isso é verdade?»

Resposta: «Não.»

Pergunta: «Porquê?»

Resposta: «Porque não são punidos dessa forma. Sofre-se pelos pecados passados neste outro mundo ao encontrar-se em condições que cada um preparou para si próprio pela sua vida na Terra.»

Pergunta: «Como surgiu esta ideia?»

Resposta: «É uma ideia errada e teve origem no Oriente e foi ensinada por religiões pré-cristãs.»

Pergunta: «Porque é que muitos cristãos a aceitam agora?»

Resposta: «Porque, de certa forma, os ensinamentos de Cristo foram apenas parcialmente compreendidos e por isso não explicaram certos problemas, particularmente o problema do pecado e do sofrimento.»

Pergunta: «Como podemos corrigir estas crenças equivocadas?»

Resposta: «Através das novas verdades que estão agora a ser reveladas.»

Pergunta: «Porque dizes 'Novas'?»

Resposta: «Porque nunca foram totalmente reveladas antes.»

Pergunta: «Porque não?»

Resposta: «Porque o tempo não estava maduro.»

Pergunta: «Será em breve?»

Resposta: «É agora.»

Pergunta: «E quanto à Reencarnação?»

Resposta: «Não é uma coisa muito usual regressar ao mundo da Terra, mas é permitido se alguém o desejar ou precisar particularmente, mas não creio que seja de toda uma coisa regular e as pessoas que pensam que o é estão muito enganadas. A reforma acontece aqui quando aqueles que usaram mal a sua estadia na Terra passam para o lado de cá.»

Pergunta: «E quanto aos muito perversos ou agarrados à terra?»

Resposta: «Eles não podem regressar fisicamente, mas gostam de permanecer mentalmente na atmosfera na qual encontraram prazer na Terra; assim, dessa forma, são o que as pessoas chamam de agarrados à terra. São eles que conseguem influenciar mentes fracas ou outras mentes perversas, abertas a sugestões mentais.»

Pergunta: «O teu Plano é como este, mas num grau mental de significância mais elevado?»

Resposta: «Eu diria que é um plano em que a força do pensamento é realmente reconhecida como um elemento construtivo, na medida em que as coisas são criadas diretamente através do poder do pensamento.»

Pergunta: «Estás mais perto da Realidade Última?»

Resposta: «Sim, apenas um passo mais perto.»

Meu irmão perguntou: «Qual é o pecado raiz fundamental da humanidade?»

Resposta: «Eu diria que a causa raiz de todo o pecado é a crença do Homem na sua independência de Deus. Disto brota a ganância e a ambição de dominar. Penso que, quando os homens acreditam que são todo-poderosos, todo o tipo de pecado se torna um comportamento normal neles.»

Pergunta: «Como é que algumas pessoas que encarnam no mundo não lucram com a experiência?»

Resposta: «A resposta a isso é: nem todos podem beneficiar desta experiência se não estiverem dispostos a aprender a sujeitar o 'eu' o suficiente para expressar amor. Sem amor não aprendemos nada, e deixamos o mundo num lugar pior em vez de melhor do que o encontrámos.»

Pergunta: «Que tipo de seres éramos antes do nosso nascimento?»

Resposta: «Suponho que éramos todos espíritos não testados e tivemos de ser submetidos ao teste da experiência terrena para ver de que massa éramos feitos. Alguns passam pela experiência de melhor forma que outros porque não cederam à tentação de viver inteiramente para si próprios e para os seus próprios interesses.»

Pergunta: «Como são eles avisados da sua encarnação iminente?»

Resposta: «Não posso dizer exatamente, mas creio que lhes é dito que precisam da experiência e são aconselhados a aceitá-la.»

Pergunta: «Como são estes espíritos não testados?»

Resposta: «Creio que são, de certa forma, muito semelhantes em aparência ao que parecerão quando encarnarem na Terra. Retemos certas características sempre.»

Pergunta: «Éramos seres conscientes antes do nascimento?»

Resposta: «Sim, éramos seres conscientes, porque somos os filhos de Deus, mas não estávamos tão plenamente desenvolvidos espiritualmente como estamos se tivermos beneficiado da nossa experiência na Terra. Todas as nossas experiências servem para ajudar o nosso crescimento espiritual.»

Pergunta: «Recebem chegadas de outros planetas?»

Resposta: «Não.»

Pergunta: «As pessoas morrem noutros planetas?»

Resposta: «Rigorosamente falando, não há morte. O que acontece é que, quando as pessoas passam do Plano ou planeta a que pertenceram, despojam-se da veste externa pela qual, ou na qual, foram capazes de habitar aquele planeta em particular.»

Pergunta: «As pessoas nos outros planetas acreditam em Deus?»

Resposta: «Claro, porque Deus é o Criador de todo o Universo.»

Pergunta: «Para onde vão as pessoas dos outros planetas quando deixam o seu planeta particular?»

Resposta: «Passam para um plano superior logo acima do seu planeta particular.»

As seguintes perguntas, fiz eu própria:

«Usas a minha mão Física ou a mão etérica na escrita?»

Resposta: «A tua mão física.»

Pergunta: «A minha mão ou corpo etérico parecem-te mais reais do que o meu físico?»

Resposta: «Não posso responder exatamente a essa pergunta, pois apenas vejo o teu eu físico mas, ao mesmo tempo, estou ciente do teu eu real, o teu eu espiritual; mas esse teu 'eu' real está atualmente envolto no teu 'eu' físico, ou melhor, no teu corpo físico.»

Pergunta: «O que fazes para usar a minha mão?»

Resposta: «Estou tão perto de ti que a minha mão cobre a tua e a manipula. A tua mão parece-me quase transparente e a minha própria mão muito mais real e sólida.»

Pergunta: «Como é que, embora estejas tão perto de mim, não te consigo ver?»

Resposta: «Creio que a razão é que os nossos corpos etéricos estão a vibrar a uma velocidade tão grande que não é possível, ou apenas raramente, sermos visíveis para as pessoas no plano da Terra. Tudo em

ambos os mundos está num estado de vibração de maior ou menor intensidade. O teu corpo físico está também num estado de vibração, mas a um ritmo muito inferior, por isso é menos substancial do que o corpo real ou espiritual.

Para me tornar visível para ti, tenho de conseguir de alguma forma abrandar o meu ritmo de vibração, e isto não é muito fácil. Esta é uma das coisas que podemos aprender a fazer e acredito que chegará o tempo em que muitos de nós seremos capazes de ir e vir como pessoas visíveis, como já fazemos agora, embora não sejamos vistos por ti. Além disso, aproxima-se o tempo em que este grande facto da vida no outro lado daquilo a que os homens chamam morte será cientificamente provado como sendo de maior importância do que a vida na Terra.

Sinto a certeza de que, quando for geralmente conhecido que é possível e natural estar em contacto com aqueles que atravessaram para o outro lado, isso trará grande conforto a todos. Há apenas um século, os homens que iam para países distantes explorar não tinham meios de comunicar com o mundo exterior. Agora, por meio do rádio, ninguém fica por muito tempo sem contacto com o resto do mundo. Então, por que não haveria de ser possível estabelecer comunicação com este mundo?»

Pergunta: «Achas que isso acontecerá por um meio semelhante ao rádio e precisaríamos de instrumentos para sintonizar o teu mundo?»

Resposta: «Acho muito provável que sejam necessários instrumentos ao princípio, porque tudo se deve à vibração e aos comprimentos de onda, e isto é tão verdade para este mundo como para o mundo da Terra; mas é muito provável que instrumentos de maior poder e frequência mais elevada sejam necessários ao princípio para estabelecer contacto desta forma.»

Pergunta: «Como achas que isto acontecerá?»

Resposta: «Através de pessoas que tenham formação científica, mas que também estejam interessadas na ideia de comunicação com o mundo do Espírito.»

Pergunta: «Estarão os russos, que construíram um radiotelescópio capaz de sintonizar comprimentos de onda tão curtos como três centímetros, mais perto de conseguir isto?»

Resposta: «Não.»

Pergunta: «Porquê?»

Resposta: «Porque eles nem sequer acreditam numa vida após a morte.»

Pergunta: «Serão necessários comprimentos de onda muito curtos de frequências de três centímetros, possivelmente em milímetros?»

Houve uma pausa de pelo menos dez minutos após esta pergunta ter sido feita e eu comentei: «Ele evidentemente não sabe a resposta para esta». (Estas perguntas estavam a ser feitas pelo meu irmão em 1957). No final dos dez minutos, a caneta moveu-se novamente e escreveu: «Estive a perguntar a uma pessoa científica esta questão, e a resposta é que serão necessárias as frequências mais curtas possíveis para se conseguir entrar em comunicação com este mundo, ou esfera, pois os comprimentos de onda são muito mais rarefeitos do que qualquer coisa já conhecida no mundo da física.

Mas chegará o dia, eu sei, em que os que estão na terra serão capazes de contactar este mundo tão facilmente e de forma muito semelhante à que podem agora comunicar com partes distantes do mundo físico através de ondas de uma vibração superior ou mais rápida que penetrarão o éter e encontrarão resposta do outro lado. Sei que cientistas deste lado estão a trabalhar nisso e não tenho dúvida de que um dia alguma descoberta científica do vosso lado trará ambos os mundos em contacto directo.

Esse será um dia maravilhoso na história mundial, pois significará o fim de uma era de mal-entendidos e descrença. Portanto, vês, Querida, o que significará para o mundo quando estiver plenamente estabelecido que a comunicação é possível; e como sabemos que Deus é Amor, podemos compreender que não é a Sua vontade que, quando as pessoas passam de um mundo para o outro, devam ser completamente cortadas. A barreira aparente fora erguida por meios humanos, não Divinos. Nós conseguimos e outros também conseguirão. O caminho deve ser mostrado para que todos o sigam, de modo que 'A Morte será, de facto, tragada pela Vitória'.»

Em novembro e dezembro de 1958, recebi as seguintes comunicações indicando que uma descoberta importante de natureza científica não estava longe e que teria consequências profundas no pensamento humano. A primeira indicação de tal ocorrência foi numa comunicação datada de 20 de

outubro de 1957, já neste livro; uma pista adicional foi dada em 6 de julho de 1958, na qual o meu comunicador disse:

«Estou pronto para te contar a notícia que mencionei; é que é provável que haja uma descoberta maravilhosa em breve que terá um efeito muito interessante no pensamento humano. É tempo de o mundo acordar para o facto de que é o espiritual que conta e não o modo de vida material. Tudo o que é real e tangível é espiritual e, portanto, indestrutível, e nós que partimos sabemos disto. Apenas o mundo do pensamento material continua a dormir e, na sua inconsciência, está a fazer um inferno do que poderia ser um mundo feliz.»

Em 3 de novembro de 1958: «Quero contar-te as novidades sobre a nova descoberta acerca das frequências muito curtas que farão uma grande diferença na atitude perante a comunicação com o mundo do Espírito. Vês, não é geralmente compreendido que toda a energia que se expressa em ondas vibratórias de grande intensidade é de matéria espiritual; com isto quero dizer que é invisível à visão humana; mas embora seja espiritual em valor ou conceção, tem de ser uma forma de matéria para poder entrar em contacto com um mundo físico e assim ser compreendida em termos de física, isto é, conceitos científicos de ondas de radiação ou matéria, eletricidade, por exemplo. No entanto, todas estas coisas estão, num certo sentido, ligadas ao universo invisível, bem como aquelas coisas visíveis aos sentidos humanos.

Disseram-me que muito em breve será descoberta e sintonizada uma frequência muito mais elevada que intrigará aqueles que a descobriram e muitas perguntas serão suscitadas quanto à sua origem e propósito. Nós por aqui sabemos tudo sobre isso e é uma questão de grande interesse e até entusiasmo que, em breve, possa ser possível captar as reações dos cientistas terrenos a este grande potencial de radiação atómica, que está além de qualquer coisa já conhecida no vosso mundo.»

Em dezembro desse ano, foi anunciado que uma banda de radiação fora descoberta em volta da terra no espaço exterior. Em janeiro do ano seguinte, uma segunda banda de radiação foi descoberta a 38.000 milhas acima da terra. Poderia ele, pergunto-me, estar a aludir a estas duas descobertas?

Ele continuou dizendo que achava que «tínhamos um papel a desempenhar em tudo isto, ao preparar as mentes das pessoas para estarem prontas para este evento emocionante» que ele sustentava não poder estar muito longe. Neste ponto comecei a fazer perguntas, primeiro:

Pergunta: «Quando dizes que não pode estar longe, estás a pensar em termos de meses ou anos?»

Resposta: «Acho que provavelmente uma questão de meses.»

Pergunta: «Pergunto-me se tens razão?», disse eu duvidosamente.

Resposta: «Espero que sim.»

Pergunta: «Onde vais buscar a tua informação?»

Resposta: «Por aqui é do conhecimento comum», veio a resposta. Perguntei se seria o que pensamos ser o Último Dia, quando os mortos seriam ressuscitados. Ele respondeu: «Acho que chegará o tempo em que os mortos serão vistos como estando vivos. Quero dizer que o véu, como lhe chamamos, será retirado e o mundo será, num sentido, desmaterializado; será fundido no reino do espírito.»

Pergunta: «Como?»

Resposta: «Não consigo explicar exatamente.»

Pergunta: «Essa descoberta terá de ser aceite como uma forma de contactar o outro mundo?»

Resposta: «Sim, terá; não haverá outra explicação.»

Pergunta: «Pergunto-me qual será o efeito no ser humano comum e nas Igrejas?»

Resposta: «Acho que causará alegria a algumas pessoas e grande consternação a outras.»

Pergunta: «Produzirá pânico?»

Resposta: «Não me parece, mas mudará profundamente o modo de pensar da maioria das pessoas.»

Pergunta: «Estou a tentar imaginar o que acontecerá. Achas que os Poderes estabelecidos tentariam suprimir tais notícias?»

Resposta: «Eles não conseguirão, mesmo que tentassem; será algo demasiado estupendo para ser suprimido.»

Pergunta: «Quando as Escrituras dizem que Cristo virá em nuvens de glória e que "todo o olho O verá", o que é que isso significa realmente?»

Resposta: «Estou certo de que significa que chegará o dia em que o Senhor aparecerá novamente entre os homens, mas desta vez no Seu verdadeiro carácter como Senhor dos Senhores e Rei dos Reis; mas antes que isso possa acontecer, o mundo deve estar pronto para O receber através desta maior compreensão do mundo, ou melhor, do universo, como espiritual. Falamos de matéria e do físico, mas eles são apenas aspetos diferentes de um universo espiritual.»

Em 7 de novembro, ele anunciou que haveria um tempo de maior agitação mundial devido à dificuldade das grandes potências chegarem a um acordo sobre os testes da bomba atômica e, portanto, haveria considerável tensão e ansiedade por parte do público. Continuou:

«Toda esta questão, olhada deste lado da vida, é o que há de mais espantosamente idiota. Só pode haver uma solução para este problema se o mundo for salvo de um desastre estupendo, e essa solução reside na descoberta de um novo elemento que terá o efeito de impedir que os mais avançados na ciência fabriquem mais potencial de guerra destrutivo.»

Este tipo de informação muitas vezes intrigava-me e eu aceitava-a com reservas. Em 11 de novembro, veio uma nova comunicação; foi esta: «Vou contar-te esta noite mais sobre o evento que fará as pessoas terem uma visão muito diferente da vida. Ele revolucionará de tal forma o pensamento do mundo que trará consigo uma certa dose de confusão, ou seja, para os que têm uma mentalidade muito materialista e para certas formas de religião dogmática.» Ele continuou:

«Vês, a própria terra é apenas um dos planos de experiência pelos quais todos temos de passar e não é, como estávamos inclinados a acreditar, um lugar completamente separado do mundo a que as pessoas chamam Céu e Inferno. É apenas um dos degraus no caminho da nossa evolução espiritual e estamos apenas no início dessa jornada em direção ao

objetivo espiritual último. Estamos, todos nós, em diferentes estágios de desenvolvimento, alguns mais avançados do que outros, mas todos temos um longo caminho a percorrer ainda.

O que tem de ser mostrado a um mundo que perdeu o contacto com as coisas do Espírito e se tornou totalmente absorto em coisas materiais, é que existe outra dimensão, a dimensão desse outro mundo, que está de certa forma integrada com o físico, ou mundo de uma forma inferior de energia vibratória, embora ambos sejam, num certo sentido, um só; o mundo do plano de experiência seguinte estando sobreposto a este plano terrestre inferior, de modo que podemos passar de um para o outro quase sem o notar. O que vai acontecer é que aquilo que é agora invisível se tornará visível, e assim será provado que está próximo da terra e, de certa forma, faz parte dela.»

Pergunta: «Como se tornará visível?»

Resposta: «Sabes que podes agora ver num ecrã de televisão países que estão demasiado longe para serem visíveis à visão humana e podes observar eventos a acontecer neles no momento em que estão realmente a ocorrer? Bem, podes talvez, agora, compreender o processo pelo qual, a princípio, se poderá ter um vislumbre do mundo agora invisível.»

Em 23 de novembro, eu estava a ouvir a palestra Reith dada pelo Professor Lovell, esperando que estas palestras pudessem lançar alguma luz sobre o tipo de informação que eu andava a receber. Sabia que o meu comunicador também estava a ouvir, pois tinha recebido a indicação da sua presença, o toque leve na minha testa, sempre o seu sinal. O seu comentário foi o seguinte:

«Estive a ouvir a transmissão sobre o problema da origem do sistema solar e a hipótese quanto à formação do sistema planetário e do espaço interestelar. Foi interessante para mim ouvir as teorias apresentadas e não se pode deixar de ver como é fácil para os investigadores dos métodos do Criador se extraviarem. Eles adquiriram grandes conhecimentos no campo da matemática superior, mas ainda não descobriram que não se pode medir o imensurável. Um dia destes, ver-se-á que todas estas coisas têm a sua

origem na Mente de Deus, que nenhum ser humano consegue possivelmente sondar, por mais erudito que seja.»

Em 30 de novembro: «Quero contar-te mais sobre o evento que se aproxima. A grande descoberta está muito próxima.»

Pergunta: «Como sabes?»

Resposta: «Todos sabemos e aguardamos a notícia com o maior entusiasmo», foi a resposta.

Um pouco preocupada, perguntei se era o fim do mundo.

Resposta: «Não.»

Pergunta: «O que é então?», perguntei. O meu comunicador parecia obviamente entusiasmado e escreveu: «É um assunto de grande importância que abrirá os olhos das pessoas.»

Pergunta: «É o início do Milénio?» A isso ele respondeu que não sabia. «Bem, então continua e conta-me o que sabes», disse eu, e ele respondeu: «Disseram-me que terá lugar no próximo ano e que, quando acontecer, causará uma grande sensação, pois as pessoas serão compelidas a aceitar o facto desta penetração muito maior na atmosfera da terra e além dela, que revelará informações que deixarão as pessoas ofegantes de espanto.

Quando for cientificamente provado que o mundo agora invisível se pode tornar visível, isso mudará completamente as ideias atuais sobre o universo e o lugar do homem nele. Além disso, dará um ângulo diferente sobre o significado da própria vida, em oposição às teorias da maioria das pessoas. Sinto que o resultado de tudo isto será fazer as pessoas levarem a vida mais a sério, pois significa que o mundo é apenas uma parte muito pequena da nossa vida eterna, e também sei que porá fim à corrida ao armamento.»

Aqui eu interrompi: «Receio que possas estar errado quanto ao tempo.»

Resposta: «Não me parece.»

Pergunta: «Tens a certeza absoluta?», perguntei de forma um pouco rude. «Tens a certeza absoluta de que não estás a falar por falar (talking through your hat)?»

Houve uma longa pausa, e comecei a pensar que o tinha apanhado, pois estava a achar muito difícil acreditar em tudo o que ele me dizia; então a caneta moveu-se novamente e escreveu: «Minha querida Grace, por favor não penses que eu te enganaria deliberadamente.»

Pergunta: «Porque demoraste tanto a responder a essa pergunta?», perguntei, ignorando a sua resposta.

Resposta: «Fiquei apenas um pouco perturbado com ela.» Perguntei-lhe porquê, e ele respondeu: «Porque pareceu que não acreditavas em mim.»

Pergunta: «Achaste que eu estava a ser horrível, então?», perguntei.

Resposta: «Não», foi a resposta escrita, «apenas cética.»

Só posso concluir que, naquele mundo não físico, o fator tempo difere consideravelmente do nosso e que não é fácil sincronizar o tempo terreno com os acontecimentos tal como eles os veem ocorrer das torres de vigia daquele outro mundo. Ele tinha referido mais do que uma vez uma extensão da visão e dos sentidos e que era possível ver mais longe no futuro e também no passado e, a este respeito, afirmou uma vez que «Passado, presente e futuro eram todos um só: perdidos no eterno». Isto pode explicar o facto de, em várias ocasiões, eu ter sido informada de eventos, por vezes relacionados com a minha própria vida, que tiveram lugar meses, e uma vez mais de um ano, após terem sido previstos.

Após a palestra Reith de 30 de novembro, veio este comentário:

«Agora compreendes como aquilo que te tenho dito pode acontecer? Vês que tudo está a apontar para descobertas maiores e a mente científica está a sondar o espaço procurando descobrir o que jaz além da sua visão; e o próprio facto de que o eco da voz humana pode regressar da lua à terra quase instantaneamente, é prova de que o som viaja em ondas etéricas por vastas distâncias no espaço e que o que é inaudível para ouvidos humanos se pode tornar audível através de meios científicos, de modo que o que é agora invisível e inaudível para os sentidos humanos será, dentro de pouco tempo, tanto visto como ouvido, visto que o mundo que jaz acima da atmosfera da terra e a interpenetra está dentro da linha da descoberta. Tenho a certeza de que virá em breve e que salvará o mundo.»

1 de Dezembro

«Tenho mais para contar. Quando ouvires que um novo comprimento de onda foi sintonizado e que houve respostas que soam como vozes humanas, saberás o que isso significa. Ficaremos muito felizes quando isto acontecer, porque saberemos que a última barreira entre o mundo daqueles de nós que partiram e o mundo chamado Terra está a ceder.»

Na palestra Reith de 7 de dezembro, o Professor Lovell afirmou que havia uma dúvida sobre qual de duas hipóteses quanto à natureza e origem do universo estaria correta: a evolucionista ou a estática. Daí este comentário:

«Eu também estive a ouvir. Nós, por aqui, sabemos a resposta a essas perguntas. Acredito que a resposta será dada quando o evento de que te falei acontecer. Eu próprio não me sinto qualificado para explicar em detalhe o que ele tentará mostrar, quero dizer que é demasiado difícil de explicar cientificamente, isto é, em termos científicos, porque não pensamos em termos de física por aqui. Vemos as coisas sob uma luz diferente e de uma forma menos limitada. Sinto que nós, libertos das limitações de um mundo e de uma perspectiva física, ganhamos imediatamente um conhecimento, ou percepção, do Ilimitado em que o tempo e o espaço já não existem no sentido antigo, e as medições já não

são necessárias. Pensamos em termos de infinito e eternidade e sabemos que tudo se origina na Mente de Deus, que é Tudo o que É.»

Pergunta: «O que queres dizer com isso?», perguntei, e ele respondeu: «Quero dizer o Poder de Vida e Amor Todo-Existente, Todo-Sábio e Todo-Criador.»

O último comentário sobre as palestras Reith veio na mesma data, 14 de dezembro, e foi o seguinte:

«Estou contente por este homem e cientista admirável ter ficado convencido, como sinto que está, de que a origem do universo reside além do reino da física. Essa é a verdade, e as novas descobertas que estão ainda mais próximas do que ele prevê provarão de uma vez por todas que o universo [físico] é apenas uma parte, e uma pequena parte, da criação infinita. Existem universos muito além do alcance do maior telescópio que o homem pudesse conceber, pois todo o espaço está preenchido e é um vasto Cosmos espiritual que é, num sentido, a fonte de toda a criação.

Quando saímos da nossa limitada vida terrena para a esfera seguinte da nossa contínua experiência de vida, começamos a perceber o significado do Ilimitado, do Infinito e do Eterno. Ainda estamos, até certo grau, sujeitos a limitações, mas à medida que avançamos e subimos na nossa evolução como seres espirituais, crescendo em conhecimento e experiência, somos mais capazes de captar a magnitude de toda a Criação e chegamos a compreender o significado e o propósito de tudo isto. Nunca poderemos sondar a Mente do Criador Divino a quem chamamos Deus, mas podemos saber que estamos todos, por assim dizer, seguros na Sua Mão e que cada um é objeto do Seu cuidado e preocupação; que de facto "vivemos, movemo-nos e temos o nosso ser no Coração de Deus".»

Em junho de 1959, recebi subitamente a informação de que havia um lugar muito acima da terra onde o magnetismo era tão intenso que seria «impossível para o homem ir além dessa linha». Mais tarde, pedindo mais detalhes, foi-me dito que era «um campo de magnetismo devido a raios cósmicos de grande intensidade e que seria impossível para o homem passar por este campo sem receber tal volume de radiação atômica que

destruiria imediatamente o seu corpo físico». Também que este campo magnético estava no espaço exterior acima da terra.

Em 24 de dezembro do mesmo ano, foi anunciado de Moscovo que «radiação poderosa gerada por eletrões de alta energia a cerca de 38.000 milhas no espaço a partir da terra apresentaria um sério perigo para os viajantes espaciais». A informação viera através «dos instrumentos instalados em foguetões espaciais e no Sputnik III, que registaram a intensidade da radioatividade na segunda banda de radiação que circunda a terra. Os eletrões de alta energia registando até três milhões de volts.» O comunicado acrescentava que «não havia explicação teórica para a existência de tais eletrões de alta energia».

Parece que terá sido a isto que ele se referiu anteriormente naquele ano.

Em 12 de janeiro de 1960, foi-me dito que haveria, como ele disse, «uma descoberta que alteraria de tal forma as ideias atuais sobre a origem do universo, que faria os homens começar a pensar em termos de realidade espiritual».

Um mês depois, a 14 de fevereiro, foi anunciado de Paris que o Sr. Jean Charron, da Comissão Francesa de Energia Atómica, afirmara ter descoberto a «equação unitária» que os cientistas há muito procuravam para explicar a origem e as leis do universo. Ele disse que tentara encontrar um sistema de equações que descrevesse não só o que se pode ver, mas também a realidade física não visível. O que ele fizera fora dar o primeiro passo. Foi também afirmado que «físicos e matemáticos mundiais de topo estariam a iniciar o longo trabalho necessário para avaliar a teoria de Charron».

Quanto a estes prognósticos, só o tempo provará qual será o resultado e se a previsão do outro lado da vida é a correta, nomeadamente, que é a Realidade Espiritual que será provada como sendo a origem de todas as coisas.

Em conclusão, tenho de admitir que, ao levar a cabo o desejo constantemente expresso pelo meu comunicador, Gordon Burdick, de que tudo o que ele me contara sobre o que chamava «o outro lado da vida» fosse tornado público — visto que lhe fora exigido dar esta informação a um mundo necessitado; que era um trabalho que Deus lhe dera para fazer —, eu estive, ao princípio, relutante em obedecer. A minha própria inclinação natural era guardar a informação que andava a receber para mim e para alguns íntimos. Isto não foi permitido e, ao cumprir este dever que me foi imposto por alguém a quem não fui capaz de dizer «Não», espero sinceramente que aqueles que leram as páginas anteriores tenham sentido a sua fé fortalecida.

E os seus corações confortados e seguros de que a vida continua e que os nossos entes queridos não estão longe, mas sim muito perto, ajudando aqueles de nós que ficámos para trás a continuar a luta num mundo de conflitos.

Além disso, à medida que o conhecimento cientificamente provado da continuidade da vida cresce e se apodera das mentes de homens e mulheres que agora tateiam na dúvida e na incerteza quanto à vida além deste mundo físico, pode bem ser que «o véu» que tem sido «lançado sobre o rosto de todas as nações» quanto ao nosso estado futuro, seja retirado.

«Procurai e achareis», foi-nos prometido, mas o que é que devemos procurar ou descobrir? Certamente, é a real verdade sobre a herança espiritual e gloriosa da humanidade.

«Batei, e abrir-se-vos-á», continua a promessa d'Aquele que nos disse ser Ele «O Caminho, a Verdade e a Vida» — o caminho que nos levaria ao Pai e que na Casa desse Pai havia muitas moradas — lugar para todos. Não é então à porta da Casa do nosso Pai que somos instados a bater e que temos o direito de bater, sabendo que a porta nos será aberta de par em par, revelando algo das glórias que lá existem?

Para aqueles que argumentariam que já nos foi dito tudo o que precisamos de saber nas Escrituras, eu lembrá-los-ia de que, para aqueles que O rodeavam, o nosso Senhor disse: «Ainda tenho muitas coisas para

vos dizer, mas vós não as podeis suportar agora» — na linguagem moderna, «Ainda não as poderíeis compreender» —, pois as verdades imortais são-nos reveladas apenas à medida que estamos prontos para as receber e compreender.

No mundo em que vivemos atualmente, a ciência está continuamente a revelar novas maravilhas até agora não sonhadas e a humanidade encontra-se confrontada com possibilidades que, até há pouco tempo, seriam consideradas fantásticas e impossíveis. Estamos agora, acredita-se, a atingir um ponto onde a física já nada mais nos pode dizer. Para citar um eminente cientista:

«Toda a cosmologia deve eventualmente passar para a metafísica», e esta indicação de que o futuro da ciência é espiritual é corroborada pelas declarações de um outro Físico, o Dr. Donald Andrews, dos E.U.A., que diz: «Hoje, a ciência está a afirmar a religião». Ele diz-nos também que as mesmas experiências que nos estão a dar energia atômica estão também a dar-nos visão atômica e que, através desta nova visão atômica, é possível ver «além do material, para um novo horizonte do espírito».

Seguramente, então, é claro que não está fora dos limites da possibilidade que as novas maravilhas a serem reveladas — pois a revelação é um processo contínuo — possam ainda trazer perante nós um vislumbre do mundo além da nossa visão humana comum e, com ele, a certeza da vida futura que nos espera a todos.

Finis

APÊNDICE I

F. T. HILLIGER

Especialista em Caligrafia — Grafólogo

BRAMBLES, TRIGGS LANE, WOKING, SURREY

Nome: Reverendo G. Maurice Elliott.

Material: Oito amostras de várias caligrafias para comparação e comentários relativos à identidade.

DESCRIÇÃO DETALHADA DO MATERIAL SUBMETIDO PARA EXAME

Para fins de identificação, cada amostra foi marcada alfabeticamente, a lápis, pelo Rev. G. Maurice Elliott.

(a) Quarenta e duas (42) linhas escritas em cartão razoavelmente fino (o interior de um cartão de Natal) endereçado a "Grace", datado de 11 de dezembro de 1936 e assinado "Gordon".

(b) Oito linhas escritas na frente e no verso de um envelope com carimbo de correio de "Vancouver, B.C." datado de 25 de janeiro de 1956, endereçado a Miss Grace Rosher, com o nome e endereço do remetente, G. E. Burdick.

(c) Quatro (4) linhas de caligrafia, sem data e sem assinatura, sob a forma de uma pergunta mencionando especificamente o Sr. Elliott. Segue-se uma resposta escrita num estilo de caligrafia inteiramente diferente, sem data, mas assinada "Gordon E. Burdick".

(d) Duas (2) linhas de uma pergunta relativa a "Prova Científica", sem data e sem assinatura, no mesmo estilo de caligrafia da pergunta anterior (amostra (c)), seguidas por oito linhas escritas no mesmo estilo de caligrafia da resposta à pergunta na amostra anterior (c), também sem data e sem assinatura. Ao fundo desta amostra foi anexada uma nota, na caligrafia do "autor da pergunta", fazendo observações sobre a ocorrência de borrões no decurso da "resposta" que estava a ser escrita. Esta nota foi escrita com uma caneta de aparo diferente, contendo uma tinta de cor diferente — novamente, sem assinatura ou data.

(e) Trinta (30) linhas de uma cópia fotostática de uma carta de Correio Aéreo escrita cerca de julho de 1944, endereçada a "Grace" e assinada "GORDON?" em letras de imprensa.

(f) Uma carta datada de 8 de dezembro de 1957, endereçada ao Sr. Elliott e assinada por Grace Rosher.

(g1) Quatro (4) linhas de uma pergunta, sobre a "natureza ser cruel", seguidas pela resposta que compreende vinte e quatro (24) linhas no restante da página, com mais doze (12) linhas no verso. Dois estilos diferentes como em (c) e (d), sem assinaturas ou datas.

(g2) Treze (13) linhas seguidas pela assinatura "Gordon", sem data. A cidade de Worthing é mencionada. No restante da página, dezanove (19) linhas pertencentes à identidade do escritor — sem assinatura e sem data. O estilo da caligrafia é o das respostas das amostras (c), (d) e (g1).

As amostras (c), (d), (g1) e (g2) foram escritas em papel branco de qualidade, médio-fino, com uma superfície lisa e brilhante, com uma caneta de aparo normal, de ponta média-fina e bastante rígida. A tinta é azul-preta e a presença de borrões esporádicos indicaria que flui livremente.

Objetivo da Investigação e Exame

Estabelecer, para além de qualquer dúvida razoável, a identidade do autor das respostas às perguntas que aparecem nas amostras (c), (d) e (g1), e da escrita que compõe a amostra (g2).

Exame Preliminar do traço escrito de cada amostra sob o microscópio (ampliação < 30 vezes).

A título de explicação, foi estabelecido clinicamente que o traço real (isto é, o rasto de tinta deixado pela ponta da caneta no ato de escrever) é único e peculiar a cada escritor individual, exatamente da mesma forma que o padrão das impressões digitais de uma pessoa é único.

Resumidamente, quando examinado ao microscópio, o traço tem a sua própria individualidade ou "carácter" quanto à sua aparência — os bordos podem ser nítidos, entalhados ou mesmo desintegrados; a distribuição das partículas de tinta dentro dos limites desses bordos pode ser uniforme, pesada, espessa ou mesmo "oleosa", ou frouxamente integrada, etc. Para fins de identidade e análise, este "padrão" ou carácter do traço de um determinado escritor permanece suficientemente constante ao longo da vida.

(Ver “Das Strichbild” Zum form—und stoffproblem in der Psychologie der Handschrift, pelo Dr. Med. R. Pophal, Professor de Grafologia na Universidade de Hamburgo, publicado por Georg Thieme Verlag, Estugarda, 1950.)

Com base neste princípio, portanto, sete das oito amostras submetidas para exame foram escrutinadas ao microscópio e foi fornecida evidência suficiente para remover qualquer dúvida de que as amostras (a) e (b) foram escritas pela mesma pessoa, a saber, Gordon E. Burdick. Um exame dos movimentos de escrita conscientes e inconscientes reproduzidos pela cópia fotostática de uma carta de Correio Aéreo (e), forneceu evidência suficiente para remover qualquer dúvida de que o documento original foi executado pelo mesmo Gordon E. Burdick.

Ainda trabalhando no princípio acima, as amostras (c), (d), (g1) e (g2) foram examinadas microscopicamente a seguir e, embora as três perguntas tenham sido escritas num estilo de caligrafia, enquanto as respostas correspondentes foram escritas num estilo de caligrafia inteiramente diferente, foi fornecida evidência suficiente para estabelecer o facto de que as quatro amostras (c), (d), (g1) e (g2) foram escritas na sua totalidade por um único indivíduo.

Conclusão Preliminar

O objetivo principal deste exame foi agora atingido e, puramente do ponto de vista científico, existe evidência conclusiva de que o escritor que escreveu as perguntas também escreveu as respostas. As respostas não foram, portanto, de modo algum escritas por Gordon E. Burdick no sentido físico.

Por outro lado, todo o assunto não pode ser inteiramente descartado nesta fase, devido à extraordinária semelhança que existe entre o estilo de caligrafia adotado no processo de escrita das respostas e a caligrafia genuína e incontestada de Gordon E. Burdick nas amostras (a) e (b). (A amostra (e) é inadequada para a abordagem científica, pois é meramente uma cópia).

Comparação dos Dois Estilos Semelhantes de Caligrafia submetidos para Exame

Não obstante a Conclusão Preliminar já alcançada, a semelhança destes dois manuscritos apresenta uma semelhança tão próxima que exige um exame e comparação adicionais e, coletivamente, o número de traços que têm em comum é extraordinariamente elevado.

Grafologicamente, os traços dominantes de caligrafia manifestados pelas amostras genuínas (a), (b) e (e) são: Largura de espaço entre as letras de uma palavra, largura ligeiramente menor de algumas letras, algumas letras muito largas (ex: “m” e “w”), com algumas letras extremamente estreitas (ex: “a” e “o”). Da mesma forma, os movimentos de escrita por vezes abrangem um espaço considerável no processo de formação de certas letras (ex: a letra “s”, “g”, etc.), mas noutras alturas algumas das letras são muito "magras".

A zona média da escrita (letras pequenas, vogais, etc., distintas de letras altas como “th”, “b”, etc.) é de tamanho muito reduzido, mas há também uma variação acentuada no tamanho desta zona média, aqui e ali — compare o tamanho da letra minúscula “s” de “shed”, linha treze no interior do Cartão de Natal, com a altura das restantes letras da mesma palavra.

A zona inferior (movimentos abaixo da linha de base da escrita, ex: “g”, “y”, etc.) é muito longa e bem arredondada, com laçadas infladas no início e no meio de muitas palavras, ao passo que, invariavelmente, os traços descendentes que ocorrem na zona inferior no final das palavras são retos e não muito diferentes do numeral “7” no caso de um “y” e um “9” no caso de um “g”, num ou dois casos.

Os traços que ligam um traço descendente ao seguinte são por vezes na forma de uma “arcada”, como na forma escolar da letra “m”, mas aqui o movimento assemelha-se mais frequentemente a uma arcada "rastejante" do que a um arco de abóbada. Muito frequentemente este movimento preciso alterna com um movimento na direção oposta, nomeadamente o de uma

“grinalda” (garland), ex: a letra “m” é escrita como um “w”, etc. — mas, novamente, este movimento de “grinalda” assemelha-se a uma "travessa" (platter) em vez da forma convencional de cálice da letra “u” ou “w”.

Frequentemente as laçadas inferiores (zona inferior) misturam-se com a escrita da linha abaixo, ao ponto de penetrarem na zona média da linha seguinte, ex: linha 4 do cartão de Natal “Your”, a laçada inferior estende-se para além da linha abaixo. Invariavelmente, há uma laçada pronunciada no traço descendente da letra minúscula “p”.

A palavra “I” (Eu) tem a forma do numeral “9”, com a base da letra algo encurtada.

O traço final de uma palavra tem frequentemente uma inclinação acentuada para a esquerda em relação ao nível da linha de base.

Embora o grosso da escrita seja mais ou menos vertical, e por vezes se incline para a esquerda, o traço descendente do “L” maiúsculo inclina-se invariavelmente para a direita.

O rasto ou traço é de aparência "pastosa" com uma ligeira distinção na largura entre os traços ascendentes e os traços descendentes. A pressão ocorre durante a parte final de um traço descendente vertical e continua depois na curva da base da letra para revelar mais pressão numa direção horizontal. Grafologicamente, a “Pressão Dividida” manifesta-se pela evidência de pressão tanto nos traços descendentes como nos traços laterais.

A velocidade da escrita é "algo rápida".

O grau de regularidade é calculado pelo grau de constância da altura das letras minúsculas, o ângulo de escrita e as distâncias entre os traços descendentes: razoavelmente regular, com alguma irregularidade.

A escrita é razoavelmente ligada, mas ocorrem desconexões frequentemente após a primeira letra de uma palavra. Ocasionalmente, a letra final de uma palavra é destacada.

O “B” maiúsculo (com uma exceção no endereço da carta de Correio Aéreo “B.C.”), tem um espaço aberto na base da letra “B”, tanto em caracteres de imprensa como manuscritos.

O “E” maiúsculo tem frequentemente o traço lateral médio excessivamente estendido, tanto em caracteres de imprensa como manuscritos.

Talvez a peculiaridade inconsciente mais interessante desta escrita seja o ângulo de queda oblíquo da linha de base da palavra “and” (e) quando escrita por extenso, em relação à direção horizontal da linha de base do resto da escrita. Ocorrem exceções, contudo, no decurso das linhas 3 e 8 do texto da carta aérea, onde a palavra “and” é escrita numa direção horizontal.

Frequentemente o “G” maiúsculo e o “g” minúsculo são escritos na forma do numeral “8”.

Esporadicamente, ocorrem traços de cobertura acentuados (a caneta percorre o mesmo rasto duas vezes, ex: a formação dos “a”, “o” e “e” muito pequenos e estreitos).

O traço transversal horizontal do “H” maiúsculo começa frequentemente um pouco à esquerda do primeiro traço descendente em todas as três amostras genuínas. Além disso, existe a formação invulgarmente original do “X” em “Xmas”.

O “O” maiúsculo de imprensa, quando aparece dentro de uma palavra, é frequentemente menor em tamanho do que os outros caracteres de imprensa. Ver (e) linha 2 ROSHER; linha 3 LADBROKE; linha 4 LONDON, etc.

Existe uma ligeira semelhança de movimento na formação do “L” maiúsculo, ver (g1), mas como este é o único exemplo, não há propósito em comentários adicionais.

Sem S. (Semelhança).

O traço é definitivamente "pastoso", mas a variação de pressão dos traços ascendentes e descendentes é menos pronunciada. A pressão dividida, como descrito na página 3, secção 10, no entanto, é consideravelmente evidente ao longo da escrita reproduzida.

S.S. (Semelhança Significativa).

A velocidade da escrita reproduzida não é de modo algum lenta — na verdade, é escrita de forma bastante rápida, embora a velocidade do manuscrito original seja superior. O mero facto de a escrita reproduzida ser razoavelmente rápida é de considerável importância.

S.S.

A escrita reproduzida é razoavelmente regular, com irregularidades esporádicas.

S.S.

Por razões de "ditado", como descrito anteriormente, a escrita reproduzida é muito ligada, mas, mesmo assim, ocorrem desconexões esporádicas dentro das palavras; contudo, a sua frequência e "padrão" são insuficientes para serem característicos da escrita original.

Não S.

Os "B" maiúsculos que ocorrem na escrita reproduzida apenas em (c) e (g1) são formados de maneira semelhante ao manuscrito original, mas não aparece nenhuma folga na base da letra.

S.S.

O "E" maiúsculo em (c), (d) e (g2), embora não seja uma réplica quanto à forma, é formado por uma progressão de movimento semelhante e a extensão horizontal média é exagerada em (d), de forma semelhante ao manuscrito original.

S.S.

A palavra "and" (e) apenas cai ligeiramente numa ocasião, (c) linha 12. No entanto, deve ser realçado que a semelhança marcante dos

movimentos da caneta e a forma e tamanho das letras que compõem esta palavra "and", onde quer que ocorra ao longo da escrita original bem como da escrita reproduzida, é fantástica, para dizer o mínimo. (N.B. A extensão do traço final da letra "d" na escrita reproduzida deve-se ao processo de ditado, conforme já descrito).

Muito S.

Os "G" maiúsculos, embora nem sempre precisamente semelhantes, são bastante consistentes nos seus movimentos de escrita — as laçadas superiores e inferiores contêm maioritariamente movimentos de escrita idênticos. O "G" maiúsculo de "God" (c) linha 12, embora semelhante na forma, tem um movimento inverso da laçada na base da letra. Os "g" minúsculos, por outro lado, conformam-se de forma bastante estrita à formação escolar, com a única exceção de (c) linha 11, da resposta "gifts", onde o numeral "8" é imitado de forma algo laboriosa.

S.S.

A frequência de ocorrência de "traços de cobertura" nas letras minúsculas é notável para além da possibilidade de mera coincidência, uma vez que estes movimentos de caligrafia são inteiramente inconscientes.

Muito S.

O "H" maiúsculo não ocorre em nenhuma da escrita reproduzida, mas ocorre uma semelhança de movimento inquietante na formação da letra "x" em (g2) linha 6, "anxious", e na linha 25, "experience". Na escrita reproduzida, o "x" minúsculo em ambas as ocasiões é cruzado sem que a caneta deixe o papel ("ditado"), e quando este movimento é examinado ao microscópio, é extraordinário na medida em que a caneta atravessa o papel com um movimento quase idêntico ao dos cruzamentos originais do "x" e do "t". O ângulo feito por estes dois traços cruzados é também notavelmente semelhante.

Muito S.

Não havendo sucessão de caracteres de imprensa na escrita reproduzida, a ausência de qualquer manifestação desta peculiaridade do tamanho do "O" maiúsculo em relação às outras letras da mesma palavra é insignificante.

Não S.

OUTRAS CONCLUSÕES

De um conjunto abrangente de vinte (20) tendências e movimentos de escrita dominantes, conscientes e inconscientes no manuscrito original, nada menos do que dezasseis (16) destas tendências aparecem, num grau significativo, na escrita reproduzida. Em nada menos do que quatro (4) instâncias, a coexistência de semelhanças manifesta-se num "grau muito significativo".

As quatro (4) instâncias onde não se pode atribuir significância apreciável por via de comparação são: Nº 5. "Mistura" (Mingling); Nº 9. O "L" maiúsculo — material insuficiente disponível para fins de comparação; Nº 13. Discrepância relativa ao grau de "ligação" devido à influência externa da "mensagem" ser "ditada"; e Nº 20. O "O" maiúsculo, etc., não é repetido em nenhuma da escrita reproduzida.

Estas observações sugerem um aumento do grau de semelhança dos dois conjuntos de caligrafia, em vez de uma diminuição. Além disso, um exame e comparação adicionais destes dois conjuntos de caligrafia revelariam certamente muitas mais semelhanças conclusivas e significativas.

Falsificação

Em casos de falsificação deliberada e consciente, é possível para uma pessoa copiar e imitar a caligrafia de outro indivíduo com rigor suficiente para produzir um "desenho" do estilo original que engane o observador comum. Mas é praticamente impossível para um ser humano no estado consciente de existência forjar ou "desenhar", sem decalcar, durante qualquer período de tempo, uma série de falsificações tão consistentes em tantos aspetos como se manifesta nas quatro (4) amostras (c), (d), (g1) e (g2) submetidas para exame.

A CALIGRAFIA DA MISS GRACE ROSHER

Amostra (f)

Antes de proferir um veredicto final, alguns comentários sobre a caligrafia de Grace Rosher provavelmente fornecerão mais evidências em apoio às conclusões alcançadas até agora. A amostra (f) é uma comunicação escrita normalmente, cobrindo ambos os lados de uma folha única de papel de carta azul-claro. É interessante observar que certos movimentos completamente inconscientes e naturais que ocorrem nesta amostra (f) podem ser detetados também na escrita reproduzida. Bastará mencionar apenas três destes movimentos, a título de exemplo:

O movimento de ligação em "arcada" bastante elevado que ocorre entre o "o" e o "t" de "not", linha 8; o "not" e "what", linha 12, etc., aparece na amostra (c), linha 2 da pergunta — "ot" de "Elliot's", e linha 3, "other"; linha 6 da resposta "who", e linha 12 "of".

A curva ascendente e para a esquerda da zona média do "g" minúsculo que precede o traço descendente final no fim de uma palavra. Este movimento aparece na amostra (c) linha 7 da resposta "willing"; linha 8, "bring"; linha 9, "enlightenment"; linha 10 "suffering" e "lacking".

O movimento curvo ascendente e de varrimento para a esquerda do traço final do "d" minúsculo. Ver (c) linha 5 da resposta "and"; linha 7, "and". Ver (d) linha 2 da resposta "minds". Ver (g1) linha 1 da pergunta "find"; e linha 4 "and".

É altamente significativo que nenhum destes movimentos se encontre no manuscrito original de Gordon E. Burdick. Além disso, se por acaso as amostras "reproduzidas" foram marcadas alfabeticamente e por ordem cronológica de execução, então pode atribuir-se uma importância considerável ao facto de a influência dos movimentos de caligrafia inconscientes de Grace Rosher na escrita "reproduzida" mostrar uma diminuição acentuada nas amostras que foram escritas mais recentemente.

CONCLUSÕES

As amostras (a), (b) e (e) são os manuscritos genuínos de Gordon E. Burdick.

As amostras (c), (d), (g1) e (f) ostentam a caligrafia natural de Grace Rosher.

As amostras (c), (d), (g1) e (g2) ostentam um estilo de caligrafia escrito por Grace Rosher sob a forma de respostas às perguntas (tendo estas últimas sido escritas na sua caligrafia comum).

O estilo de caligrafia alterado que compõe as respostas e comunicações adicionais em (g2) apresenta uma semelhança tão próxima com a escrita genuína de Gordon E. Burdick, de tantas formas diferentes e de maneira tão consistente em todas as quatro (4) amostras submetidas, que o menos que se pode dizer, perante um fenómeno aparentemente sem precedentes, é que a escrita reproduzida por Grace Rosher foi, se tal for humanamente possível, genuinamente inspirada pela personalidade de Gordon E. Burdick.

(Assinado)

F. T. HILLIGER,

28 de Janeiro de 1958

APÊNDICE II

UMA EXPERIÊNCIA DE CORRESPONDÊNCIA CRUZADA

No verão de 1959, por sugestão do Sr. F. T. Hilliger, foi proposto que uma senhora dos E.U.A. que visitava Inglaterra tentasse uma experiência de troca de controlos. O marido dela, um clérigo, falecera catorze anos antes, mas durante o ano corrente ela começara a receber comunicações por escrita automática com uma caligrafia muito semelhante à dele em vida.

Foi combinado que eu pediria ao meu comunicador para encontrar o Sr. X e trazê-lo para escrever através de mim, enquanto Gordon Burdick escreveria através da Sra. X.

Notei que, enquanto a Sra. X parecia estar a obter escrita, tudo o que eu obtinha era fila após fila de rabiscos minúsculos. Por fim disse: "O que se passa com o Sr. X, ele só consegue produzir rabiscos!". Transpirou então que, como eu estava apenas a apoiar os dedos muito levemente na caneta sem realmente a agarrar, ele era incapaz de a controlar. A Sra. X, por outro lado, segurava a caneta com muita firmeza. Assim que fiz o mesmo, a escrita apareceu, extremamente pequena como os rabiscos, e era uma caligrafia com a qual eu não estava minimamente familiarizada.

O método de expressão também revelava uma personalidade inteiramente diferente do meu próprio comunicador. O Sr. X tinha uma idade considerável na altura da sua partida, e aparentemente era, no modo e na fala, muito da "velha escola". O grafólogo examinou os resultados e relatou que as experiências foram bem-sucedidas, acrescentando que parecia incrível que tal coisa pudesse ser feita.

APÊNDICE III

Cientistas cujos nomes não podem ser divulgados mostraram interesse na informação científica recebida. Certas perguntas foram feitas e as respostas indicaram a medição de um comprimento de onda muito mais curto do que qualquer um descoberto até então.

Um dos questionadores pedira que a resposta fosse expressa em metros ou megaciclos. Eu, que era ignorante sobre estas coisas, procurei a palavra "megaciclo" no dicionário, mas não estava lá. Perguntei ao meu comunicador e a resposta foi: "um milhão de movimentos de onda a rodar a uma velocidade tremenda num padrão constante". Mais tarde, um cientista ("do outro lado") trazido por ele respondeu que: "Um megaciclo era a medição de uma frequência que tinha um milhão de rotações por segundo".

Fiquei indignada com tal resposta, que me pareceu impossível! Como poderia alguém contar um milhão num segundo! Achei que estava a ser enganada e parei a sessão. Semanas depois, perguntei casualmente a um conhecido com conhecimentos científicos o que era um megaciclo. "Sim," respondeu ele, "é um milhão de movimentos de onda por segundo." "Mas," exclamei eu, "foi o que me disseram, e eu não consegui acreditar."

APÊNDICE IV

Desde que o manuscrito deste livro foi entregue aos editores, surgiu um novo desenvolvimento na escrita. Como anteriormente declarado, forme-me pedido para relaxar o aperto na caneta. A 22 de julho deste ano de 1961, notei com surpresa que, embora a minha mão estivesse perfeitamente quieta, a caneta vibrava muito rapidamente. Ao levantar a mão, a escrita veio com as palavras todas ligadas.

A caneta estava a equilibrar-se na borda do meu dedo indicador e escreveu: "Estou a tentar escrever com o mínimo de contacto possível contigo", concluindo: "isto é apenas um passo mais perto de eu ser capaz de escrever sem qualquer contacto contigo de todo". Desde então, a escrita melhorou muito e as palavras já não estão ligadas, tendo o escritor adquirido força própria para levantar e baixar a caneta, mesmo naquela posição precária.

Nota Técnica sobre Megaciclos

O termo megaciclo (Mc) era a unidade padrão para um milhão de ciclos por segundo até ser oficialmente substituído pelo Megahertz (MHz) em 1960 pelo Sistema Internacional de Unidades (SI). A definição dada no texto (1 Mc=10⁶ ciclos/segundo) está tecnicamente correta para a época.